



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH

VICTOR PROVENZANO

É AULA OU É ESPORTE? PENSANDO O BRASIL ATRAVÉS DAS COPAS DE 1950 E 2014.

RIO DE JANEIRO 2020

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

P969	Provenzano, Victor É aula ou é esporte? Pensando o Brasil através das copas de 1950 e 2014. / Victor Provenzano. -- Rio de Janeiro, 2020. 132 f. Orientador: Flavio Limoncic . Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2020. 1. História do esporte. 2. Ensino de História. I. , Flavio Limoncic, orient. II. Título.
------	---

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Dora e Roberto, meus pais, seu amor, incentivo e luta me permitiram chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado, saúde e força para buscar os meus objetivos.

À minha mãe pela força, carinho, cuidado e companheirismo, sempre foi para mim um porto seguro em todos os momentos.

À meu pai que, provocou em mim o amor pelo esporte, especialmente o futebol, sua perseverança e responsabilidade representam um exemplo do que busco ser todos os dias.

À meu amado irmão Marco que, ao longo de todos estes anos, esteve ao meu lado e participou de todos os meus desafios, os meus fracassos e as minhas vitórias.

Aos meus tios e primos por terem me apoiado e participado da minha formação.

Aos meus avós, pela alegria e unidade que sempre foram capazes de proporcionar, sua história de vida fomentou em mim o gosto e a curiosidade pela ciência histórica.

À Livia, pelo incentivo, amor e companhia na fase final de elaboração deste trabalho.

À esta universidade e a todo o corpo docente e administrativo do Profhistória, pela competência como conduzem esta pós graduação permitindo àqueles que participam do programa um crescimento pessoal, profissional e acadêmico.

À meu estimado orientador que ofereceu o suporte necessário para elaboração deste trabalho, suas diretrizes , sua paciência , disponibilidade e interesse foram fundamentais para a conclusão do mesmo.

Aos meus colegas de turma e de profissão que me ensinaram muito e me fizeram admirar ainda mais a docência e o que ela representa.

À todos aqueles que direta ou indiretamente participaram do meu desenvolvimento e do desenvolvimento deste projeto, o meu muito obrigado.

RESUMO

PROVENZANO, Victor. *É AULA OU É ESPORTE? PENSANDO O BRASIL ATRAVÉS DAS COPAS DE 1950 E 2014*. 131f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Nesta dissertação, refletimos acerca da materialização e expansão do esporte como objeto de estudo e sua consolidação como um campo de investigação histórica dos mais importantes. Concomitantemente, diante dos desafios enfrentados pelo Ensino de História, não identificamos o mesmo tipo de projeção e tratamento dado ao esporte na linha frente da educação básica. Buscamos, portanto, desenvolver uma experiência metodológica de ensino de História do Brasil que utilize eventos esportivos na complexificação do conhecimento e como ponto de partida de uma aula para estudantes do Segundo Ano do Ensino Médio. Pretendemos averiguar se tal experimento será efetivo em sua capacidade de fomentar a problematização e a reflexão de conceitos e contextos históricos, dinamizando a aula, tornando os alunos protagonistas e permitindo a troca de saberes a partir da comparação de duas temporalidades que envolvem, neste caso específico, como objetos, as Copas do Mundo de Futebol de 1950 e de 2014.

Palavras-chave: História do esporte. Ensino de História. Educação básica. Eventos esportivos. Experiência metodológica. Conhecimento histórico. Saberes e práticas. História do Brasil. Copa do Mundo de 1950. Copa do Mundo de 2014.

ABSTRACT

PROVENZANO, Victor. ***IS IT CLASS OR IS IT SPORT? THINKING BRAZIL THROUGH THE CUPS OF 1950 AND 2014.*** 131f. Dissertation (Professional Master's Degree in National Network PROFHISTORIA) - Federal University of the State of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

In this dissertation, we reflect on the materialization and expansion of sport as an object of study and its consolidation as one of the most important historical research fields. Concomitantly, in view of the challenges faced by History Teaching, we have not identified the same type of projection and treatment given to sport in the front line of basic education. Therefore, we seek to develop a methodological experience of teaching Brazilian History that uses sporting events in the complexification of knowledge and as a starting point for a class for Second Year High School students. We intend to find out if such an experiment will be effective in its ability to foster the problematization and reflection of historical concepts and contexts, streamlining the class, making students protagonists and allowing the exchange of knowledge through the comparison of two temporalities that involve, in this specific case, as objects, the Football World Cups of 1950 and 2014.

Keywords: History of sport. History teaching. Basic education. Sports event. Methodological experience. Historical knowledge. Knowledge and practices. History of Brazil. 1950 World Cup. 2014 World Cup.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – HISTÓRIA DO ESPORTE E ATRAVÉS DO ESPORTE	8
1. O POTENCIAL DOS EVENTOS ESPORTIVOS NA AULA DE HISTÓRIA.....	14
1.1 O Esporte nos livros didáticos de História.....	14
1.2 O tratamento de fontes na Educação Básica	25
1.3 A Escolha das Copas de 1950 e 2014 – Justificativas e Objetivos	32
2. DO MUNDIAL DE 1950 A COPA DE 2014 – TRANSFORMAÇÕES E CONTINUIDADES QUE O FUTEBOL AJUDA A ENXERGAR.....	41
2.1 BNCC e o Ensino de História.....	41
2.2 O Brasil de 1950	43
2.3 O Brasil de 2014	51
2.4 O Esporte como Termômetro da Sociedade	59
2.5 A Perspectiva da Cultura Histórica	61
3. SELEÇÕES EM CAMPO E EM SALA DE AULA	67
3.1 Detalhamentos da Proposta – Uma Perspectiva Comparada.....	67
3.2 A Importância dos Eixos Temáticos.....	71
3.3 As Caixas Históricas – Passo a Passo	76
3.4 Objetivo Final do Trabalho	80
REFERÊNCIAS:.....	81
ANEXO I – CAIXA HISTÓRICA 1950 – EXEMPLOS DE FONTES DISPONIBILIZADAS.....	89
ANEXO II – CAIXA HISTÓRICA 2014 – EXEMPLOS DE FONTES DISPONIBILIZADAS.....	113

INTRODUÇÃO – HISTÓRIA DO ESPORTE E ATRAVÉS DO ESPORTE

São 7 horas da manhã, segunda-feira, um dia de sol, um aluno do terceiro ano do ensino médio aborda o professor logo na entrada e diz:

- Professor, viu o jogo da Croácia contra a Argentina? O narrador falou sobre a desintegração da Iugoslávia e eu me lembrei da aula de semana passada.

Na mesma hora, o professor responde:

- Hoje falaremos sobre cultura histórica. O aluno retruca:

- Como assim professor? Que negócio é esse?

- Esse negócio tem tudo a ver com o jogo que você assistiu, com a representatividade e influência de grandes eventos esportivos e com muito mais! Replica o entusiasmado professor.

- Espera aí, então não vai ter aula hoje? Indaga surpreso o estudante.

Prontamente veio a confirmação:

- Claro que vai, vamos falar de esporte!

- Continuo sem entender, responde ele. Afinal de contas: É aula ou é Esporte?¹

Muitas vezes os professores da educação básica utilizam mecanismos e movimentam uma série de saberes em suas aulas sem associá-los necessariamente à metodologias e termos que circulam no meio acadêmico. Práticas socioculturais se articulam e se manifestam de diversas formas e chegam ao ambiente escolar das mais variadas maneiras. Reflexões sobre filmes, literatura, games, roteiros turísticos, histórias de vida evidenciam essa relação entre práticas sociais e culturais e o ensino de história mais especificamente.

¹ Dialogo com aluno do terceiro ano do ensino médio do Colégio e Curso Intellectus em uma segunda-feira dia 25/06/2018, o dialogo faz referencia a vitória da Croácia diante da Argentina por 3x0 na fase classificatória do mundial de futebol do mesmo ano. O jogo aconteceu em uma quinta-feira dia 21/06. No sábado do dia 09/06 durante uma aula de resolução de exercícios visando a prova da UERJ, resolvemos uma questão que abordava o processo de desintegração da Iugoslávia, utilizei o esporte como um elemento importante para a compreensão deste processo. O aluno se referia à esta questão do projeto.

Poucas manifestações culturais no século XX e neste início de século XXI conseguiram reunir, mobilizar e fazer parte do cotidiano das pessoas como o esporte. Como exemplos, basta mencionar que há mais associados à FIFA e ao COI do que à ONU e que as maiores audiências televisivas desse período foram obtidas por ocasião das transmissões de Copas do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos².

Não surpreende, assim que, por atingir tamanha proporção e fascínio, práticas esportivas, políticas esportivas e principalmente os eventos esportivos tenham sido habilmente utilizados por diferentes segmentos sociais e políticos como um instrumento de ação eficaz.

O Esporte é uma ferramenta de inclusão social, de ludicidade, de promoção de saúde, uma ferramenta econômica, e claro, um instrumento político e ideológico dos mais poderosos. Não estamos falando de um tradicional e estereotipado modelo de “pão e circo”, no século XX os jogos, o entretenimento e principalmente a relação esporte/sociedade atingem outro nível. É preciso destacar neste contexto os avanços da comunicação.

No meio acadêmico a história do esporte e do lazer, a ocorrência do esporte em processos de desenvolvimento, assim como estudos sobre o corpo, ganharam projeção nas últimas décadas. (COALTER, 2007; GIULIANOTTI, 2005; DARBY, 2002; AGOSTINO, 2002, MELO 2010, SANTOS, DRUMOND, FORTES E MELO 2013, SILVA 2006, SOUZA, 2008)

Pesquisadores como Richard Giulianotti, por exemplo, desenvolvem trabalhos que apontam o esporte, e especialmente o futebol, como um objeto fundamental de apreciação e apreensão dos processos de globalização contemporâneos. O autor sustenta que a análise da globalização do futebol pode promover tanto a sociologia do jogo quanto nossa compreensão teórica da globalização (GIULIANOTTI, 2005). Denaldo Archone de Souza analisa como o futebol foi utilizado por diferentes atores sociais na construção de uma identidade nacional nas décadas de 1930 e 1940 e como a oficialização do esporte brasileiro insere-se neste campo de disputa (SOUZA, 2008). Em *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional* (AGOSTINO, 2002), Gilberto Agostino apresenta a relação do futebol com a política empregada em espaços

² <https://nacoesunidas.org/conheca/paises-membros/>
<https://www.fifa.com/associations/>
<https://www.olympic.org/ioc-members-list>

e tempos diferentes, mostrando como o esporte foi utilizado como uma ferramenta por diversos grupos e segmentos sociais. Partindo de uma geopolítica mundial do futebol, o autor envolve e aborda conteúdos e conceitos como: identidade nacional, resistência, alteridade e autoritarismo. Em *Memória social dos esportes: Futebol e Política – A construção de uma identidade nacional* (SILVA, SANTOS 2006) os autores se debruçam sobre temas como a gênese do futebol no Brasil e no Rio de Janeiro, os impactos sociais e políticos da popularização e profissionalização deste esporte, os papéis culturais do futebol refletidos também na música e no cinema, além das investigações sobre a presença feminina no futebol brasileiro ao longo dos anos,

Importante salientar que o futebol não é o único objeto de pesquisa possível dentro desta temática. A historiadora Vivian Luiz Fonseca em *Capoeira Sou Eu; memória, identidade, tradição e conflito*, utilizando fundamentalmente a história oral, analisa as disputas de memória, os conflitos identitários e a maneira pelas quais os mestres de capoeira articulam, significam e resignificam o passado (FONSECA, 2009). O trabalho desenvolvido por Judith Holmes em *Olimpíada – 1936: glória do Reich de Hitler* é outro exemplo que foge a temática futebolística, a autora investiga como a Alemanha nazista usou os Jogos Olímpicos de Berlim no entre guerras para resgatar a autoestima de sua população, difundir dogmas e principalmente, exaltar o conceito de superioridade da raça ariana. A obra ainda trata de cinema, pois o filme *Olympia* destaca a conotação que o corpo ganhou na sociedade alemã do período e analisa como o esporte foi usado para disciplinar e preparar a juventude para a guerra que estava por vir, tornando-se um dos exemplos mais famosos de como os Jogos podem ser apropriados para fins políticos e propagandísticos (HOLMES, 1974).

O historiador Mauricio Drumond em *Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955)* traça uma apreciação comparada entre os processos de utilização do esporte como ferramenta no âmbito dos governos de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. O autor avalia de que forma estes governos teriam se utilizado de eventos esportivos como propaganda, mecanismo de controle e manifestação na consolidação de uma identidade nacional e de um ideário oficial. Em seu texto, embora enfatize o futebol, também trata e considera atividades como o automobilismo, capoeira, tênis, entre outros (DRUMOND, 2007). O campo da História Comparada é um terreno fértil que abraça as investigações sobre o Esporte. Embora existam limites, este é um campo produtivo de análise, uma vez que,

as práticas, eventos e instituições esportivas possuem caráter transnacional, além disso, o exercício da comparação provoca a identificação de novas questões e novos problemas, que não necessariamente, seriam observados em uma primeira abordagem.

Instituições, jornais e revistas acadêmicas em todo mundo abrem suas portas aos historiadores do esporte há algumas décadas. Como exemplos: o *Canadian Journal of History of Sport*, que começou em 1972, o *Journal of Sport History*, órgão oficial da *North-American Society of Sport History* (NASSH), desde 1973, na Austrália, a *Sociedade Australiana de História do Esporte* (ASSH) iniciou a publicação da *Sporting Traditions*, em 1984. No continente europeu, a *Sociedade Internacional para a História da Educação Física e Esporte* (ISHPES) é uma das pioneiras e mais significativas sociedades científicas que se debruçam sobre o tema, o ISHPES surgiu em 1989 através da fusão do ICOSH e da HISPA.

O ICOSH (Comitê Internacional para a História da Educação Física e Esporte) foi fundado em 1967 em Praga, a HISPA (Associação Internacional para a História da Educação Física e Esporte) foi fundada em 1973 em Zurique, o ISHPES é afiliado ao Conselho Internacional de Ciência do Esporte e Educação Física (ICSSPE) e coopera com outras organizações internacionais de ciência esportiva e educação física em todo planeta³.

Investigações sobre o esporte em países africanos de língua portuguesa e o potencial destes estudos para compreensão do passado e presente de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné – Bissáu tem merecido a atenção de pesquisadores portugueses, brasileiros e evidentemente africanos. A possibilidade de através e a partir da avaliação de práticas esportivas desenvolverem uma maior compreensão sobre laços sociais, contextos de resistência e dominação, fomenta trabalhos importantes e de significativa projeção sobre esta matéria na América do Sul, Europa e África⁴.

³ Maiores informações sobre tema ver: VAMPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. Revista Tempo. Niterói, v.19, n.34, p. 5-17, 2013.

⁴ Merecem destaque sobre o tema Nuno Domingos, "O desporto e o Império Português", In: José Neves, Nuno Domingos, Uma história do desporto em Portugal, Matosinhos, Quidnovi, vol. 2, 2011, p. 51-107. Victor Andrade de Melo, Marcelo Bittencourt, Augusto Nascimento (orgs.), Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano, Rio de Janeiro, Apicuri, 2010.

Em diversas partes do globo a produção acadêmica voltada para o esporte tem obtido amplas e significativas vitórias, no Brasil também é exponencial o crescimento de pesquisas referentes ao tema, justamente por que estes pesquisadores e pesquisadoras identificam na prática esportiva e em especial nos eventos esportivos uma importante possibilidade de compreensão social.

Laboratórios e centros de pesquisa como o “Sport”: Laboratório de História do Esporte e do Lazer na UFRJ, o NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade) na UFF, O LESP (Laboratório de Estudos do Esporte) na FGV, são exemplos da relevância alcançada por este campo de investigação dentro de algumas das principais instituições universitárias brasileiras. Coletâneas de artigos, revistas, palestras, debates e livros produzidos e vinculados a laboratórios como estes, são essenciais para todos aqueles que se interessam e enxergam a importância deste campo de investigação.

Fundada na década de 1980 a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB) registra e debate a história da Educação Física brasileira a partir de diferentes olhares, concepções, abordagens, temas e objetos que envolvem toda a ciência do esporte. A *Recorde: Revista de História do Esporte* é uma revista científica editada pelo “Sport”: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IH/UFRJ), o periódico publica artigos que se debruçam sobre as práticas corporais institucionalizadas (esporte, educação física, dança, ginástica, capoeira, entre outras), bem como, sobre as atividades de diversão e lazer, do ponto de vista das ciências humanas e sociais, especialmente da História. A *Esporte e Sociedade* é uma publicação do NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade) vinculada a Universidade Federal Fluminense (UFF) tem como objetivo contribuir para o avanço dos estudos sobre esporte a partir do diálogo com as ciências sociais e humanas, suas linhas de pesquisa abraçam temáticas como: gestão esportiva, mercado, projetos sociais relacionados ao esporte, imprensa, suas narrativas e representações, corpo, gênero e sociabilidade, além de um olhar sociológico sobre estádios e torcidas.

Pretendemos destacar que pesquisas nestas áreas vêm abrindo espaços, superando barreiras e se consolidando como campos de investigação histórica dos mais importantes, pois o esporte como objeto de estudo mostra-se útil na averiguação das mais tênues nuances das relações sociais (GENOVEZ, 1998).

No livro *Pesquisa Histórica e Historia do Esporte*, os autores partem da premissa de que o esporte possui uma “consciência de historicidade”, em outras palavras, o estudo sobre o esporte é um meio possível de compreensão social, pois este é simultaneamente sujeito e produto da historia. Eventos esportivos são meios e fontes através do qual podemos compreender a história em sentido mais amplo, sendo assim, além de uma historia do esporte seria possível fazer uma história através do esporte. (Melo et. al, 2013). É essa perspectiva em particular que mobiliza este trabalho, a possibilidade de fazer uma história através do esporte também no ensino básico, utilizando eventos esportivos, como objetos de investigação que permitam o alcance de fontes para que a partir delas uma complexificação e reflexão sobre determinados contextos e conceitos seja realizada, sem evidentemente, jamais perder de vista os agentes, os meios e a recepção que produzem e alcançam.

Através destas obras, afirma-se decisivamente, e de forma crescente - entre os desportistas, estudiosos do esporte e seus apreciadores – uma cada vez mais plena “consciência de historicidade”: a consciência de que o esporte, em cada uma de suas inúmeras modalidades, constitui um universo em permanente transformação, relacionado aos contextos históricos que os definem e aos quais ele mesmo, como força social e cultural atuante, ajuda a redefinir (Melo et. al, 2013. P. 11).

Apesar disso, não identificamos o mesmo tipo de projeção e tratamento na linha de frente da educação básica. Enquanto os estudos históricos sobre o esporte alcançam outro patamar e afirmam sua relevância como campo científico, o ensino de história parece não acompanhar o desenvolvimento deste trabalho. Pelo alcance que tem, por ser um elemento próximo à realidade de alunos e professores, os eventos esportivos e a História do Esporte não são adequadamente aproveitados nos ensinamentos fundamental e médio.

1. O POTENCIAL DOS EVENTOS ESPORTIVOS NA AULA DE HISTÓRIA

No século XX e neste início do século XXI, o esporte e os eventos esportivos se configuram como um das mais expressivas formas de manifestação cultural e de manifestação de uma cultura histórica, possibilitando em diversos ambientes, estabelecer a partir deles uma conexão social com o passado. O ambiente científico de produção acadêmica já se apercebeu deste fato, o ambiente escolar da educação básica ainda não totalmente.

O presente projeto parte de algumas observações e inquietações relacionadas à minha prática como docente. Em primeiro lugar, a relação pouco afetiva e até mesmo desinteressada de muitos alunos com as apostilas e livros didáticos de história utilizados em colégios onde atuo ou já atuei como docente. Em segundo lugar, a percepção de que existem elementos que são instigadores dentro de uma aula e que muitas vezes são subaproveitados por docentes e discentes, entre eles, o esporte.

1.1 O Esporte nos livros didáticos de História

Nos livros didáticos, por exemplo, história e esporte encontram-se distanciados, desconectados e quando algum evento esportivo é mencionado, na maioria das vezes ele aparece como um apêndice, tendo um caráter meramente ilustrativo. Evidente que existem exceções, mas mesmo as exceções se limitam a uma análise muito restrita diante do universo de possibilidades proporcionado por este campo de investigação histórica. Para chegarmos a essa conclusão, além da experiência cotidiana profissional na educação básica, quatro livros didáticos de grande circulação nos colégios do ensino médio da cidade do Rio de Janeiro e uma apostila foram selecionados como objetos de apreciação.

O critério de seleção deste material segue os seguintes parâmetros: 1- Livros e apostila do ensino médio que já utilizei e (ou) ainda utilizo em instituições onde trabalho, 2- O material é de volume único, de grande circulação e adotado por muitas escolas na cidade e estado do Rio de Janeiro. 3 – O material selecionado segue critérios

e especificações vinculados ao PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e ao PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) do ensino médio.

Em *Estudos de História*⁵, os autores apresentam tópicos que procuram sintetizar algumas das grandes transformações observadas no plano sociocultural brasileiro a partir da proclamação da República. Estes tópicos mapeiam desafios, apontam e discutem caminhos e perspectivas que marcaram o Brasil no final do século XIX e ao longo de todo século XX. São eles: educação, meio ambiente, preservação do patrimônio, literatura, cinema, teatro, música, artes plásticas, ciência e tecnologia.

A abordagem proposta é muito interessante, entretanto é significativa a ausência do esporte. O esporte não é entendido como um elemento sociocultural e, portanto, não ganha uma abordagem investigativa, ficando ausente como possibilidade de objeto de investigação deste processo de transformação abordado no livro.

Em *História: Volume único*⁶, os autores identificam o esporte como manifestação cultural. A capoeira aparece como um elemento da cultura popular reconhecida como esporte nacional, sendo este reconhecimento associado a uma estratégia de reforço do sentimento de nacionalidade promovido pelo Estado Novo Vargas, mas é o futebol que recebe um destaque maior dentro desta dimensão.

As Copas do Mundo de Futebol de 1950, 1954, 1958, 1962, e 1970 são abordadas e valorizadas no livro, entretanto, a abordagem é bastante restrita, descritiva em alguns momentos, os eventos esportivos não são problematizados, paralelos não são traçados e o texto não dialoga com o aluno de forma mais profunda e atrativa. A abordagem descritiva, embora evidencie a relevância destes eventos, não permite identificar, analisar e discutir de forma significativa a historicidade dos mesmos.

⁵ Estudos de História: ensino médio, volume único / Ricardo de Moura Faria, Monica Liz Miranda, Helena Guimarães Campos. – 1ed – São Paulo : FTD, 2010.

⁶ História, volume único / Ronaldo Vainfas...[et al] .. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

OUTRA DIMENSÃO: CULTURA

As Copas do Mundo: do desastre de 1950 ao bicampeonato

A primeira Copa do Mundo depois da Segunda Guerra Mundial foi marcada para 1950, no Brasil, o que levou à construção do estádio do Maracanã. Favorita, a seleção brasileira era formada por grandes jogadores. Salvo pelo empate com a Suíça, o Brasil venceu seus adversários, com destaque para a goleada de 7 x 1 sobre a equipe da Suécia. Na semifinal contra a Espanha, 150 mil pessoas no Maracanã cantaram as "Touradas de Madri", enquanto os brasileiros humilhavam os espanhóis, num resultado de 6 x 1. O jogo final seria contra o Uruguai.

Nas ruas, havia a certeza de que o Brasil seria campeão da Copa, bastando o empate para a conquista. Mas a seleção uruguaia acabou vencendo o jogo nos 10 minutos finais por 2 x 1. No Maracanã, cerca de 200 mil pessoas silenciaram, muitas choraram, compondo um verdadeiro desastre.

Quatro anos depois, na Copa da Suíça de 1954, a atuação do Brasil foi insignificante, sendo eliminado pela Hungria — considerada a melhor seleção do torneio. Em 1958, a seleção brasileira partiu para a Suécia desacreditada,

embora formada por notáveis jogadores, como Didi, Gilmar, Nilton Santos, Zito, Bellini, Vavá, Garrincha e um jovem de 17 anos chamado Pelé.

A atuação da equipe foi empolgante, com dribles e cruzamentos precisos feitos por Garrincha. A final seria disputada contra a seleção da Suécia, os donos da casa. O resultado foi a vitória dos brasileiros em impiedosa goleada por 5 x 2. Pela primeira vez, o Brasil foi campeão do mundo. A partir daí, o jovem Pelé seria considerado o rei do futebol pela imprensa internacional.

Praticamente a mesma seleção foi enviada para a Copa do Chile, em 1962, mas o desempenho inicial não foi o mesmo. Após sofrer uma grave contusão, Pelé não pôde mais jogar nessa Copa. Com isso, Garrincha tomou para si a responsabilidade de comandar o time, marcando gols nos jogos seguintes.

Depois de eliminar o Chile, o Brasil venceu a final contra a Tchecoslováquia. O bicampeonato estimulou uma série de manifestações ufanistas, como a marchinha lançada em 1958 que iniciava com "A taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa...".



Seleção Brasileira de futebol posa para fotografia antes da partida contra o Chile na Copa do Mundo de 1962.

Arquivo/AE

Figura 1: História, volume único / Ronaldo Vainfas...[et al] .. 2. Ed. São Paulo: Saraiva,2014. P.738.

Inflação alcança 110%
1980

Frustrado o atentado no Riocentro, articulado pela linha dura do regime.
1981

OUTRA DIMENSÃO: CULTURA

Futebol e ditadura: a Copa de 1970

A seleção brasileira de 1970 tinha um poderoso ataque, formado por Jairzinho, Pelé e Tostão, junto a um meio-campo eficaz e criativo, composto por Gérson, Clodoaldo e Rivelino. A defesa não era brilhante, mas sabia segurar o adversário nos momentos decisivos e, se falhasse, o ataque fazia gols para compensar. Mas havia um problema

que incomodava muita gente: o Brasil vivia o período mais duro da repressão política e a vitória da seleção poderia ser utilizada pelos generais para popularizar a ditadura. Ao final, a maioria esqueceu a questão política e torceu pela "seleção canarinho", como se dizia na época.

A vitória brasileira de 1970 foi espetacular e consolidou o prestígio do país no futebol internacional. Internamente, o regime militar incorporou a vitória na Copa como mais um instrumento de propaganda. Médici recebeu os atletas em Brasília demonstrando imensa alegria, diante das câmaras de televisão. Enquanto o Brasil jogava a Copa, em junho de 1970, a guerrilha urbana sequestrava o embaixador alemão no Rio de Janeiro. Para os guerrilheiros só interessava libertar os companheiros presos nos "porões" da ditadura.



Seleção Brasileira na Copa de 1970, no México.

Figura 2: História, volume único /Ronaldo Vainfas...[et al] .. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2014. P.754.

O livro *História: das cavernas ao terceiro milênio*⁷, utiliza na secção de atividades, questões que estimulam um pensar mais crítico sobre determinados cenários. Alguns destes exercícios partem da análise de determinados eventos esportivos.

Veja o caso abaixo:



- Analise a tabela da página 568 e descreva o contexto da economia argentina no período da Copa de 1978.
- Considerando o contexto descrito na questão anterior, defina a importância da vitória argentina na Copa do Mundo para a política do ditador Jorge Videla.
- Na mesma década, situação semelhante a essa ocorreu em outro país sul-americano. Identifique o país e o ano.
- A intenção dos governos militares foi a mesma nesses dois países? Justifique.

Figura 3: BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. 5 Ed.- SÃO Paulo : Moderna, 2017 – (Vereda digital). P.575

⁷ BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. 5 Ed. Moderna, São Paulo , 2017 – (Vereda digital).

É evidente que a atividade proposta pelos autores pressupõe um trabalho de pesquisa por parte do aluno, mas também uma abordagem voltada a essa temática por parte do professor. O livro avança neste sentido, trabalhando com imagens e textos acadêmicos que relacionam futebol e questões de identidade nacional de maneira um pouco mais aprofundada, o que estimula a curiosidade, o protagonismo e fomenta opiniões e reflexões por parte dos estudantes.

Considere os exemplos a seguir:



Figura 4: BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 5 Ed.- SÃO Paulo : Moderna, 2017 – (Vereda digital). P. 484.



Figura 5: BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 5 Ed.- SÃO Paulo : Moderna, 2017 – (Vereda digital). P. 340.

A relação entre os títulos dos capítulos, os textos e as imagens podem, a princípio, parecer anacrônicas, completamente fora de contexto, mas um olhar mais atento é capaz de refutar este juízo.

O anacronismo, assim como o esporte, aparece na obra como uma estratégia que busca fomentar um debate mais amplo, mais próximo do estudante e que se relacione com a temática do capítulo. Vale lembrar que, uma prática controlada do anacronismo pode ser muito útil na educação básica. Como afirma Nicole Loraux em o “Elogio do Anacronismo”, o anacronismo controlado é um jogo que deve ser jogado com cautela, é preciso saber ir e vir e sempre se deslocar atentamente para estabelecer as devidas distinções (LORAUX, 1992). Em um cenário contemporâneo marcado pela simplificação e superficialidade, o anacronismo, desde que esteja sob controle na educação básica, pode ser uma forma de penetrar na atmosfera do outro e na alteridade do tempo.

Embora fique limitada ao futebol, a abordagem proposta pelos autores de “Historia: das cavernas ao terceiro milênio” pode ser considerada uma exceção à regra, uma vez que procura fugir da apresentação mais comum, simplista e decorativa que é dada aos eventos esportivos em muitos materiais didáticos deste tipo.

Em *História do Brasil*⁸ o esporte aparece somente em dois momentos. O primeiro em cartazes produzidos pelo Departamento de Imprensa e Propaganda durante o Estado Novo de Vargas, um dos cartazes valoriza a educação do corpo a partir de uma imagem de Getúlio jogando golfe. O segundo momento trata da Copa de 1970 e da vitória brasileira sendo explorada pelo governo Médici seguindo o ideal de Brasil potência difundida pelo regime. Nos dois momentos o tratamento disponibilizado é meramente ilustrativo, um pequeno anexo do tema abordado, dificultando por parte do leitor seu entendimento como fonte de investigação e de produção do conhecimento histórico.

⁸ História do Brasil / Claudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo – São Paulo: Scipione, 1997.

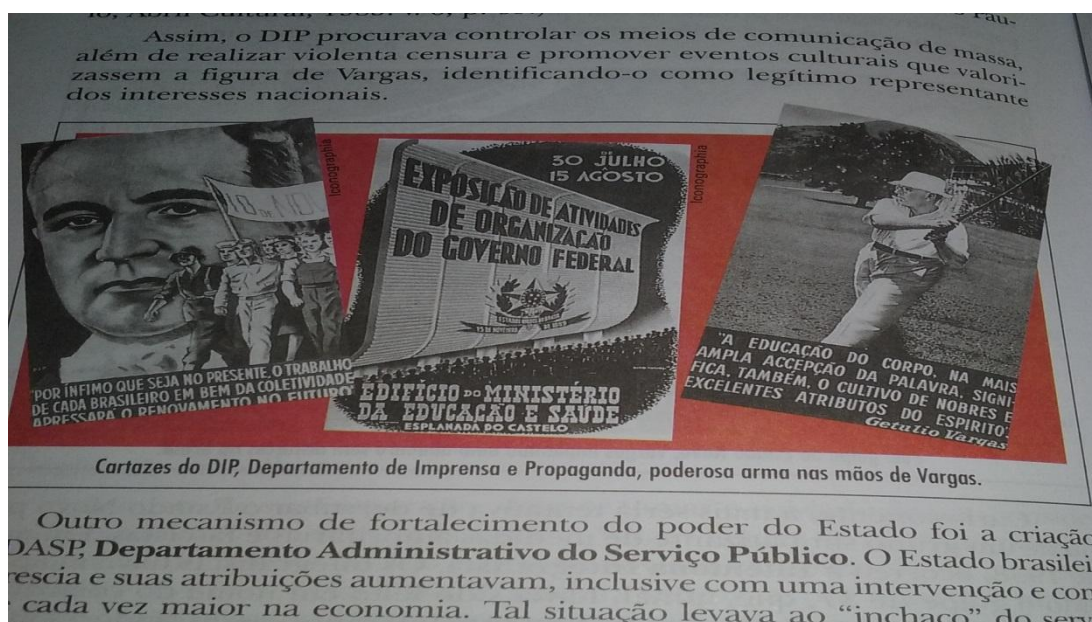


Figura 6 : História do Brasil / Claudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo – São Paulo: Scipione, 1997.p.366.

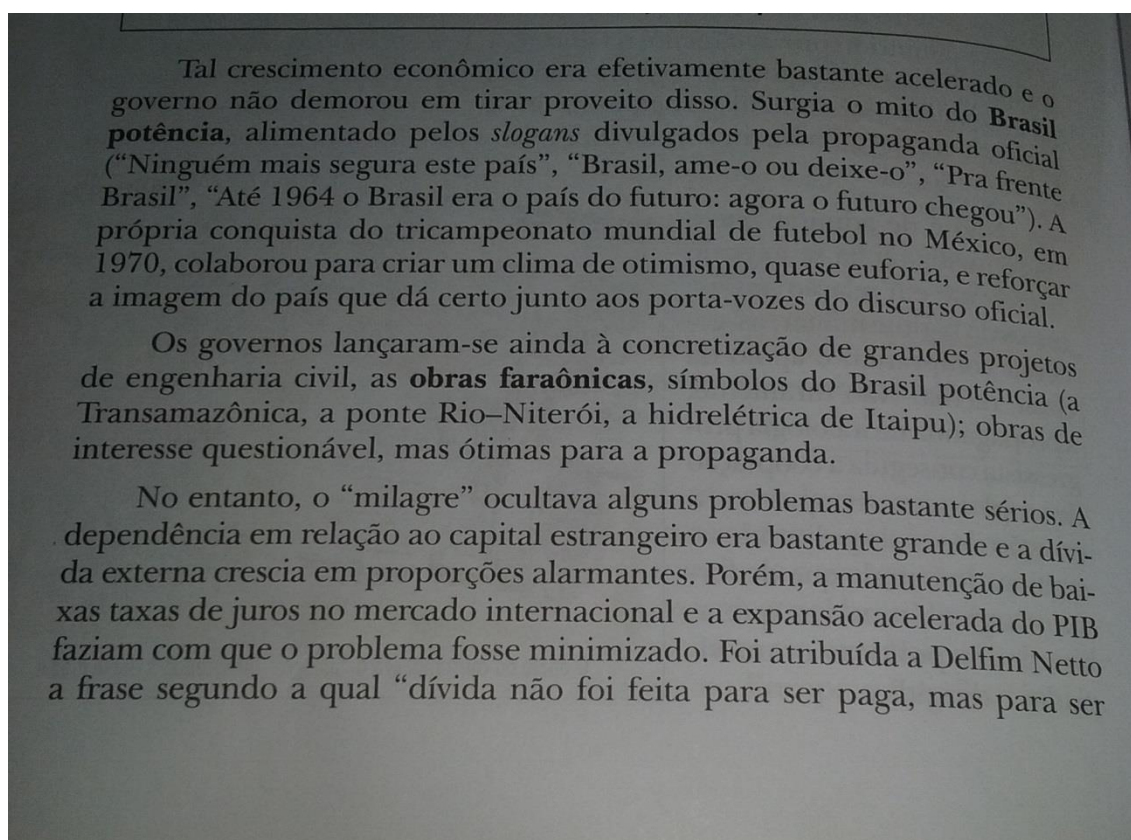


Figura 7 : História do Brasil / Claudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo – São Paulo: Scipione, 1997.p.420.

A apostila da *Editora Irium Ltda*⁹ tem o foco direcionado à prova do Enem, nos textos o esporte não aparece como um elemento de destaque, embora seja mencionado

⁹ Para maiores informações acesse www.irium.com.br

de “forma ilustrativa” algumas vezes, entretanto na sessão de exercícios podemos observar algumas questões que utilizam eventos esportivos como fontes de investigação e produção de conhecimento. A apostila seleciona questões de vestibulares dos últimos anos, em especial das provas da UERJ e do ENEM e em alguns deles identificamos eventos esportivos recebendo um tratamento que exige maior reflexão e problematização, ou seja, não sendo tratados meramente como ilustrações ou exemplos de um dado contexto. Embora o número de questões ainda seja pequeno, sua presença sinaliza um aspecto que identificamos no começo deste texto, no ambiente de pesquisa acadêmica, o esporte vem nos últimos anos se consolidando como um objeto formidável de averiguação e produção da história, todavia, ainda existe um distanciamento entre essa produção e os métodos de trabalho na educação básica, restritos muitas vezes a resolução de exercícios cobrados em vestibulares anteriores.

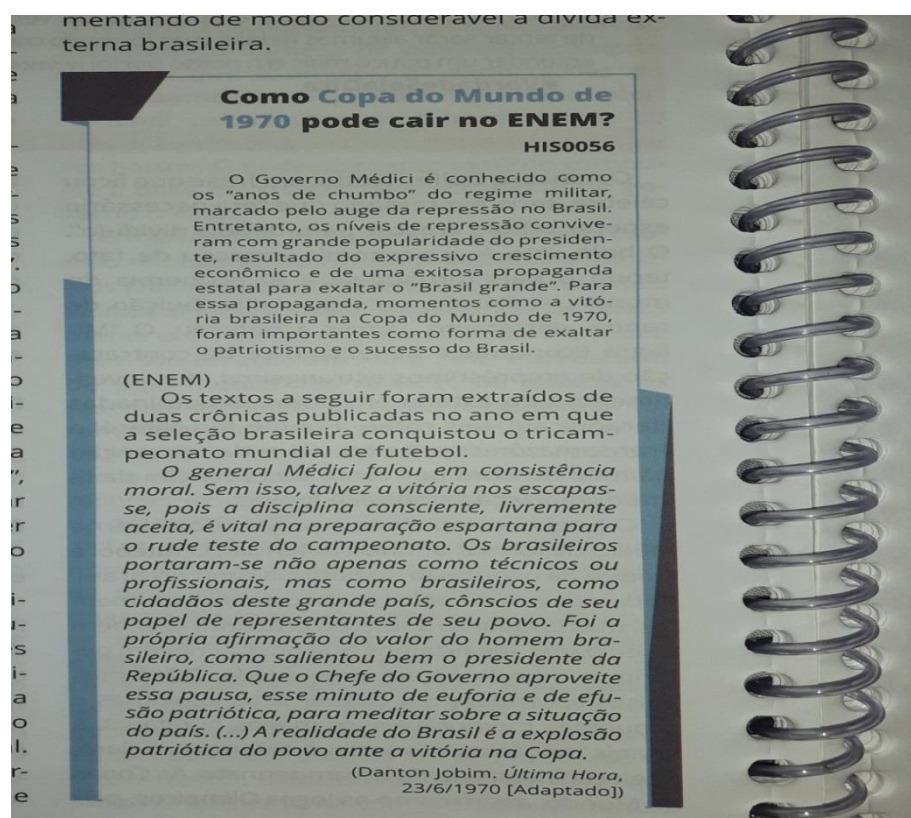


Figura 8: Apostila Irium Educação -Terceira Série(ensino Médio) – história 2019 p . 36

O que explodiu mesmo foi a alma, foi a paixão do povo: uma explosão incomparável de alegria, de entusiasmo, de orgulho. (...) Debruçado em minha varanda de Ipanema, (um velho amigo) perguntava: — Será que algum terrorista se aproveitou do delírio coletivo para adiantar um plano seu qualquer, agindo com frieza e precisão? Será que, de outro lado, algum carrasco policial teve ânimo para voltar a torturar sua vítima logo que o alemão apitou o fim do jogo?

(BRAGA, Rubem. *Última Hora*, 25/6/1970
[Adaptado])

Avalie as seguintes afirmações a respeito dos dois textos e do período histórico em que foram escritos.

I) Para os dois autores, a conquista do tricampeonato mundial de futebol provocou uma explosão de alegria popular.

II) Os dois textos salientam o momento político que o país atravessava ao mesmo tempo em que conquistava o tricampeonato.

III) À época da conquista do tricampeonato mundial de futebol, o Brasil vivia sob regime militar, que, embora politicamente autoritário, não chegou a fazer uso de métodos violentos contra seus opositores.

É correto apenas o que se afirma em:

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II e III

Gabarito: D

Como pode cair
no ENEM?

3) O processo de abertura

Figura 9: Apostila Irium Educação - Terceira Série (Ensino Médio) – história 2019 p . 37

Seja por resquício de preconceito com objeto, uma vez que a história do esporte já fora vista como objeto menor dentro do campo de investigação histórica, seja por

dificuldade e impossibilidade de se dar conta de todos os temas em uma publicação, ou até mesmo, pela distância entre autores e editoras e o chão da sala de aula, fato é, que os materiais didáticos analisados corroboram com a tese de subaproveitamento do potencial do esporte na construção do conhecimento histórico.

1.2 O tratamento de fontes na Educação Básica

Os professores de história imprimem ao seu exercício cotidiano um significado diverso, por meio de uma aula se conta uma história, ao se contar uma história também se faz história, os professores também são autores. A prática docente é tão produtora de conhecimento quanto a produção de um texto (MATTOS, 2007). Para compreendermos melhor o posicionamento do professor Ilmar Rohloff de Mattos e sua relação com os materiais didáticos selecionados acima é preciso, antes de tudo, que ampliemos nossa visão de fonte. Como aponta Flavia Caimi, (CAIMI, 2008) os objetos de investigação e as fontes históricas não podem ser utilizados como elemento ilustrativo na construção de uma aula, mas sim como um instrumento efetivo para produção do saber, oferecendo chaves para o acesso a sua estrutura como conhecimento científico do passado.

Diante da expansão das informações e o acesso diversificado a elas, torna-se cada vez mais importante consolidar na educação básica o caráter científico da história. Para tal, o desenvolvimento de atividades propostas pelo professor - investigador, protagonizadas pelos alunos e que visem a seleção, análise e problematização de fontes torna-se imprescindível. Além disso, é importante ressaltar que o trabalho com o documento histórico exige do professor a ampliação de sua concepção do que é documento. Faz parte do processo de edificação da aprendizagem o contato e a introdução do aluno na compreensão de materiais iconográficos, fontes orais, cinema, fotografia e informática. Uma vez dado esse passo, o seguinte diz respeito ao tratamento disponibilizado a essa fonte, buscando sempre superar o entendimento de que se colocam em uma hierarquia inferior ao documento escrito e, portanto servem apenas como ilustração de determinada narrativa histórica. (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 95). O tratamento dado ao esporte costuma seguir esta linha ornamental, pois na maioria dos livros didáticos do ensino médio, o sentido de objeto de investigação não está associado aos eventos esportivos. O mau aproveitamento do esporte não fica restrito aos

livros didáticos, outras questões observadas na minha prática cotidiana como professor fomentaram a elaboração desta pesquisa e se consolidaram como justificativa deste trabalho.

Meu interesse pela história como disciplina vem desde pequeno relacionado à questões familiares. Sou neto e filho de imigrantes italianos que deixaram o sul da “Velha Bota”, mais especificamente a Calábria, no começo da década de 1950. Meus avós, tanto paternos como maternos, vieram para o Brasil buscando uma alternativa às condições da Itália no pós-guerra, especialmente as condições encontradas no sul da península, historicamente uma região com menos estrutura que a região norte do país. Se o cenário de um lugar em guerra é complicado, o do pós-guerra não é muito diferente.

Quando criança a história de vida de meus avós me despertava curiosidade, sempre quis saber mais sobre aqueles quatro jovens, praticamente meninos e meninas que saíram de seu lugar de origem com vinte e poucos, dezenove, ou como no caso de minha avó materna dezessete anos de idade, e vieram tentar a vida no Brasil. Ouvia muitas histórias sobre a Itália, sobre a Calábria e principalmente sobre o Rio de Janeiro da década de 1950. Gostava de saber sobre o lugar onde cresceram, sobre o lugar que deixaram e sobre o lugar que encontraram quando desembarcaram por aqui.

Tenho a sorte de ter pais que gostam de história, política, relações sociais e sempre me incentivaram a estudar, conhecer, descobrir, pesquisar, mostrando-me o quanto o acesso ao conhecimento pode ser transformador.

Não sei se posso dizer que tive um professor ou professora que me influenciaram a seguir a carreira de historiador, não conseguiria destacar apenas um nome, mas lembro que sempre admirei a capacidade de professores, de qualquer disciplina, que conseguiam prender a atenção de trinta, quarenta, por vezes cinquenta alunos de uma turma, alunos estes, que possuíam interesses, expectativas e objetivos diferentes. Consigo hoje enxergá-los claramente inseridos na perspectiva do professor-investigador (GOODSON, 1995), pessoas que refletem sobre sua prática e que possuem a sensibilidade de identificar elementos e desenvolver metodologias que sejam atrativas, mas principalmente, enriquecedoras para alunos e professores no processo de construção do conhecimento.

Quando me tornei professor, me inspirei e busquei desenvolver estas características que tanto admirava quando aluno. A prática diária de sala de aula me trouxe mais confiança para buscar esse desenvolvimento, por mais importante que seja o arcabouço teórico, não há nada como a prática, ela molda seu estilo de atuação, mobiliza outros saberes, te traz confirmações, certezas, e claro, também muitas dúvidas e reflexões, isso é bom para um profissional, melhor ainda para um cidadão. A atividade de professor permite quase que todo dia, refletir e atualizar-se sobre sua própria atividade e sobre os “mundos” que te cercam. Não são muitas as profissões que possibilitam isso.

Desde os primeiros anos de magistério tive a possibilidade de atuar no ensino fundamental e no ensino médio nas duas frentes da disciplina (História Geral e História do Brasil), logo percebi, que um número significativo, longe de ser uma maioria absoluta, mas ainda assim um número relevante de alunos da rede de ensino em que atuava, relatava que preferia estudar e gostava mais das aulas de historia geral a história do Brasil. Interessante que muitas vezes o professor da disciplina era o mesmo, o mesmo professor de História Geral, também lecionava para aqueles alunos a grade curricular de História do Brasil, o que era o meu caso em algumas turmas.

Imbuído do espírito de professor – investigador, atento e curioso ao ambiente que me cercava, a minha prática e a de meus colegas, procurei saber deles o por quê? A maioria respondeu que se sentiam mais próximos e atraídos por história geral por que conseguiam fazer correlações com filmes, livros, jogos, séries que conheciam e tinham contato, ou seja, criavam uma identificação a partir de seus universos particulares. Dessa maneira sentiam-se motivados a participar e interagir, pois reconheciam previamente elementos, estórias, fontes, informações que poderiam acrescentar e relacionar a aula. Embora na frente de História do Brasil este trabalho de correlação também fosse feito por mim e por outros profissionais desta mesma rede, a percepção destes jovens e o contato maior com meios que eles associavam unicamente à História Geral mantinha-se inalterada. Isso me deixava intrigado e um pouco preocupado. Óbvio que não há nada de errado com preferências, eu mesmo enquanto estudante também preferia História Geral à Historia do Brasil, mas a grande questão que particularmente me inquietava era o fato destes alunos se sentirem muito mais próximos de questões e temas gerais do que brasileiros.

Reunimos a equipe de história e debatemos a situação, elaboramos propostas e uma série de atividades que deveriam ser implementadas no Ensino Médio para tentarmos diminuir este distanciamento narrado por alguns estudantes.

Organizamos roteiros pelo centro histórico do Rio de Janeiro e outras atividades de campo; preparamos uma semana do cinema nacional cujo intuito seria o de fomentar um debate sobre alguns filmes selecionados pela equipe e que de alguma forma dialogassem com assuntos trabalhados em sala, debateríamos aspectos do cenário político brasileiro em oficinas de redação, visando, especialmente nos últimos anos, problematizar a radicalização e a polarização por vezes cega que também se manifestava em sala de aula¹⁰. Foi neste contexto que surgiu a ideia de utilizar especificamente para disciplina de História do Brasil uma estratégia que já desenvolvia há alguns anos em um projeto realizado com professores de geografia e educação física.

Há quatro anos, venho juntamente com mais dois professores, desenvolvendo um trabalho que envolve as disciplinas de história, geografia e educação física. O projeto nomeado “História e Geopolítica do Esporte no século XX” foi oferecido no contra turno para estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede particular de Niterói e com um recorte que englobava três momentos (contextos) do século passado, são eles: o esporte no Entre Guerras, focado na utilização de eventos esportivos que marcaram o período e que contribuem significativamente para análise e investigação da ascensão e de características do Fascismo na Itália, do Nazismo na Alemanha, do Franquismo na Espanha, do Varguismo no Brasil e de particularidades econômicas, políticas e culturais dos Estados Unidos da América no mesmo período.

No segundo momento, denominado “O esporte e a Guerra Fria”, selecionamos eventos esportivos marcantes entre 1947 e 1991, tendo como proposta extrair deles, dados e subsídios que permitissem uma avaliação e problematização da conjuntura em que estavam inseridos. Por exemplo, nos Jogos de verão de Munique em 1972, a final olímpica do basquete masculino que reuniu EUA e URSS e transcendeu as quatro linhas da quadra. Investigamos e coletamos elementos associados a repercussão sobre a partida na imprensa, nos governos e entre os atletas e comissões técnicas das duas potências

¹⁰ Importante destacar que muitas ideias surgiram, mas nem todas foram colocadas em prática, até o momento de redação deste texto, pois envolvem logística e tempo que precisam ser mais bem acordados com a rede de ensino.

antes e principalmente depois do certame . Nossa pretensão não era a de explicar tudo o que representava e envolvia a Guerra Fria a partir daquele jogo, mas sim de usá-lo como um elo, um elemento que possibilitasse acessar fontes e mobilizar os trinta, quarenta, cinquenta jovens que nos ouviam e participavam do projeto.

O terceiro encontro que recebeu o título de “O esporte e os Regimes Militares na América Latina”, destacou eventos envolvendo Brasil, Argentina e Chile. Através deles e de suas fontes tivemos a oportunidade de investigar agentes e sujeitos envolvidos no cenário destes três países entre as décadas de 1960 e 1980. O período de instalação das ditaduras civil-militares é contextualizado, principalmente, por meio das seleções nacionais de futebol, clubes, agremiações e eventos esportivos que cumpriram interesses e (ou) foram apropriados por diferentes atores e segmentos com os mais diversos intuítos.

Tal trabalho partiu das seguintes observações: se o esporte é um elemento que ocupa as discussões, debates e até mesmo as brincadeiras desta turma, por que não começarmos uma aula sobre determinado contexto histórico e geopolítico tendo como ponto de partida os eventos esportivos deste período? Por que não mobilizar parte da escola, envolvendo os professores de história, geografia e educação física neste processo?

Por que não falarmos de pan-africanismo tendo como uma de suas fontes a luta entre Ali x Foreman no Zaire? Por que não tratarmos de algumas características dos regimes fascistas no Entre guerras partindo da análise dos Mundiais de Futebol de 1934 e 1938, ou os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936? Por que não considerarmos as confluências entre o Estado Novo de Vargas no Brasil e estes regimes a partir das políticas esportivas adotadas durante o governo de Getúlio? Por que não abordarmos os embates e enfrentamentos das duas superpotências no contexto da Guerra Fria utilizando eventos esportivos como objetos de análise? Por que não dar uma aula sobre Guerra das Malvinas iniciando a mesma com os gols de Maradona sobre a Inglaterra na Copa de 1986, investigando como a imprensa argentina e a inglesa tratou aquele jogo, as entrevistas de jogadores e técnicos sobre o significado daquela partida, antes e depois de sua realização? Por que não considerarmos a historicidade da rivalidade entre Real Madri e Barcelona como uma das fontes para o entendimento dos movimentos separatistas na Espanha de hoje? De que modo o futebol e a apreciação do

comportamento de determinadas torcidas no campeonato italiano nos últimos anos contribuiriam para o entendimento das diferenças históricas entre o norte e o sul da península itálica? Enfim, os exemplos, as possibilidades e os questionamentos eram muitos, mas o projeto que recebeu o título de História e Geopolítica do Esporte no Século XX saiu do papel com esta proposta e com esta perspectiva.

Quando apresentamos a ideia à coordenação de uma das escolas onde trabalho, a reação foi muito positiva, acolhedora, mas também de surpresa. Lembro-me da pergunta feita pelo coordenador da unidade: “Como você vai relacionar história e geografia à educação física?” Esta também foi a pergunta de muitos alunos quando atraídos e curiosos, se inscreveram no projeto. A metodologia utilizada partiu dos seguintes princípios: Cada um dos eventos esportivos selecionados configurou um objeto que permitia o acesso a fontes e possibilitou que alunos e professores debatessem e analisassem a partir deles, regimes políticos, aspectos econômicos, desdobramentos sociais, preparação física, uso de anabolizantes, meios propagandísticos, identidade, nacionalismo, memória, tempo, alteridade, enfim, uma série de conceitos e contextos de uma maneira que se apresentava leve e agradável para todos os envolvidos.

São muitas as fontes que podemos acessar a partir de eventos que fazem parte dos contextos expostos anteriormente. Clubes, agremiações, confederações e federações esportivas no Brasil e no mundo tem nos últimos anos se dedicado à consolidação e ampliação de centros de memória. Declarações de atletas, treinadores, fotografias, vídeos, matérias jornalísticas, publicações oficiais de estado, livros, dados estatísticos de partidas e competições, depoimentos de torcedores ou pessoas que direta ou indiretamente foram impactadas pelo esporte ou por determinada competição esportiva compõem o cabedal e o patrimônio destes centros.

O Centro De Referência Do Futebol Brasileiro (CRFB)¹¹ localizado no Museu do Futebol no estádio do Pacaembu em São Paulo é um dos melhores exemplos destes espaços de memória. O Centro reúne um grande acervo físico e virtual acessível a todos os públicos, pesquisadores, professores, curiosos, amantes do futebol, peladeiros, atletas, aliás, por que separar em categorias, se nós podemos ser tudo isso ao mesmo tempo? A partir do CRFB é possível conectar-se a fontes, divulgar e expandir o

¹¹ Maiores informações em: <https://www.museudofutebol.org.br/pagina/conheca-o-crfb>

conhecimento sobre futebol, além disso, vale destacar que o Museu do Futebol cumpre outro papel extremamente relevante, ele contribui para desconstruir uma visão fechada e estereotipada sobre a museologia, colabora para afastar a ideia de museu como algo imóvel, inacessível, ou unicamente como um ambiente de contemplação, o Museu do Futebol mostra-se vivo presente, e em constante construção, o que o torna ainda mais interessante e atrativo.

Na introdução deste texto mencionei o quanto é comum os professores da educação básica utilizarem mecanismos e movimentarem uma série de saberes em suas aulas sem associá-los necessariamente à metodologias e termos que circulam na academia. Não sabia que minha prática e de meus colegas, se encaixava dentro da terminologia de cultura histórica¹², o contato com diferentes disciplinas no mestrado profissional me permitiu entender melhor o conceito e pensar sobre sua aplicabilidade.

O retorno obtido com essa experiência foi muito positivo, o número de alunos que se inscreveram e participaram foi crescendo a cada encontro, o nível de atenção, disponibilidade e participação também. O História e geopolítica do Esporte no século XX funcionou como um laboratório e permitiu concluir, mesmo que de forma ainda superficial, que os eventos esportivos e seus desdobramentos fazem parte das diversas narrativas e abordagens de uma consciência histórica social, são eles, uma das formas de ajuste e movimentação de saberes que chegam ao passado e são capazes de garantir uma maior dinamização e participação dos alunos aproximando a temática de suas realidades e naturalizando o debate, facilitando assim, o surgimento de questões a serem problematizadas em classe.

Os resultados que acabamos de expor, embora limitados, sugerem e reforçam a hipótese de que os eventos esportivos contribuem de forma importante para o desenvolvimento de um raciocínio histórico, para construção de significados e para o desenvolvimento do pensamento histórico entre adolescentes do ensino médio.

Esta investida metodológica serviu de parâmetro e inspiração para o desenvolvimento de um experimento, que é o centro desta dissertação, voltado

¹² A perspectiva da cultura histórica propõe rastrear estratos e processos de uma consciência histórica social, atentando sempre, para os agentes que as produzem, os meios pelos quais são produzidos e disseminados, além da recepção que alcançam. No capítulo 2 desta tese tal perspectiva será melhor apresentada através de autores como: Jorn Rüsen, Fernando Sanchez Costa, Elio Chavez Flores e Ângela de Castro Gomes.

exclusivamente para a área de história do Brasil e que visa diminuir a percepção de distância relatada por muitos alunos em relação ao conteúdo da disciplina. O problema é que todas as atividades descritas acima foram propostas e (ou) realizadas no contra turno, algumas eram ofertadas como projetos independentes e, portanto não contavam com a participação de todos os estudantes. Era preciso pensar em uma atividade que estivesse inserida no currículo, articulada aos conteúdos da série e atingisse um número maior de pessoas.

Todo esse contexto e estas observações me levaram a seguinte reflexão; Será que o esporte, como elemento mobilizador, está adequadamente integrado às atividades acadêmicas e ao material didático das escolas? Percebendo o esporte como uma possibilidade de investigação e produção de conhecimento, identificando uma significativa produção científica que trata deste assunto e analisando a relação dos alunos com as fontes disponibilizadas em apostilas e livros didáticos, algumas questões me traziam angústia e acabaram se transformando no problema desta pesquisa.

Se a produção acadêmica já identifica o esporte como um instrumento de conhecimento histórico, por que não transformarmos os eventos esportivos em uma ferramenta de investigação, raciocínio e apreensão da disciplina história no ensino básico? Quais resultados seriam obtidos? Eventos esportivos que marcaram o século XX e este início de século XXI podem mobilizar conceitos caros ao ensino de história na educação básica? Seriam eles capazes de contribuir para o desenvolvimento e problematização da aprendizagem histórica? Poderiam tornar a História do Brasil mais atrativa e instigante para aqueles alunos que se enxergavam distantes da disciplina? Comumente vislumbramos o esporte como um instrumento de inclusão e transformação social, mas essa visão fica por diversas vezes, restrita às quadras, piscinas, campos e pistas, por que não estendê-la à sala de aula?

1.3 A Escolha das Copas de 1950 e 2014 – Justificativas e Objetivos

Seguindo a linha do projeto “História e Geopolítica do Esporte no Século XX”, decidimos para o PROFHISTÓRIA propor a elaboração de uma atividade voltada

especificamente para a História do Brasil através da comparação entre dois grandes eventos esportivos realizados no país: a Copa do Mundo de Futebol de 1950 e a Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Ao longo dos anos o futebol no Brasil se consolidou não só como um esporte, mas como uma das principais atividades culturais, compreendida diversas vezes como um espelho do próprio país. Portanto, acreditamos que uma investigação sobre estes dois acontecimentos poderá contribuir para o desenvolvimento de um painel que aborde transformações, rupturas e também permanências no Brasil neste intervalo de sessenta e quatro anos a partir de alguns eixos temáticos. São eles: 1-integração e mobilidade, 2- o impacto das duas maiores derrotas do esporte brasileiro na memória coletiva e na identidade nacional, 3-o futebol como símbolo da inserção do Brasil no processo de globalização, 4- as mulheres no mundo do futebol, 5 - a elitização do esporte mais popular do planeta.

É importante frisar que cada um destes cinco aspectos possibilitaria e mereceria uma dissertação, mas não é esta a proposta deste trabalho. Nossa pesquisa não se propõe a elaboração de uma tese sobre a Copa de 1950 e nem sobre o Mundial de 2014, também não se trata de uma dissertação sobre o Brasil na década de 1950 e o Brasil na década de 2010, mas sim uma pesquisa que utilizará como exemplificação de seu método experimental estes dois eventos.

Os elementos acima destacados como eixos temáticos são factíveis de serem trabalhados e servirão de fontes que poderão sensibilizar e aproximar os alunos dos contextos analisados. Este trabalho se propõe a mostrar que aspectos políticos, econômicos, e sociais de um determinado contexto podem ser abordados através e a partir de eventos esportivos em uma aula de História do Brasil na educação básica. Eixos temáticos como integração, mobilidade, globalização, identidade e memória coletiva que aparentemente não possuem relação direta com o esporte, ou que muitas vezes não são percebidos como elementos concretos pelos alunos, poderão ser trabalhados pelo professor a partir das copas de 1950 e de 2014, tornando assim o esporte uma ferramenta de entendimento, investigação e compreensão do conhecimento histórico.

A escolha das Copas de 1950 e de 2014 é justificável por algumas razões. Primeiro por que foram eventos esportivos de grande impacto realizados no Brasil,

embora existam diferenças entre os impactos e proporções nos dois contextos temporais; segundo por que fatidicamente nestes dois eventos aconteceram as duas maiores derrotas do esporte brasileiro em todos os tempos; terceiro, a geração mais nova viveu com grande intensidade a realização de um Mundial de Futebol no país, mas alguns nem tinham o conhecimento sobre o episódio de 1950 e seus desdobramentos; quarto e não menos importante, nosso país passou por muitas transformações, rupturas e quebra de paradigmas neste intervalo de sessenta e quatro anos que separam um Mundial do outro, mas também muitas permanências e continuidades. Seriam esses dois grandes eventos objetos importantes de investigação histórica que contribuiriam para um melhor entendimento destas rupturas e permanências em algumas dimensões da vida social do brasileiro? Aparentemente não, mas se tratarmos esses dois acontecimentos como documentos, dando a eles o tratamento que um documento exige que resultados poderíamos alcançar?

Atualmente, historiadores, sociólogos e intelectuais das mais variadas áreas das ciências sociais ratificam as mais diversas possibilidades dos estudos acerca do futebol. Transformar o esporte em um objeto central de pesquisa se faz necessário e se mostrou de grande relevância para os estudos acadêmicos, no sentido de trazer uma nova compreensão da sociedade a partir de um novo foco de pesquisa. (SILVA E SANTOS, 2006 p. 9)

A História do Esporte na educação básica, portanto, emerge de uma preocupação do conhecimento histórico em promover inteligibilidade e diálogo interdisciplinar com outras ciências, mobilizando conceitos relevantes a prática reflexiva e a cidadania, uma vez que o esporte, assim como, os eventos esportivos, tem as suas configurações articuladas a dimensões sociais, econômicas, culturais e políticas de um dado contexto (MELO E FORTES, 2010)

Desse modo, surge o desejo de desenvolver um produto que utilize os eventos esportivos, dentro da perspectiva da cultura histórica, como uma possibilidade de contribuir para o protagonismo dos alunos, mas também como uma das múltiplas formas de negociação e circulação de saberes para se chegar ao passado.

Nos últimos anos a forma tradicional de ensino centrada na figura do professor como transmissor do conhecimento histórico, a qual delegava ao aluno a posição de

receptor passivo dos conteúdos, passou a ser questionada. Com isso, tem-se buscado redefinir não apenas o aspecto de seleção e organização temática, mas também novas metodologias de trabalho. Aumentaram-se ainda, as pesquisas em busca de novos recursos didáticos para serem trabalhados nas aulas de história: Histórias em Quadrinhos, o uso das maquetes, teatro, música, cinema, jogos pedagógicos, programas de computador, dentre outros, com o propósito de tornar mais dinâmicas e significativas as experiências em sala de aula. Com este mesmo propósito, nosso projeto visa o desenvolvimento de uma experiência metodológica de ensino de História do Brasil a partir e através do esporte, sendo concluído com uma sugestão de atividade para professores e estudantes. Este é o objetivo central desta pesquisa, o desenvolvimento de uma experiência, que pode se transformar em um método alternativo de ensino através da utilização de eventos esportivos como objetos de investigação que possibilitem o alcance de fontes e que auxiliem na compreensão e problematização das permanências e rupturas que marcaram aspectos da vida social do brasileiro em um determinado universo temporal, neste caso em particular, o recorte engloba o intervalo de tempo entre os Mundiais de Futebol de 1950 e de 2014. Tentaremos assim, avaliar um processo marcado por quebras e continuidades enxergando a historicidade destes eventos esportivos através de dados coletados sobre os mesmos e que contribuirão para a formação de um painel comparativo organizado pelos alunos. Visamos dessa forma, a consolidação de um exercício de análise mais aprofundada das potencialidades dos eventos esportivos no ensino de História do Brasil.

Também vale destacar que o experimento metodológico aqui proposto e que será detalhadamente apresentado no capítulo três desta dissertação, não é engessado, ou fechado em si mesmo, pelo contrário, ele busca se apresentar de forma flexível e possibilitar uma alternativa de ensino a partir do tratamento que é dado aos eventos esportivos em sala de aula, partindo de uma abordagem transdisciplinar e multidisciplinar possibilitada pelo Esporte.

A transdisciplinaridade é entendida como “ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda a disciplina” (NICOLESCU, 1997, p. 05). Desta forma, procura estimular uma nova percepção da realidade articulando elementos numa busca de compreensão e complexidade. Vale ressaltar, que do ponto de vista humano, este tipo de percepção pode também permitir uma atitude empática de abertura ao outro e seu conhecimento, atingindo novos níveis

de consciência e cidadania. Assim, revela-se como um possível caminho para a educação escolar que valoriza as relações interpessoais, as emoções, a sustentabilidade, a diversidade, a criatividade, e fundamentalmente o protagonismo dos estudantes, dentre outros aspectos.

A Carta da transdisciplinaridade, produzida no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade 1994, realizado em Portugal, com apoio da UNESCO, destaca que uma visão transdisciplinar não é um mero discurso idealizado, ou seja, não é um olimpo inacessível. Afirma também que a transdisciplinaridade é uma forma de discutir a existência humana e a construção do conhecimento. A esse respeito, Batalloso (2015) diz ainda que: A transdisciplinaridade não é uma nova disciplina, nem muito menos uma nova ciência, mas uma forma de abordar temáticas, e construir conhecimento (BATALLOSO, 2015).

Evidente que cada disciplina possui sua especificidade e essas especificidades devem ser reconhecidas, preservadas e densamente trabalhadas, como destaca Suanno(2013), para possibilitar a construção do conhecimento multirreferencial é necessário reconhecer e religar conhecimentos fragmentados advindos de diferentes abordagens teóricas e/ou diferentes áreas do conhecimento (SUANNO, 2013.p. 69). Entretanto, de forma alguma esse conhecimento deve ficar engessado e fechado em si mesmo, muito pelo contrário, abordagens transdisciplinares são enriquecedoras para alunos e professores e o ensino básico precisa cada vez mais, ficar atento para elementos que possibilitem investidas deste tipo.

O esporte é poderoso neste sentido. A partir e através de eventos esportivos podemos movimentar conteúdos e conceitos caros à História, Educação Física, Geografia, Filosofia, Sociologia, Física, Matemática, Química... , enfim concepções fundamentais à formação de jovens na educação básica. Entende-se portanto, que é urgente e necessário interrogar a transdisciplinaridade no universo complexo da educação, viabilizando enfoques nesta linha, através de ferramentas ricas e potentes como o esporte.

Mais do que utilizar o esporte para complexificar outros temas, vale aqui destacar, que o esporte em si, é uma temática. Muito mais do que uma ferramenta de viabilidade instrumental para problematização de um determinado contexto, a História do Esporte investiga e produz conhecimento sobre o Esporte, que é um objeto científico

dos mais relevantes para investigadores culturais, econômicos, políticos, das mentalidades, enfim para todo o campo de análise e produção historiográfica e para todos que se debruçam sobre a Ciência do Esporte.

A Ciência do esporte engloba a apreciação e investigação de treinamentos, preparação de atletas, competições, dados estatísticos, conhecimentos sobre o corpo, formas de lazer, ludicidade, sua natureza é tão rica e complexa que transborda um único campo de conhecimento. A concepção do esporte e de eventos esportivos enquanto fenômenos sociais, culturais e políticos evidenciam a necessidade de expressar seus significados filosóficos, psicológicos, antropológicos, sociológicos, econômicos e evidentemente históricos.

O esporte realizado na expressão de cada uma de suas modalidades e na contribuição viva de cada um dos seus desportistas e incentivadores- é simultaneamente sujeito e produto da história, além de meio e fonte através do qual podemos compreender a história em sentido mais amplo. (MELO et. al,2013p.12)

A Revista Brasileira de Ciências do Esporte produziu um artigo a partir do levantamento quantitativo das teses de doutorado sobre esporte entre 2010 e 2015 no Brasil¹³, segundo os autores, eram objetivos deste artigo: (1) descrever as áreas do conhecimento, as principais linhas de pesquisa, as disciplinas, os cursos; (2) investigar se há indicadores que permitam visualizar a configuração de um saber científico que ultrapasse as fronteiras disciplinares. A conclusão foi a seguinte: As teses sobre esporte, embora a maioria seja oriunda dos cursos de doutorado em educação física, estão presentes em diversas áreas do conhecimento, principalmente na área das ciências humanas, sociais, educação e na área das ciências biológicas e da saúde. No entanto, além dessas áreas, que são tradicionalmente vinculadas às pesquisas sobre esportes, identificam-se novas abordagens disciplinares, como teses em genética, administração, marketing, teologia, computação, assistência social, comunicação, letras, artes e

¹³ Rev. Bras. Ciênc. Esporte vol.40 no.4 Porto Alegre Oct./Dec. 2018.

planejamento energético. O artigo traça a partir dos dados levantados um perfil multidisciplinar das teses sobre esporte no país.

Por suas inúmeras possibilidades e por sua natureza, os estudos do esporte não podem e não devem ficar limitados a uma só área de conhecimento, faz-se mister uma perspectiva de averiguação focada em aspectos multidisciplinares; pois como aponta o professor Victor Melo(2010): trata-se de objeto privilegiado para investigações e que articulam especialistas distintos (MELO, 2010).

É justamente neste sentido e seguindo esta linha que nosso trabalho de pesquisa busca atuar, ou seja, enxergando os eventos esportivos como estratégia e conteúdo multidisciplinar e transdisciplinar também na educação básica.

Professores e alunos mobilizam saberes em sala de aula que são diferentes do saber acadêmico, a reflexão do professor sobre sua prática já é em si um conhecimento histórico que dialoga com o conceito de cultura histórica. Essa reflexão sobre a prática demanda como destaca Ivor Goodson, uma investigação-ação por parte do professor, que como investigador faz uma exploração reflexiva sobre seu trabalho docente. Segundo o autor, essa investigação contribuiria para uma participação mais ativa e efetiva do professor como agente capaz de produzir mudanças e se colocar diante de novas realidades (GOODSON, 1995).

Ante uma expansão sem precedentes da produção de conteúdo possibilitada pelas mídias sociais e pela internet de uma forma geral, diante do acesso cada vez maior a “informações históricas”¹⁴ produzidas e disseminadas pelos mais variados meios a partir da segunda metade do século XX, a figura do historiador- professor se torna ainda mais fundamental como peça chave para a contextualização destes saberes. Afinal de contas, se caminarmos para uma perspectiva de que tudo é história, o que seria história? Onde tudo é história, nada é história. Quanto mais se pensa e se produz história mais se torna importante a figura do historiador e do professor dentro de um processo de significação do conhecimento histórico.

¹⁴ E importante que se estabeleça uma diferença entre informação e conhecimento histórico, pois o conhecimento histórico é obtido através e a partir de uma metodologia de investigação científica que requer cuidado, atenção e análise crítica no tratamento das fontes, diferentemente do que acontece, na maioria das vezes, com informações que circulam e são produzidas em mídias sociais.

A experiência profissional cotidiana em segmentos de ensino fundamental e médio robusteceu a percepção de que um tema tão pujante, rico e mobilizador como o esporte não é devidamente aproveitado por alunos, professores e instituições escolares como um todo. Desta forma o presente trabalho também se propõe a contribuir para consolidação de uma ponte entre o que vem sendo debatido e produzido no âmbito da academia e a sala de aula na educação básica, sempre com a perspectiva de que os eventos esportivos permitem o acesso a fontes significativas para problematização, ponderação e produção do conhecimento histórico.

A investigação – ação e a reflexão do professor sobre sua prática, a ampliação da visão de fonte e o tratamento dado às mesmas, além da percepção de que uma aula não precisa ser construída sempre da mesma maneira, sendo necessário priorizar propostas pedagógicas que partam do princípio da problematização de diferentes realidades, tornam-se motores que incentivam no aluno a curiosidade, a pesquisa e a atenção para entender o sentido da História em sua vida, contribuindo assim, para construção de competências cognitivas e sociais.

Acreditamos que estes são os primeiros passos para “ensinar a transgredir”, parafraseando Bell Hooks (2013). Na “Introdução de: ensinando a transgredir”, a autora conta como aprendeu desde muito cedo que a devoção ao estudo era um ato contra hegemônico para resistir às estratégias de diversos tipos de colonização, o que a leva a falar em uma pedagogia anticolonial. A autora também reflete sobre as limitações do ato pedagógico que ela mesma havia tido como aluna e, ao mesmo tempo, como se inspirou em professores que a auxiliaram a transgredir fronteiras (algo que figura no título de seu livro), incentivando-a a dar um passo além das aprendizagens, que algumas vezes, mais se pareciam com a rotina de uma linha de produção (HOOKS, 2013).

A necessidade de conhecimento de metodologias de pesquisa e leitura faz com que o professor-historiador saia do simples papel de contador de história e produza textos de histórias para sua aula. Desta forma suas narrativas e experiências metodológicas acabam trazendo algo de produtivo a vida dos alunos, rompendo conceitos engessados e tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo para todos os envolvidos (ROHLOFF, 2007).

As abordagens de Bell Hooks (2013), Ivor Goodson (1995) e Ilmar Rohloff de Mattos (2007) compreendem a sala de aula como um ambiente de reflexão por parte do

alunado, mas também enxergam como primordial a meditação do professor sobre sua atividade, este tipo de exercício leva, por parte do professor- investigador, ao desenvolvimento de um estilo, de narrativas e estratégias que serão adotadas em seu ambiente escolar.

2. DO MUNDIAL DE 1950 A COPA DE 2014 – TRANSFORMAÇÕES E CONTINUIDADES QUE O FUTEBOL AJUDA A ENXERGAR.

O que é escola? Qual sua função? Podem parecer perguntas simples de se responder, mas não são. Existem muitos entendimentos do que é e qual a função de uma escola e que bom que existam, entretanto, é interessante observar que algumas destas concepções, sejam elas acadêmicas ou não, ainda partem de um pressuposto “engessado”, enxergando a escola como um instrumento passivo de transmissão de conhecimento para um determinado fim específico. Parece-nos este, um entendimento superficial, que deixa de lado sujeitos e contextos históricos e que não dá conta de toda complexidade e de tudo que envolve o universo escolar. Justamente no seio deste debate e destes diversos entendimentos que abarcam currículo, função social, interesses mercadológicos, expansão do acesso à educação, enfim, campos de disputa dos mais variados e significativos, que surge a BNCC (Base nacional comum curricular).

2.1 BNCC e o Ensino de História

De forma simplificada a BNCC pode ser definida como um documento que determina os conhecimentos e as habilidades essenciais que todos os alunos e alunas têm o direito de aprender ano a ano durante toda sua vida escolar. Ela é obrigatória e está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Plano Nacional da Educação. Os currículos de todas as redes públicas e particulares devem, segundo a Lei, ter a BNCC como referencial.

A ideia de construir e homologar uma base comum não é recente, o Ministério da Educação disponibiliza em seu site um histórico que envolve a construção deste documento¹⁵. Embora existam importantes e fundamentais discussões sobre a eficiência, os interesses e a viabilidade de uma base nacional curricular comum em um território tão extenso, diverso e desigual como o brasileiro, deixamos claro que o

¹⁵ Para maiores informações acesse <https://www.mec.gov.br/>

aprofundamento destes debates não são o foco desta dissertação; mesmo assim, torna-se fundamental salientar que no texto proposto e homologado pelo Ministério da Educação ganha relevância a necessidade de encontrar meios que possibilitem um maior protagonismo aos estudantes durante o processo de aprendizagem, além de traçar paralelos entre os fatos históricos e a realidade.

A base nacional comum curricular define três níveis de competências que direcionam seu arcabouço pedagógico. São elas: as competências gerais, que se articulam a todas as áreas do conhecimento, as competências específicas para cada área, no caso competências específicas para área de ciências humanas, e por fim, as competências específicas de cada componente curricular, ou seja as competências e habilidades específicas de cada disciplina. O texto original da BNCC para área de ciências humanas e sociais aplicadas integra e é composto por disciplinas como: Filosofia, Geografia, História e Sociologia.

No Ensino Fundamental os processos de consciência do EU, do OUTRO e do NÓS recebem destaque partindo de ideias de justiça, solidariedade, autonomia, interculturalidade, compreensão, reconhecimento das diferenças, liberdade de pensamento e escolha, respeito aos direitos humanos e combate ao preconceito de qualquer natureza¹⁶. No Ensino Médio estes repertórios conceituais e de articulação são ampliados. As capacidades de observação, memória e abstração, além do uso de linguagens e raciocínios mais complexos ganham destaque. Com o desenvolvimento cognitivo de habilidades e operações, e de posse de instrumentos de identificação, seleção, comparação, análise e interpretação, espera-se que os jovens tenham autonomia para elaboração de hipóteses e argumentos. Consideramos este um ponto imprescindível para a disciplina História, pois tal autonomia que possibilita o diálogo, o questionamento e a autocrítica, só é possível através e a partir do acesso e tratamento dado as fontes.

Como debatemos anteriormente no primeiro capítulo desta dissertação, em um contexto onde cada vez mais se amplia e diversifica o acesso às informações, o dever e compromisso do professor – investigador em diferenciar informação de conhecimento, propor e promover atividades que contribuam para consolidar no aluno o caráter

¹⁶ Texto da BNCC disponível em : <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>

científico da história torna-se imperativo, pois é desta forma que estes jovens terão autonomia para elaborar suas hipóteses e argumentos. Acreditamos que os eventos esportivos e a História do esporte, utilizados de forma adequada, podem contribuir decisivamente para o desenvolvimento de muitas destas competências e habilidades no universo escolar, em especial para a produção de consciência histórica do indivíduo, pois são capazes de proporcionar uma visão extraordinária de determinada sociedade e contexto, assim como de cada instância social em particular. Vejamos o caso do Brasil da década de 1950.

2.2 O Brasil de 1950

Nos anos finais da Segunda Grande Guerra (1939-1945) já era possível identificarmos mudanças significativas no cenário internacional com a divisão de grande parte do mundo em dois blocos político-militares liderados pelas duas superpotências emergentes: EUA e URSS. O esforço de ampliação da área de influência econômica e ideológica fez com que soviéticos e estadunidenses lançassem mão de instrumentos dos mais variados com o objetivo de consolidar suas alianças. O Brasil não ficou de fora deste cenário, com o fim do Estado Novo tem início o processo de redemocratização marcado pelas eleições de 1945 e a convocação de uma constituinte que daria origem à Carta de 1946.

A vitória de Eurico Gaspar Dutra marca o início do período conhecido pela historiografia como o “intervalo democrático” que se estenderia até o golpe civil - militar de 1964. O governo Dutra promoveu um significativo, e ainda maior, alinhamento do Brasil ao bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos, firmando compromissos e uniões políticas, econômicas e militares. Reforçado pela prosperidade norte-americana no pós-guerra, difundia-se em todo o mundo ocidental um espírito de otimismo e de esperança, um novo modo de viver propiciado pela produção em massa de bens manufaturados de uso pessoal e doméstico.

O novo presidente brasileiro tomou posse em um clima de entusiasmo pelo reestabelecimento de liberdades democráticas¹⁷, a política econômica liderada por

¹⁷ Embora a constituição de 1946 garantisse uma série de direitos e liberdades individuais, o governo Dutra foi marcado pela perseguição aos opositores e cassação de direitos políticos.

Dutra, especialmente em um primeiro momento, gastou divisas na importação de bens de consumo e tecnologia, baixou taxas alfandegárias e desvalorizou a moeda nacional visando justamente inserir o país neste clima de euforia consumista. Em 1947, de acordo com a orientação do Fundo Monetário Internacional (FMI), iniciou-se uma segunda fase, em que o controle cambial foi retomado, mantendo-se o cruzeiro em níveis altos comparativamente à moeda americana. Essa política desestimulou as exportações, incentivando por outro lado, a importação de equipamentos, máquinas e outros insumos (MOTA; LOPEZ, 2016).

A estratégia de desenvolvimento do governo incluía o Plano SALTE que representava prioridades de planejamento na saúde, alimentação, transporte e energia, entretanto o corte de gastos públicos visando à contenção de índices inflacionários e os esgotamentos das divisas internacionais do país condicionaram seu relativo fracasso.

A realização do Mundial de Futebol de 1950 e a construção do que era á época o maior estádio do planeta foram utilizados como elementos simbólicos dessa parte do Brasil que se encantava com as possibilidades de consumo e que encaminhava de forma acelerada seu processo de urbanização. O “Gigante do Derby” como ficou conhecido na época, seria construído em tempo recorde, menos de dois anos e, segundo a imprensa e as autoridades, demonstraria a capacidade empreendedora do brasileiro. O “Colosso do Maracanã”, que fora construído sob o terreno da antiga pista hípica do Derby Club representava, para muitos, mais que um grande palco para prática do futebol; era a afirmação das possibilidades de um povo enquanto nação grandiosa, um passaporte para o desenvolvimento, progresso e modernidade¹⁸.

O estádio de futebol é uma construção que se destaca na cidade, é um marco visual na paisagem urbana, e como aponta MENEZES (2009) a organização física e arquitetônica do território, juntamente com as práticas de uso e apropriação de um espaço, é um elemento constituinte das imagens culturais e simbólicas de uma comunidade.

O estádio é então um espaço singular de uma cidade que traz e mantém a memória de uma comunidade, ele segue padrões que acompanham nossa história. estádios com dimensões grandiosas que contribuíam para uma imagem do maior e melhor país do mundo. O exemplo mais importante dessa

¹⁸ Sobre a construção do Maracanã e organização da Copa do Mundo de 1950 ver a obra de Gisella Moura “O Rio corre para o Maracanã”

fase é o Maracanã, que aparece com um espaço exclusivo para o futebol e mostra a preocupação de estabelecer uma ligação entre estádio e cidade, propor um espaço que ultrapasse o esporte e sirva também para o entretenimento e lazer dos indivíduos. (Cereto 2004 p.113)

O Maracanã também é um lugar de memória, como assinalam Ana Beatriz Correia TAVARES e Sebastião Josué VOTRE (2015, p. 258-264), o estádio é uma possibilidade de espaço no qual a memória de uma sociedade se faz presente. No caso do Maracanã, desde o projeto polêmico no aspecto político, passando pela edificação, com a grandiosidade dos números envolvidos de funcionários e materiais necessários, até os eventos que ali acontecem, são momentos que ficam registrados e que são relembrados com certa frequência e vão construindo e reconstruindo, além da memória, um imaginário, uma feição sobre esse espaço, na medida em que os modos de recordar são definidos culturalmente, variam ao longo do tempo e segundo a formação cultural em que são formulados (ASSMAN, 2011).



Figura 10: Construção do Estádio do Maracanã (1949). Fotografia encontrada no livro Rio de Janeiro- uma viagem no tempo, de Fernando da França Leite.

O Brasil que já havia sediado campeonatos sul-americanos, mostrava-se disposto a realizar o torneio mundial de futebol desde a segunda metade da década de 1930

período de grande crescimento e popularização futebolística no país, todavia, por conta da Segunda Grande Guerra (1939-1945) os planos brasileiros tiveram que ser adiados.

Em 1946 é realizado um Congresso da FIFA (Fédération Internationale de Football Association) em Luxemburgo, e apenas o Brasil apresentou-se como candidato para realização do torneio em 1950. Finalmente, após paralisação por doze anos devido ao conflito e seus desdobramentos, os olhos do planeta bola estavam direcionados para terras brasileiras.

Esta foi a IV Copa do Mundo realizada pela FIFA e apresentou algumas novidades. Por exemplo, pela primeira vez uma seleção inglesa participava do Campeonato Mundial de um esporte ainda hoje conhecido como bretão por conta das origens do futebol moderno atribuídas aos súditos da Rainha. A própria Federação Internacional de Futebol, cuja sede era em Paris, foi transferida durante a guerra pelo seu presidente Jules Rimet para a Suíça, onde se encontra até hoje. Qualificaram-se e tiveram condições de disputar a competição: Brasil, Iugoslávia, Suíça, México, Espanha, Inglaterra, Chile, Estados Unidos, Suécia, Itália, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Índia, Turquia e Escócia (os três últimos desistiram do torneio). Sediaram os jogos as cidades de Belo Horizonte, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre. O regulamento estipulava que as quatro melhores equipes classificadas em seus grupos iniciais na primeira fase formariam um grupo final e disputariam entre si por pontos corridos o título. (MOURA, 1998).

Apesar do retrospecto nas edições anteriores (1930, 1934 e 1938) não ter sido esplendoroso, nunca uma seleção brasileira entrou tão favorita para ganhar um Mundial como a de 1950. Além do fato de jogar em casa, o técnico Flávio Costa tinha em suas mãos grandes jogadores. Na primeira fase o selecionado goleou o México por 4 a 0, depois empatou por 2 a 2 com a Suíça e venceu a Iugoslávia por 2 a 0. Depois, foram duas goleadas históricas na etapa decisiva: 7 a 1 sobre a Suécia e 6 a 1 sobre os espanhóis, quando a empolgada torcida cantava entusiasmada “Touradas em Madri¹⁹”.

No fatídico dia 16 de julho de 1950 ocorria a última rodada da Copa do Mundo de 1950. O quadrangular final encontrava-se, até aquele momento, com o Brasil tendo

¹⁹ Marchinha de carnaval composta por Braguinha e Alberto Ribeiro e famosa na voz de Almirante na década de 1940.

quatro pontos, o Uruguai com três, a Espanha um ponto e a Suécia sem nenhum. Bastaria um empate contra o time o uruguaio e o Brasil seria, pela primeira vez, campeão mundial. A festa já estava pronta, cartazes, manchetes de jornais, discursos de autoridades, o jogo parecia uma mera formalidade, entretanto, faltava avisar aos uruguaiois. A boa seleção Uruguiaia saiu atrás no placar, mas virou a partida sagrando-se bi-campeã e consolidando para eternidade o “Maracanazo”²⁰.

Grupo 1										Grupo 2									
Pos.	Seleção	Pts	J	V	E	D	GP	GC	SG		Time	Pts	J	V	E	D	GF	GS	SG
1	 Brasil	5	3	2	1	0	8	2	6		 Espanha	6	3	3	0	0	6	1	5
2	 Iugoslávia	4	3	2	0	1	7	3	4		 Inglaterra	2	3	1	0	2	2	2	0
3	 Suíça	3	3	1	1	1	4	6	-2		 Chile	2	3	1	0	2	5	6	-1
4	 México	0	3	0	0	3	2	10	-8		 Estados Unidos	2	3	1	0	2	4	8	-4

Grupo 3										Grupo 4									
	Time	Pts	J	V	E	D	GF	GS	SG		Time	Pts	J	V	E	D	GF	GS	SG
	 Suécia	3	2	1	1	0	5	4	1		 Uruguai	2	1	1	0	0	8	0	8
	 Itália	2	2	1	0	1	4	3	1		 Bolívia	0	1	0	0	1	0	8	-8
	 Paraguai	1	2	0	1	1	2	4	-2										

Quadrangular final

Time	Pts	J	V	E	D	GF	GS	SG
 Uruguai	5	3	2	1	0	7	5	2
 Brasil	4	3	2	0	1	14	4	10
 Suécia	2	3	1	0	2	6	11	-5
 Espanha	1	3	0	1	2	4	11	-7

JUNHO DE 1950
BRASIL



Figura11: Tabela do mundial de 1950 Disponível em :

<https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil1950/groups/>

²⁰ Termo usado em referência à partida que decidiu a Copa do Mundo de Futebol de 1950 a favor da Seleção Uruguiaia de Futebol, o superlativo (grande maracanã) , representava o tamanho e a importância da vitória para imprensa e opinião pública uruguaia e da derrota para os brasileiros.

A derrota para a Celeste²¹ e o fracasso do Brasil no Mundial que era para ser seu, contribuiu para alimentar, segundo Nelson Rodrigues, no imaginário nacional o que o escritor posteriormente definiria como complexo de vira-latas.

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. [...] E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. [...] A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma:

— temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Por que, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira latas fôssemos. Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.²²

O impacto da derrota de 1950, associado ao relativo fracasso econômico do governo Dutra nos setores anteriormente mencionados, contribuíram para expansão do “viralatismo”²³ citado por Nelson Rodrigues nas décadas seguintes.

²¹ O termo “Celeste Olímpica” é muito utilizado no jargão futebolístico para se referir à equipe uruguaia em virtude da cor do seu uniforme, e das conquistas olímpicas em 1924 e 1928.

²² COMPLEXO DE VIRA-LATAS (Texto editado na revista Manchete esportiva, a 31 de maio de 1958, e republicado em À sombra das chuteiras imortais - crônicas de futebol (organização de Ruy Castro para a Cia. das Letras, São Paulo, 1993). Trata-se da última crônica antes da estreia do Brasil na Copa de 1958, que, como se sabe, foi a primeira vencida pela Seleção brasileira.

²³ O suposto complexo de inferioridade dos brasileiros, dimensionado por Nelson Rodrigues com a expressão “complexo de vira-lata”, sempre foi objeto de estudos e discussão desde os primórdios do

Seguindo a nova constituição iniciou-se em 1950 a campanha eleitoral para escolha do próximo presidente que assumiria no ano seguinte.

Ele estava de volta, “voltava nos braços do povo”. Getúlio Vargas vencera o pleito com aproximadamente 49% do total de votos. Já no início do mandato Vargas teve que se deparar com outra questão que marcava o cenário político-econômico brasileiro da década de 1950, a disputa entre a corrente que defendia a maior intervenção do estado em setores estratégicos da economia, conhecidos a época como nacionalistas, versus a corrente denominada de forma pejorativa pelos nacionalistas como “entreguistas”, ou seja, aqueles que defendiam a abertura ao capital privado em todas as esferas do setor econômico. De maneira esquemática, é possível identificar aqueles que, de um lado, defendiam o nacionalismo econômico e a intensa participação do Estado no desenvolvimento industrial e na outra posição, os partidários de que o novo ciclo industrial deveria ser comandado pelo capital privado, nacional e estrangeiro. (DEL PRIORE, VENÂNCIO 2010)

Getúlio sempre teve uma vocação nacionalista e isso se comprovou no seu governo com a criação da Petrobrás em 1953 e a campanha o petróleo é nosso, a proposta de criação da Eletrobrás em 1954 e a lei que limitava a remessa de lucros de empresas estrangeiras ao exterior. À medida que a postura nacionalista de Getúlio ficava em evidencia a corrente “entreguista” ampliava sua oposição que naquele momento, contava com apoio de setores do governo estadunidense, (uma vez que no contexto de bipolarização de guerra fria, governos nacionalistas eram vistos de forma receosa por aqueles que queriam garantir e manter suas áreas de influência), de grupos políticos como a união democrática nacional (UDN) partido abertamente antivarguista, setores do empresariado , da imprensa e do militarismo , especialmente aqueles ligados a ESG(Escola Superior de Guerra) (DEL PRIORE, VENÂNCIO ,2010).

Visando consolidar sua base de apoio a partir da classe trabalhadora e dando luz a uma das características mais marcantes de sua administração e da política nacional da década de 1950, o populismo, o governo estipula um aumento de 100% no salário

século XIX. Mais recentemente, Jesse de Souza na obra “A elite do atraso” questiona o “complexo de vira latas” e “o jeitinho brasileiro”, pois segundo o autor estas expressões e suas conotações dão a falsa ideia de identidade pacífica e comum a todos os brasileiros, ocultando assim, entre outras coisas, a dinâmica das lutas de classes,

mínimo, gerando insatisfação no empresariado, aumento de demissões e gastos nos cofres públicos, já que era preciso pagar o funcionalismo.

As disputas entre as correntes nacionalista e “entreguista”, a pressão midiática, os casos de corrupção associados ao governo getulista e o atentado da Rua Tonelero completam o quadro que leva ao suicídio do presidente em 1954, gesto este, que foi capaz de inverter o cenário político que se desenhava naquele momento, favorável a UDN e a tudo que representava o antivarguismo. O suicídio acabou por sensibilizar as massas populares ao mesmo tempo em que esvaziou a aliança golpista no interior das forças armadas. (FAUSTO, 2001).

O último governo da década de 1950 foi o governo JK (1956-1961). Depois da agonia da posse do presidente com tentativas de impugnar sua eleição, Juscelino assume liderando uma plataforma nacional-desenvolvimentista pautada em um modelo tripé de economia que contaria com a participação do capital externo, especialmente em setores de alta tecnologia, com a participação do capital estatal em setores estratégicos como infraestrutura e indústria de base e do capital privado nacional em setores de menor investimento. O modelo econômico também visava minimizar as disputas que marcaram o governo anterior e garantir uma maior estabilidade à sua administração.

Garantindo a tranquilidade política, Juscelino partiu para o seu programa econômico, que tinha como slogan “50 anos em 5”, isto é, cinquenta anos de progresso em cinco de governo. Para viabilizá-lo, Juscelino colocou em prática o nacionalismo-desenvolvimentista, ou seja, uma tentativa de promover o desenvolvimento partindo de interesses nacionais. [...] Nas palavras de Juscelino: ‘Convém que se compreenda, de uma vez para sempre, que o desenvolvimento do Brasil não é uma pretensão ambiciosa, um desvario, um delírio expansionista, mas uma necessidade vital. Desenvolver para nós, é sobreviver, gravem bem os que estão em condições de colaborar conosco, que não necessitamos apenas de conselhos... mas de cooperação dinâmica, e que essa cooperação é altamente rentável a quem se dispuser a ajudar-nos.’ (FAUSTO, 1995, v.4, p.91)

O plano de metas ainda englobava a construção de Brasília. Propagandeada pelo governo como marco da integração regional e da geração de empregos, sua construção contribuiu também para afastar o centro político decisório do Rio de Janeiro e da região sudeste, a mais populosa e urbanizada do país à época.

O governo JK ficou marcado pelos anos dourados, um ambiente otimista e de prosperidade relacionado a uma maior estabilidade política, crescimento econômico , diversificação do parque industrial, geração de empregos e projeção do Brasil no cenário internacional, alcançada pelo desenvolvimentismo, mas também através da bossa nova e do sucesso esportivo.

A década de 1950 foi importante para o esporte nacional, com expressivas conquistas como a de Eder Jofre no boxe, Campeão Sul-americano dos galos em 1960 e Campeão Mundial da AMB (Associação Mundial de Boxe) no mesmo ano, as vitórias da maior tenista brasileira de todos os tempos Maria Esther Bueno, vencedora de muitos Grand Slams em especial a conquista do bicampeonato em Wimbledon (1959- 1960), o título mundial da seleção brasileira de basquete masculino em 1959 e claro, o sucesso do Brasil na Copa de 1958 consagrando-se enfim, campeão mundial de futebol²⁴.

O governo Kubistchek soube explorar essas conquistas, até porque, seu plano de metas camuflava problemas que ficariam evidentes nos governos seguintes: ampliação das desigualdades regionais, falta de autonomia tecnológica, aumento dos índices de inflação e da dívida externa, além da dependência ao modelo rodoviarista como principal modal nacional (MOTA; LOPEZ, 2016).

Um brevíssimo panorama político- econômico e social brasileiro da década de 1950 sinaliza a importância desses anos para investigação de transformações e continuidades na sociedade. Apesar de uma modernização tecnológica a estrutura agrária se mantinha ao mesmo tempo em que se consolidava a chamada sociedade urbano-industrial, sustentada por uma política desenvolvimentista que se aprofundaria ao longo da década, e com ela um novo estilo de vida.

2.3 O Brasil de 2014

²⁴ Para maiores informações: COUTO, André Alexandre Guimarães. Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). Tese de Doutorado, 347 p. Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2007.

Marcada pela velocidade dos acontecimentos e turbulência no noticiário, a década de 2010 registrou uma sequência de eventos de alto impacto no Brasil e no mundo, da política à cultura, da ciência aos costumes.

A popularização das redes sociais no novo milênio tornou o mundo virtual uma realidade, que por vezes extrapolava a própria realidade, a velocidade das comunicações e o acesso à informação ganhou uma dimensão incomparável até então. Movimentos sociais, com as suas mais diversas matizes teóricas, trouxeram novas perspectivas e antigas reivindicações em um mundo cada vez mais acelerado.

A difusão das TICS permitiu a interconexão, em tempo real, das regiões distintas e geograficamente distantes. A comunicação e a troca de informação passaram a ser feitas em quantidade e velocidade nunca antes experimentadas. Entretanto, ao mesmo tempo em que se ampliou o processo de globalização, novas formas de polarização e exclusão foram criadas. Elas estão associadas, por um lado, à capacidade desigual de desenvolver, produzir e usar novas tecnologias, bens e serviços; por outro lado, às oportunidades também desiguais, para adquirir e renovar as bases de conhecimento e as habilidades necessárias para utilizá-las (LASTRES; CASSIOLATO, 2005, p. 24).

A sociedade brasileira do final do século XX e início do século XXI caminhava para um ambiente relativamente otimista diante da estabilidade econômica a partir da contenção da inflação, uma melhor distribuição de renda, ampliação do acesso à educação e o combate à miséria. Entretanto o cenário político –econômico também foi marcado por escândalos de corrupção envolvendo grandes nomes de Brasília e antigas empreiteiras, esquemas de favorecimento, projetos de perpetuação de poder, mobilizações e debates no supremo tribunal federal e movimentos de reivindicação popular que expunham uma crise de representatividade.

Ao final do segundo mandato do governo Lula em 2010, o Partido dos Trabalhadores gozava de grande aprovação. Isso devia-se de um lado à manutenção dos apontadores de crescimento econômico, cerca de 7,5% de crescimento ao ano²⁵, mas também à fatores como: aumento no índice de desenvolvimento humano; aumento real do salário mínimo; ampliação da classe média, com a inserção da camada mais vulnerável da população ao circuito de consumo via crédito; a redução da pobreza,

²⁵ Fonte Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística(IBGE)

especialmente nas áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos e a ampliação do acesso ao nível técnico e as universidades públicas e privadas(SECCO, 2011)

Dilma Roussef, ex- ministra e candidata à presidência apoiada por Lula, tomou posse em 1 de janeiro de 2011, a primeira mulher a comandar o Estado brasileiro desde a proclamação da República. Seu governo conseguiu em poucos meses avançar em medidas que favoreciam a transparência pública e o acesso a informações como gastos governamentais e documentos oficiais, esse, por exemplo, foi o objetivo da Lei de acesso à informação²⁶. O Brasil deixava o mapa da fome, embora ainda estivesse longe de uma redução mais profunda da desigualdade social. No campo financeiro a economia nacional apresentava sinais de desgaste. O país que havia conseguido passar relativamente ileso pela crise global de 2008²⁷ em virtude dos importantes investimentos estatais na produção, e impulso ao consumo seria atingido a posteriori por uma combinação de questões internas e externas.

O programa fiscal do governo incluía estímulo econômico pela redução de impostos, redução de juros e investimentos diretos em setores como o de construção civil. A longo prazo, e sem ser ajustado diante de uma nova realidade, tal programa traria complicações. A partir de 2011 foi adicionada a essa política a intervenção em contratos e concessões, o que contribuiu para redução artificial dos preços de energia elétrica e dos combustíveis. Essas medidas pressionaram a inflação e por consequência reduziram o número de investimentos. Além disso, o enfraquecimento de parceiros comerciais que foram mais profundamente atingidos pela crise de 2008 influenciava nossa balança comercial reduzindo as exportações de gêneros brasileiros. A desaceleração da economia chinesa derrubando o preço de commodities, e as inovações na extração de petróleo de xisto nos EUA completaram o quadro de estrangulamento da economia brasileira no ano de 2013(FREITAS, JONER. 2018).

Candidato a receber o torneio futebolístico mais importante do planeta desde 2006, o Brasil foi escolhido pela FIFA para sediar a Copa do Mundo de Futebol de

²⁶ Para maiores informações ver: <http://paineis.cgu.gov.br/lai/index.htm>. Acesso em: 10 ago. 2020.

²⁷ Para maiores informações ver: OREIRO, J. LUIZ, Origem, Causas e Impacto da Crise. Valor Econômico, São Paulo, setembro 2011. Disponível em: <http://www.jlcoreiro.wordpress.com/2011/09/13/origem-causas-e-impacto-da-crisevalor-economico>. Acesso em: 05/08/2020.
A Crise Financeira dos Estados Unidos, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/ultnot/2008/12/11ult4294u2001.jhtm>. Acesso: 10/08/2020.

2014, escolha que fora oficialmente divulgada em outubro de 2007. Como anfitriã, a seleção brasileira foi automaticamente classificada para disputar o torneio sem passar pelo processo de eliminatórias.

O Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014(COL) e a Federação Internacional de Futebol (FIFA) anunciaram em 2012 o slogan do evento: “Juntos num só ritmo”. O slogan adotado não condizia com a realidade de um país que no ano seguinte mostrar-se-ia cada vez mais polarizado politicamente e dividido em relação à realização da competição. Entre o “não vai ter copa” e o “vai ter copa”, mais uma vez o país parava para assistir a seleção disputar uma Copa do Mundo de Futebol em casa depois de sessenta e quatro anos do trauma de 1950.

A copa de 2014 contou com 32 participantes divididos em oito grupos:

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
 BRASIL	 Espanha	 Colômbia	 Uruguai
 Croácia	 Holanda	 Grécia	 Costa Rica
 México	 Chile	 Costa do Marfim	 Inglaterra
 Camarões	 Austrália	 Japão	 Itália
Grupo E	Grupo F	Grupo G	Grupo H
 Suíça	 Argentina	 Alemanha	 Bélgica
 Equador	 Bósnia-Herzegovina	 Portugal	 Argélia
 França	 Irã	 Gana	 Rússia
 Honduras	 Nigéria	 Estados Unidos	 Coreia do Sul

Figura 12: tabela dos grupos do Mundial de 2014 – Disponível em : <https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil2014/groups/>

Ao todo foram 64 jogos em 12 cidades brasileiras: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

A seleção brasileira que no ano anterior havia vencido com autoridade a Copa das Confederações²⁸, não conseguiu apresentar um bom futebol na primeira fase do Mundial de 2014. Uma vitória complicada contra a Croácia na estreia, um empate sem gols com o México na segunda partida e uma goleada contra a já eliminada seleção de Camarões resumiram nossa participação na fase de grupos.

Muitos especialistas acreditavam que a seleção iria engrenar e desenvolveria um melhor futebol na etapa eliminatória, não foi o que aconteceu. Nas oitavas de final uma classificação dramática contra o Chile nos pênaltis e uma vitória suada contra a Colômbia nas quartas credenciaram o selecionado brasileiro para a semifinal contra os alemães.

Nem o mais pessimista dos brasileiros poderia imaginar que aconteceria o que aconteceu no estádio do Mineirão naquele oito de julho de 2014. O 7x1 representou muito mais que uma grande derrota esportiva, mexeu com todo país, impactou e chamou a atenção dos que gostam ou não gostam de futebol. Como escreveu o jornalista João Valadares “Um país inteiro tonto, zozzo numa roda de bobo, que nos levava sempre ao inferno. Só ontem o visitamos sete vezes.”²⁹

Em 1950 Barbosa foi injustamente escolhido como culpado por supostamente ter falhado no gol de Ghiggia e teve que carregar este fardo pelo resto da vida. Crucificado pelos que caçavam um responsável pela derrota, o goleiro e o zagueiro Bigode, este em menor escala, foram diretamente responsabilizados pela derrota.

A quem culpar diante de um 7x1? O vexame ante os alemães fez com que a imprensa e a opinião pública brasileira revisitassem a própria memória em torno do mundial de 1950.

²⁸ O torneio é composto pelos seis campeões continentais, vencedores do Campeonato Africano das Nações, a Copa da Ásia, o Campeonato Europeu de Futebol, a Copa das Nações da OFC, bem como vencedores da Copa América e Copa Ouro, que são respectivamente as competições continentais da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e a Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF), acrescidos do país-sede e o campeão mundial, perfazendo um total de oito países. O Brasil derrotou a Espanha por 3 a 0 e conquistou seu quarto título da competição, no Estádio do Maracanã em 30 de junho de 2013.

²⁹ Correio Braziliense, Brasília, 09 jul. 2014. Disponível em: <https://www.b9.com.br/50229/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>. Acesso em: 04 jun. 2020.



Figura 13: Jornal Extra, Rio de Janeiro, 09 jul. 2014. Disponível em: <https://www.b9.com.br/50229/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>. Acesso em: 04 jun. 2020.

DIÁRIOde**PERNAMBUCO**

FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS ASSIS CHATEAUBRIAND

QUARTA-FEIRA Recife, 9 de julho de 2014 N° 190

>> diariodepernambuco.com.br

Barbosa, descanse em paz

Moacir Barbosa Nascimento, goleiro do Brasil na Copa de 1950, morreu no dia 7 de abril de 2000 carregando para seu túmulo uma injusta culpa pela derrota contra o Uruguai no Maracanã. Uma decepção que, pensava-se, jamais seria repetida. Infelizmente, aconteceu. E foi pior. A goleada de ontem envergonhou a nação, mas redimiu Barbosa.



O PIOR DIA DO FUTEBOL BRASILEIRO



Não foi a derrota para a Alemanha que chamou atenção, mas sim a forma chocante como ela aconteceu. Uma goleada de 7 a 1 com o time brasileiro totalmente perdido em campo, abatido, dominado por uma equipe disciplinada taticamente e psicologicamente equilibrada. De quebra, Klöse marcou um e quebrou recorde de gols de Ronaldo em Copas do Mundo.

SUPERESPORTES Cl a C6 e EM POCO A3

 ISSN 1807-7072 9 771807 707041	 Fotografe o QR code ao lado e acesse a página do site para fazer a sua assinatura do Diário	assinaturas: 3320.2020 (capital) 0800 2818822 (interior)	comercial: (81) 2122 7888	classi/ider 3419 9000 classiider@diariodepernambuco.com.br	por uma prática sustentável, recicle o seu 
---	--	--	---	--	---

Figura 14: Diário de Pernambuco, Recife, 09 jul. 2014. Disponível em: <https://www.b9.com.br/50229/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>. Acesso em: 04 jun. 2020.

Da euforia à desesperança a derrota para Alemanha foi sendo apropriada no imaginário coletivo, pelo menos por um período, como símbolo de tudo que dava errado ou estava em desalinho no Brasil, não só no futebol, mas em qualquer outra esfera da vida política, econômica e (ou) social. O país que tem tudo para dar certo, mas não dá; que tem tudo para chegar, mas não chega; que não consegue se impôr, que sempre fica pelo meio do caminho, que mais uma vez se defrontava com o seu complexo de vira-latas.

No meio desse turbilhão de acontecimentos que envolvem as décadas de 1950 e de 2010, algo em comum, o Brasil fora sede do evento mais importante do esporte que ainda é o mais popular da Terra, e de maneira traumática, sofreu em casa as duas maiores derrotas de sua história e que acabaram transcendendo a esfera esportiva.

Como esses dois eventos podem nos ajudar a traçar paralelos e compreender as rupturas e continuidades na sociedade brasileira que marcam o intervalo entre a realização dos dois Mundiais? Uma ação articulada a partir de fontes sobre a Copa de 1950 e de 2014 seria capaz de lançar outro olhar sobre essas questões? Teria potencial para fomentar esse tipo de investigação em sala de aula? A prática da experiência proposta neste trabalho pretende responder a estas indagações, uma vez que, inserido em diversos contextos sociais, o esporte é uma chave de análise da construção do ideário e imaginário da modernidade, seus sentidos e significados, passam também pelas peculiaridades que adquiriu a prática esportiva no decorrer do tempo (JESUS, 1999).

Neste espaço de sessenta e quatro anos a constituição brasileira foi alterada, movimentos sociais se consolidaram, cidades foram criadas, o processo de urbanização acelerado, a mobilidade, a comunicação e a integração ganharam novas dimensões, o país se inseriu de forma determinante no processo de globalização, o próprio futebol sofreu variações, nossa relação com o esporte também, o contexto geopolítico internacional e as políticas internas modificaram-se e adaptaram-se a determinadas demandas. Entretanto, algumas questões permaneceram inalteradas, outras avançaram pouco, determinadas outras regrediram. Concentração fundiária, especulação imobiliária, mau uso do dinheiro público, preconceitos dos mais diversos, elitização do esporte mais popular do planeta, são apenas alguns exemplos.

Para alunos do ensino médio de quinze, dezesseis, dezessete ou dezoito anos que já nasceram inseridos em um contexto de globalização, marcado pela velocidade da comunicação, mobilidade e suposta integração, pode parecer difícil ou pouco atraente identificar a construção histórica destes processos através de planos econômicos, regimes de governo, ou sistemas políticos. Analisar as rupturas e permanências que marcam a sociedade brasileira em um determinado contexto envolve um quadro mais amplo e complexo de investigação.

É claro que os aspectos acima mencionados devem ser trabalhados, debatidos e problematizados em sala, mas, e se buscássemos também, em paralelo, um método alternativo que possibilitasse a averiguação sobre as transformações ocorridas na sociedade brasileira em determinado período a partir de outra perspectiva? E se selecionássemos alguns eixos específicos de análise, aprofundando determinadas questões e escapando da superficialidade da apreciação geral? E se essa perspectiva estivesse relacionada a um elemento tangível a alunos e professores? Poderia ela tornar a experiência mais sensível e significativa?

A atividade experimental aqui proposta é voltada para o segundo ano do ensino médio e tem como finalidade o desenvolvimento de um painel comparativo entre o Brasil da década de 1950 e do início do século XXI, que sirva como um exercício de exemplificação da potencialidade do uso de eventos esportivos como objetos de análise e alcance de fontes no ensino de história.

2.4 O Esporte como Termômetro da Sociedade

Pode parecer clichê, mas o esporte é transformador, ele pode motivar, salvar, melhorar, marcar a vida das pessoas, seu potencial precisa e deve ser mais bem aproveitado, não só na educação, mas em diversas áreas. O esporte possui um grande potencial de socializar indivíduos, através de uma partida de futebol na rua, de um jogo de vôlei na escola, um jogo de basquete na praça, de tênis em um clube, pessoas se relacionam, fortalecem amizades, criam vínculos mesmo sem nunca terem se encontrado anteriormente. A importância da prática esportiva é enorme para saúde física, para sociabilidade e comunicabilidade (BURITI, 2001, p.49), mas vale também ressaltar que a investigação sobre as práticas e eventos esportivos abre espaço e

possibilita outro olhar a respeito da construção histórica de determinados contextos e cenários, o esporte é um termômetro da sociedade é parte integrante da nossa história e, portanto, sua utilização como objeto de investigação mostra-se útil e eficaz em diferentes áreas.

Um estudo liderado pelo médico neurologista Renato Anghinah utilizou o esporte como ferramenta no tratamento de pacientes que perderam a memória em decorrência de traumas ou derrames. O médico percebeu que uma parte significativa de seus pacientes possuía alguma relação com práticas e (ou) eventos esportivos ao longo da vida. A equipe liderada pelo doutor Renato intuiu que por conta do vínculo emocional e afetivo, o esporte poderia funcionar como uma chave para acessar o hipocampo e a memória destas pessoas. Vídeos, fotografias, entrevistas, narrações de locutores famosos, gradativamente eram utilizadas e abriam portas que permitiam o acesso a lembranças adormecidas³⁰.

Um dos pacientes morou nos Estados Unidos no começo da década de 1990 e gostava de assistir aos jogos da NBA (National Basketball Association), foi através de vídeos de Michael Jordan e do Chicago Bulls que de forma lenta e gradativa ele foi se lembrando de sua passagem e de momentos que marcaram sua estadia em território estadunidense. Uma mulher, torcedora do São Paulo, teve como gatilho para disparar suas lembranças o jogo entre o tricolor paulista e o Barcelona pela final do Mundial de clubes em 1992, a vitória do time dirigido por Telê Santana contribuiu para reavivar momentos de sua vida pessoal e profissional.

Outra paciente que fora dançarina e ginasta na infância, resgatava aspectos de sua identidade e avançava no tratamento memorizando vídeos de competições de Daiane dos Santos, ginasta brasileira campeã mundial em 2003. Um torcedor corintiano que sofrera um trauma e tivera a memória prejudicada, não recordava de muitos aspectos de sua vida, mas se lembrava de uma coisa, ele era corintiano! Não tinha dúvidas de que costumava ir as arquibancadas torcer pelo Corinthians. Sua memória afetiva e familiar que estava diretamente ligada ao clube de coração, permitiu que se

³⁰ Matéria exibida no Esporte Espetacular no dia 04 de fevereiro de 2017 mostrando o potencial esportivo no campo da pesquisa neurológica.

lembrasse de parentes e amigos que frequentavam o estádio com ele, expressões, sentimentos, cheiros e sons que estavam vinculados aquele ambiente.

O projeto de pesquisa e o tratamento liderado pelo doutor Renato Anghinah , permitiu concluir, que durante um ano submetidos a esse tipo de procedimento os pacientes evoluíram muito do ponto de vista clínico, a paixão pelo esporte foi um facilitador para o resgate de memórias , e mais do que isso, talvez o mais importante de tudo, o processo tornou-se prazeroso para pacientes e médicos.

Acreditamos que este tipo de experiência e iniciativa são exemplos do potencial de atuação do esporte e de eventos esportivos em diferentes áreas e inserem-se em uma perspectiva associada ao conceito de cultura histórica, que engloba as diferentes abordagens pelas quais as interpretações do tempo, especialmente do passado são acessadas, problematizadas e discutidas.

2.5 A Perspectiva da Cultura Histórica

Se me perguntarem, qual considero o maior desafio, interesse e problema enfrentado pela história e pelos historiadores; eu responderei: O tempo.

Como destaca Lana Mara de Castro Siman:

Considerando, pois que o tempo é uma dimensão central da experiência humana, estruturante do seu pensamento e de sua ação, pensar a temporalidade das ações do homem e das sociedades humanas constitui-se em desafio, tanto para os historiadores, como para os professores de História. (CASTRO SIMAN, 2005, p. 110)

O conhecimento histórico tem um caráter diferenciado dos demais, por conta da perspectiva temporal que lhe é inerente. Muitos historiadores e intelectuais se debruçaram e se debruçam sobre o tema, dentre eles, Norbert Elias. Na percepção de Elias o homem é construtor do tempo (ELIAS, 1998). Logo, não se pode compreender um sem o outro, da mesma forma que atividade, tempo e sujeito não podem ser dissociados. O tempo deve ser compreendido no contexto social onde é produzido e também em interação com outros elementos da vida social. Para tal, demanda-se a

articulação de aspectos interdisciplinares e intersubjetivos para adentrar tais redes de configurações sociais. (ELIAS, 1993).

O historiador alemão Reinhart Koselleck, também se dedicou à questão temporal. Em Koselleck o tempo não é dado como algo natural, mas sim como parte de uma construção cultural, que determina, em cada época, um modelo de relacionamento entre o passado, aquilo já experimentado, e as possibilidades que se lançam no futuro como horizontes de expectativa (KOSSELLECK, 2006). Existem estratos do tempo em cada presente, desta feita, Koselleck se vale de uma metáfora de camadas do tempo (modelo geológico) para afirmar que há camadas no tempo que se entrelaçam com tempos diferentes convivendo no mesmo tempo. Em outras palavras, existem muitos passados no nosso presente, assim como também, muitos horizontes de expectativa. (KOSSELLECK, 2014).

Chama atenção que tanto Elias, como Koselleck ressaltam a importância do debate sobre o tempo histórico como construção cultural, as concepções da história para os dois autores estão entrelaçadas as concepções de tempo histórico.

A análise deste tempo histórico e desta perspectiva temporal demanda por parte de professores e alunos um significativo esforço em direção ao alargamento de um raciocínio histórico.

O desenvolvimento de um conhecimento histórico não é algo simples. A partir daí emerge a seguinte indagação: como desenvolver estratégias e métodos que possibilitem o desenvolvimento de um raciocínio histórico na educação básica? O esporte, dentro da perspectiva da cultura histórica é apontado neste texto como uma possibilidade, uma ferramenta de contribuição ao fomento do raciocínio, do conhecimento e da aprendizagem em História.

A professora e historiadora Circe Bittencourt associa o conhecimento histórico ao fato histórico ligado a temas e aos sujeitos que o produziram em análise buscando uma explicação inteligível. Para o alcance desta inteligibilidade é preciso se ordenar os fatos através de conceitos e noções de organização. O conhecimento histórico passa necessariamente pela mediação de conceitos (BITTENCOURT,2004).

A reflexão teórica sobre o conceito de cultura histórica remete, de forma mais consistente, as décadas de 1980 e 1990, a partir de trabalhos como o de Jörn Rüsen³¹

³¹ Entre os trabalhos de Jörn Rüsen, destaca-se "¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia". *Culturalhistórica*. [Versión castellana inédita del texto original

que estabelece uma dialética entre o conceito de cultura histórica e o de memória coletiva. O trabalho de Rüsen contribuiu para que outros autores pensassem o conhecimento histórico numa dimensão mais ampla.

Fernando Sanchez Costa, por exemplo, aponta a memória como motor da consciência histórica, memória esta, que é alimentada por diferentes tipos de narrativas e representações do passado. Este tipo de análise permitiria aos historiadores uma melhor compreensão dos universos simbólicos, da imagem que uma sociedade ou grupo tem de si. Sua identidade atual e seu projeto de futuro dependeriam em grande parte da representação que tem do passado (Sanchez Costa,2008,p277).

Embora o debate sobre a insuficiência de uma memória coletiva e a utilização de conceitos como de “memória cultural³²” apareçam na reflexão do historiador espanhol, nosso foco está direcionado à uma perspectiva de elaboração social da história por diferentes instrumentos e variados saberes, que circulam não só no ambiente acadêmico, mas também nas escolas, nos museus, na música, nas séries de televisão, no cinema, na literatura, enfim, nos mais diversos meios.

A cultura histórica pode ser apreciada como um conjunto de práticas, valores, juízos e conhecimentos que são históricos, por que dialogam com o passado; um passado conectado com o presente e alinhado a uma expectativa de futuro. Por meio da cultura histórica é possível compreender melhor a relação com o passado e principalmente, o lugar que é dado a esse passado no sentido de valor no presente.

A perspectiva da cultura histórica propõe rastrear estratos e processos de uma consciência histórica social, atentando sempre, para os agentes que as produzem, os meios pelos quais são produzidos e disseminados, além da recepção que alcançam. O conhecimento histórico tem muitas formas de difusão e circulação, trabalhar com cultura histórica é instrumentalizar saberes que são dialógicos e se manifestam também

alemán en K. Füssmann, H.T. Grütter y J. Rüsen, eds. (1994). *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, pp. 3-26].

³² O termo faz referencia à Aleida ASSMANN que no livro: “*Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*” busca demonstrar que não há uma essência da memória. Não apenas os indivíduos lembram-se das coisas, como também grupos e as mais diversas coletividades. Ou seja, os modos de recordar são definidos culturalmente, variam ao longo do tempo e segundo a formação cultural em que são formulados.

a partir de renovações de linguagens. Sendo assim, é importante destacar que o conceito não se apresenta de forma fechada e imutável, pelo contrário, ele representa um processo dinâmico que inclui múltiplas narrativas e diferentes abordagens pelas quais as interpretações do passado são problematizadas e discutidas. Evidentemente que uma destas abordagens é a acadêmica, de fundamental importância e legitimidade.

O conjunto de imagens, valores e ideias que compõem determinada visão de passado, por determinado grupo ou sociedade, o número de agentes que participam de configurações e de representações sociais do passado é enorme.

A concepção da cultura histórica não diminui ou deixa de lado a produção histórica acadêmica, pelo contrário, apenas destaca que não é ela a única fonte de produção e disseminação de determinado conhecimento histórico, especialmente em ambiente escolar. O professor Elio Chaves Flores, por exemplo, em um texto intitulado *Dos feitos e dos ditos: História e Cultura Histórica*, procura nos aproximar do significado desse conceito quando afirma que:

Entendo por cultura histórica os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de uma saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais. (CHAVES FLORES, 2007: p. 95),

Para Ângela de Castro Gomes, a cultura histórica permite entender melhor e de maneira mais específica o que se considera passado e que representatividade ele recebe da sociedade em cada contexto, de modo que o conceito abarca tanto o conhecimento histórico em sentido mais estrito quanto as outras formas de expressão cultural em sentido mais amplo.(GOMES, 1998).

Em seu texto “*cultura histórica e cultura política no estado novo*”, a autora tem o intuito de recortar, dentre as várias políticas públicas criadas no período, àquelas que dizem respeito a políticas culturais. Essas políticas culturais tinham a intenção de recuperar o passado nacional brasileiro. Trata-se de uma política pública que divulgava normas e valores que deviam ser compreendidos pela população como específicos da

identidade nacional brasileira. A legitimação e consolidação dessas políticas contaram com a colaboração de uma burocracia estatal e de pessoas consideradas importantes no período, tais como os intelectuais (GOMES, 2007). Além disso, delimitava uma área de representação da nacionalidade, que valoriza o passado. Sendo assim, em seu texto, Gomes trabalha com o conceito de “cultura histórica”, utilizada para caracterizar “a relação que uma sociedade mantém com o seu passado”.

A partir da definição do termo, duas perguntas emergem: Qual, portanto é o papel do professor- historiador diante desta perspectiva? Existe aplicabilidade para este conceito dentro do ensino de história? Estes questionamentos são alvos de problematizações e reflexões importantes que motivaram a realização desta tese.

Ulrich Gumbrecht em seu texto: “Depois de depois de aprender com a história, o que fazer com o passado agora?” Identifica um crescente fascínio pela história nas últimas décadas, mas argumenta que esse encantamento não necessariamente vem acompanhado de uma legitimidade da função de historiador e muito menos de uma legitimidade do ofício da história (GUMBRECHT, 2011). Para Gumbrecht esse fascínio é algo pueril, superficial e que não leva a problematização nem a mobilização de um pensamento reflexivo. Segundo o autor, o interesse pelo passado se expande à medida que as expectativas de futuro se fecham.

O apontamento de Gumbrecht é pertinente, a história vai se tornando cada vez mais um “gabinete de curiosidades” a partir do recrudescimento dos horizontes de expectativa³³ e do próprio processo de mercantilização do conhecimento histórico. Entretanto, não devemos considerar essa fascinação, apontada pelo professor alemão como algo necessariamente ruim na educação básica, pelo contrário, ela pode e deve ser o catalisador de um interesse que se amplia em sala de aula. Cabe ao professor- historiador o desenvolvimento de métodos que sejam capazes de usar essa atração momentânea como um fio condutor que leve a uma reflexão mais ampla e duradoura.

³³ O conceito se refere à obra de Reinhart Koselleck (1923 – 2006) **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Em Koselleck tanto a experiência quanto a expectativa, são categorias capazes de entrecruzar o passado e o futuro. Servem ao autor como instrumentos para lidar e tematizar aquilo que ele chama de tempo histórico, entendido como “um valor adequado à história e cuja transformação pode-se deduzir da coordenação variável entre experiência e expectativa”.

Espaços considerados “tradicionais” de produção de conhecimento, como as escolas e universidades não perdem legitimidade, pois a preocupação com o método e a autoridade para um texto elaborado por meio de padrões que tem sua cientificidade e estabelecem uma condição de ciência para um determinado saber continuam mantendo seu referencial. A historiografia mantém sua referência, o professor- historiador mantém sua legitimidade, mas também abre espaço para outros agentes, meios e narrativas que circulam, edificam e resignificam o conhecimento histórico.

3. SELEÇÕES EM CAMPO E EM SALA DE AULA

A percepção da potencialidade do objeto esporte em sala de aula, os resultados obtidos com o projeto “História e Geopolítica do Esporte no Século XX” descrito no primeiro capítulo, e a identificação de um relativo distanciamento de alguns alunos com temas e questões nacionais serviram de inspiração para o trabalho desenvolvido neste mestrado profissional. Decidimos para o Profhistória propor a elaboração de uma atividade voltada especificamente para o currículo de História do Brasil, tal atividade, sugere uma investigação acerca de dois dos maiores eventos esportivos já realizados no país: Os Mundiais de futebol de 1950 e de 2014. Pretende-se com ela, analisar como o objeto esporte, neste caso o futebol, nos oferece usos e potencialidades pedagógicas para aproximar os alunos dos conteúdos curriculares, e de contextos e conceitos fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência histórica durante as aulas de História do Brasil.

Munindo os alunos com alguns dados, que servirão como pontapé inicial de uma proposta de fomento e debate acerca da pesquisa e tratamento de fontes e também de uma maior compreensão do conceito de historicidade, acreditamos que os estudantes conseguirão, a partir e através destes dois acontecimentos esportivos, desenvolver um painel que exponha de forma comparativa transformações, rupturas e também permanências no Brasil neste intervalo de sessenta e quatro anos que separam os dois eventos.

3.1 Detalhamentos da Proposta – Uma Perspectiva Comparada

Historiadores e pesquisadores das mais diversas áreas há muitos anos, refletem sobre as possibilidades, potencialidades e limites do método da História Comparada para ampliar as contribuições dos estudos históricos.

Marc Bloch procura fixar os requisitos fundamentais sobre os quais poderia ser constituída uma História Comparada que realmente fizesse sentido. Sua

conclusão é a de que dois aspectos irredutíveis seriam imprescindíveis: de um lado uma certa similaridade dos fatos, de outro, certas dessemelhanças nos ambientes em que esta similaridade ocorria. A semelhança e a diferença, conforme se vê, estabelecem aqui um jogo perfeitamente dinâmico e vivo: sem analogias e sem diferenças não é possível se falar em uma autêntica História Comparada. De igual maneira, Bloch visualizou dois grandes caminhos que poderiam ser percorridos pelos historiadores dispostos a lançar mão do comparativismo na História. Seria possível comparar sociedades distantes no tempo e no espaço, ou, ao contrário, sociedades com certa contigüidade espacial e temporal. (BARROS, 2007,P.13)

A professora Maria Ligia Prado, analisa e problematiza o método comparativo apontando limites, cuidados e também benefícios deste modelo. Para autora, as críticas e até mesmo a recusa da história comparada diz respeito ao questionamento de seus processos metodológicos e da eficácia de seus resultados. O principal questionamento seria o perigo da adoção de uma visão que tome determinadas características sociais, políticas, culturais, econômicas, enfim, civilizacionais como modelo ideal para realizar a comparação. Ao mesmo tempo em que ressalta este ponto, a historiadora cita Marc Bloch³⁴ para defender que a comparação possibilita um aperfeiçoamento da capacidade de ponderação do historiador, uma vez que serve como instrumento técnico para estudar duas realidades nas quais existam certas analogias. Assim sendo, a comparação permitiria a percepção de movimentos entre essas sociedades com algum grau de equivalência, apontando afinidades, diferenças e permitindo a formulação de novas hipóteses. (PRADO, 2005)

O historiador do esporte Mauricio Drummond destaca que embora exista resistência por parte de alguns pesquisadores em acolher o método comparativo, pode-se afirmar que a comparação está arraigada na natureza da atividade do historiador. Ao se afirmar que o fato é individual e específico, o pesquisador está fazendo uma comparação deste fato com todos os demais. Além disso, a própria análise de fontes, comparando-as e cruzando informações na busca de sua construção narrativa, remete os historiadores ao comparativismo.(DRUMMOND, 2007)

A obra *História Comparada* de José D'Assunção Barros (2007) oferece uma espécie de guia historiográfico acerca das diferentes abordagens do método

³⁴ Para maiores informações ver : BLOCH, Marc. Para uma História Comparada das Sociedades Européias. In: _____. História e Historiadores. Lisboa: Teorema, 1998. p. 47-63.

comparativo. Segundo o autor, o método comparativo surge como um modo de abrir-se para o diálogo, rompendo o isolacionismo e ultrapassando os limites de uma historiografia política engessada pelo nacionalismo da segunda metade do século XIX e início do século XX. (BARROS, 2007). Neste ponto específico, esta também é a visão das historiadoras Neyde Theml e Regina Bustamante, que enxergam que no período entreguerras, o método comparativo foi utilizado como uma possível resposta ao nacionalismo exacerbado (THEML; BUSTAMANTE, 2004).

Em *Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites*, o professor Victor Melo aponta ainda marcas do período pós- II Guerra Mundial que contribuíram para a ampliação da perspectiva histórica e para o desenvolvimento do método comparativo, entre as quais: as preocupações com o ultranacionalismo; a emergência das agitações com os países em desenvolvimento; os movimentos de independência afro-asiáticos, a ascensão da cultura como um dos meios centrais para se pensar a dinâmica social; e mesmo os movimentos de globalização, que trouxeram à tona um sem número de arranjos sociais, grupos e demandas específicas até então encobertos ou pouco conhecidos (MELO, 2007).

O caráter plural deste campo de análise é ressaltado pelo historiador alemão Jurgen Kocka que visualiza nas abordagens comparativas a possibilidade da identificação de questões, a percepção de contrastes entre processos e a construção de explicações que seriam dificultadas por fronteiras regionais ou nacionais. (KOCKA, 2003). Para os que se debruçam sob a História do Esporte este é um ponto relevante, pois como aponta Victor Melo (2007):

É importante lembrar que estamos lidando com uma das manifestações culturais contemporâneas mais influentes e presentes em países diferentes. É provável que seja uma das práticas sociais mais fortes no que se refere à transnacionalidade, onde se destacam seus eventos mais conhecidos (os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol) e duas de suas entidades organizativas (a Federação Internacional de Futebol e o Comitê Olímpico Internacional, ambas com mais membros que a Organização das Nações Unidas). Assim sendo, desde o início parece que uma abordagem histórica transnacional pode se apresentar como fértil perspectiva para as investigações relacionadas ao objeto. (MELO, 2007 p. 19)

Entretanto vale frisar que o método comparativo não se restringe a transnacionalidade, ele também é útil e legítimo para investigações locais e nacionais. Um dos principais questionamentos que a história comparada enfrenta diz respeito a desigualdade de fontes, especialmente quando a comparação é feita entre quadros de dois ou mais países, fato este, que pelo menos teoricamente, seria minimizado em uma análise local, além disso, como nos mostra Barros (2007, p. 17): “Comparar macro-realidades ou comparar micro-realidades é legítimo em cada caso: e entre estas operações guardar-se-á o mesmo tipo de distinção que emerge da escolha entre comparar estrelas e comparar átomos”.

Um procedimento conhecido como Qualitative Comparative Analysis (QCA - Análise Comparativa Qualitativa) estabelecido pelo professor Charles Ragin³⁵ no livro “The Comparative Method: moving beyond qualitative and quantitative strategies” propõe a comparação de um determinado número de casos, a partir de uma análise das configurações de condições dadas pela teoria. O estudo partiria do pressuposto de uma comparação que não perde de vista a complexidade dos casos e identifica que nem sempre técnicas exclusivamente quantitativas ou qualitativas respondem aos objetos e objetivos de pesquisa, portanto se faz necessário modificar o paradigma metodológico.

Embora enfatize em seu livro a utilização deste método para relações causais; Ragin sinaliza que “as técnicas de Análise Comparativa Qualitativa apresentadas são possíveis e favoráveis para qualquer análise que enfoque um número pequeno ou moderado de casos de maneira configuracional”, o que definiu como análises não-causais. Ou seja, o pesquisador deve buscar questões sobre quais fatores convergem ou diferem entre os casos estudados, para então analisar suas configurações comuns e suas particularidades (RAGIN,1987, APUD Drummond , 2007). Torna-se forçoso, portanto, mudar o padrão metodológico e pensar os acontecimentos não como resultantes de um amotinado de variáveis avulsas, mas como processo de categorias relacionais que são configuradas a partir da sua relação com o contexto.

A comparação ainda pode se fazer presente em estudos pelo cruzamento de distintas hipóteses de apreciação. Ao se observar um mesmo objeto por diferentes

³⁵ Professor de Sociologia da Universidade da Califórnia, Irvine , Ragin defende o uso de conjuntos difusos para fazer a ponte entre os métodos quantitativos e qualitativos. Uma das alternativas que surgiram às técnicas qualitativas e quantitativas tradicionais é conhecida pelo acrônimo QCA (Qualitative Comparative Analysis). As bases do método foram construídas pelo livro de Charles Ragin, “The Comparative Method: moving beyond qualitative and quantitative strategies”, lançado em 1987.

olhares, pode-se alcançar aspectos que de outro modo não seriam necessariamente avistados.

Sabemos que tal perspectiva de pesquisa traz um grande número de desafios e particularidades que não podem ser abandonadas, mesmo assim vale ressaltar que este trabalho não se propõe a uma discussão mais ampla das correntes historiográficas acerca da História Comparada, nem pretende estender de forma aprofundada essa discussão na educação básica, mas sim investigar juntamente com os alunos, a capacidade de um modelo comparativo de análise que tenha como objeto o esporte. Um objeto que permitirá o acesso à fontes que podem contribuir para a formação de um quadro diversificado e mais amplo em torno de questões sociais, políticas e culturais que englobem transformações, rupturas e permanências no Brasil a partir de determinados eixos temáticos que partam das Copas do Mundo de 1950 e de 2014.

Especialmente na educação básica e cuidando sempre de um “anacronismo controlado”³⁶, acreditamos que o método comparativo pode contribuir para o surgimento de novas questões, novos problemas e olhares originais. Além disso, utilizar o esporte como via de uma abordagem comparativa em sala de aula no ensino médio pode tornar a atividade ainda mais atraente e produtiva para alunos e professores.

3.2 A Importância dos Eixos Temáticos

Para a prática do trabalho e seu melhor aproveitamento metodológico, cinco eixos temáticos foram selecionados e serão analisados por cinco grupos de trabalho. São eles: 1-integração e mobilidade, 2- o impacto das duas maiores derrotas do esporte brasileiro na memória coletiva e na identidade nacional, 3-o futebol como símbolo da inserção do Brasil no processo de globalização, 4- as mulheres no mundo do futebol, 5 - a elitização do esporte mais popular do planeta.

O padrão de integração e mobilidade da população brasileira vem sofrendo mudanças desde a metade do século XX. Tais modificações não se limitam aos meios de transporte e deslocamento, conforme nos apresenta Costa (2008), estes temas envolvem também questões ambientais, econômicas, sociais e comportamentais mais

³⁶ Termo usado por Nicole Lourax em o Elogio do Anacronismo

complexas. Reflexo principalmente da intensa e acelerada urbanização e crescimento desordenado das cidades, os padrões de mobilidade traduzem as relações dos indivíduos com o espaço que habitam. Acreditamos que Os Mundiais de Futebol de 1950 e 2014 podem apresentar um interessante panorama acerca deste processo e seus desdobramentos, pois fontes como o número de cidades-sede, infraestrutura urbana disponível, malha rodoviária, aeroviária e ferroviária de meados do século XX e da primeira década do século XXI poderão contribuir para uma melhor compreensão do que era o Brasil em termos de integração regional e mobilidade em 1950 e o que é o Brasil nestes mesmos termos hoje.

O “Maracanazo” de 1950 transformou-se em uma “tragédia” brasileira e de muitas formas foi cooptado pela memória coletiva como um elemento mítico e simbólico. O favoritismo da seleção, a modesta campanha uruguaia, o maior estádio do mundo lotado torcendo pelo Brasil e a necessidade de apenas um empate para conquista do tão esperado título, contribuíram para decepção que extrapolou as quatro linhas do campo. Essa transposição pode ser percebida em publicações de jornais, crônicas esportivas, documentários, livros, filmes e no relato daqueles que vivenciaram o dia 16 de julho de 1950.

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado (...) E, de repente, chegou-me a decepção maior, a ideia fixa que se grudou de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinharia do destino (José Lins do Rego, publicado no Jornal dos Sports - JS, 18/07/1950).

Interessante perceber como a construção narrativa em torno da Copa de 1950 é constantemente lembrada e ganha novos contornos, especialmente depois de 2014. Em parte, podemos associar essas reafirmações e transformações de discursos e textos ao que Andreas Huyssen chama de “cultura da memória, ou cultura do passado-presente”³⁷

³⁷ O autor trabalha a problematização da memória em contextos transnacionais, a partir de uma relação passado-presente marcada por uma nostalgia romântica em relação ao que ele denomina de ruínas do passado ao mesmo tempo em que nos deparamos com uma modernidade cruel, marcada por atrocidades que soterraram os futuros sonhados. A obra de Andreas Huyssen tem sido fundamental para pensar a prática historiadora, especialmente em relação à História do Tempo Presente. As análises elaboradas pelo autor nos convidam a pensar as imbricações entre temporalidades e espacialidades no presente vivido, em uma reflexão sobre as maneiras como no presente se articulam passado e futuro, global e local. Ver

, mas também a falibilidade, imperfeição, criatividade e flexibilidade das recordações, pois como afirma Oliver Sacks “ A memória não surge só da experiência, mas também da interação de muitas mentes” (SACKS , 2017).

No dia 8 de julho de 2014 o Brasil não entrava como favorito para enfrentar a Alemanha no Mineirão, especialmente depois da contusão de Neymar no jogo das quartas de final contra a Colômbia, entretanto por jogar em casa e pelo peso da “camisa amarela” acreditava-se em uma partida equilibrada. O que espantou e tornou a derrota inadmissível foi o seu tamanho: 7 x 1. Uma seleção apática e completamente perdida em campo fez com que o revés esportivo, sessenta e quatro anos depois da última copa realizada no país, mais uma vez extrapolasse as quatro linhas do gramado.

Não era incomum, nos dias, meses e anos que seguiram o “Mineirazo”³⁸ ouvir alguém, quando se deparava com alguma notícia ou cena relacionada à problemas políticos, econômicos, falta de infraestrutura, descaso, abuso, ou desrespeito de qualquer tipo , em alguma parte do país proclamar : “ Gol da Alemanha” ou “ Todo dia um 7x1 diferente”. O contexto era distinto, os meios de comunicação e recepção também, mas assim como em 1950 a derrota de 2014 foi apropriada como um elemento emblemático e acreditamos que uma investigação acerca dos impactos destes dois eventos pode contribuir para uma discussão mais significativa envolvendo memória e identidade em sala de aula.

O esporte é um fenômeno universal, capaz de promover integração, sociabilidade e inserção. É uma manifestação cultural das mais relevantes, senão a mais relevante dos últimos séculos e, portanto, também um campo de luta e conquista de direitos. A inserção feminina na prática esportiva e em atividades ligadas ao esporte teve de romper barreiras em todo o planeta. No Brasil, estudos interpretam a prática esportiva e as atividades corporais como uma forma de emancipação e enfrentamento diante de um cenário envolto por preconceitos socioculturais dos mais diversos

HUYSEN, Andreas. Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2014. (Coleção ArteFíssil). . Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

³⁸ O termo faz alusão ao trauma da derrota para Uruguai em 1950 conhecido como Maracanazo, como o jogo contra a Alemanha aconteceu no Mineirão, decidiu-se adotar a expressão para dimensionar o tamanho do revés sofrido pela seleção.

(CASTELLANI, 1997; SILVA, 1999; KNIJNIK, 2004; MOURÃO, 2003; DEVIDE, 2003; ROMERO, 2004).

Uma reforma educacional no ensino primário em 1882 tornou a ginástica obrigatória para ambos os sexos, mas o texto original trazia uma observação em relação às mulheres: “devia se adequar à harmonia das formas femininas e às exigências da maternidade futura” (CASTELLANI, 1997; KNIJNIK, 2001).

O Decreto lei 3199, publicado em 1941 pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) impedia a prática de esportes que não fossem “ajustados à natureza feminina”. Tal decreto foi regulamentado em 1965 e era constituído de normas para a participação das mulheres no esporte, proibindo a prática de várias modalidades (DEVIDE, 2003). Somente no começo da década de 1980 o CND conferiu o direito à prática de diversas categorias esportivas pelas mulheres, incluindo o futebol que foi oficialmente regulamentado em 1983 (CASTELLANI, 1991).

No que se refere especificamente ao futebol, a luta continua sendo árdua, pois além do abismo envolvendo questões como patrocínios, organização de campeonatos, infraestrutura, apoio midiático e retorno financeiro entre o esporte masculino e o feminino, as disparidades também se apresentam em outros campos, como por exemplo :na participação de mulheres em programas esportivos, em redações de periódicos voltados ao esporte, na transmissão de jogos no rádio e na televisão e na administração de clubes, agremiações e organizações voltadas ao esporte. Embora muitas conquistas tenham sido asseguradas e um número cada vez maior de mulheres esteja participando de forma mais ativa do universo futebolístico brasileiro e mundial, especialmente se comparado à década de 1950, o cenário ainda está distante do ideal.

Acreditamos que uma abordagem envolvendo questões de gênero que parta de dois eventos esportivos como os Mundiais de 1950 e 2014, podem ser úteis na construção de um quadro comparativo que envolva a historicidade das conquistas, dos avanços e também das permanências na sociedade brasileira neste recorte temporal, estimulando a compreensão de conceitos, valores e representações por parte dos alunos em sala de aula.

O futebol é global , milhões de pessoas em todo mundo praticam, assistem, consomem futebol, mas, de que tipo de globalização estamos falando? Apesar de

vivermos em um mundo globalizado, a definição de globalização não é tão simples quanto parece. O professor Willian Scheuerman (2010), relaciona o termo à desterritorialização, ou seja, atividades econômicas e sociais que não podem mais ser definidas por um, ou a partir de um território. O pesquisador estadunidense ainda aborda a interconectividade e a velocidade das atividades sociais destacando a rapidez dos sistemas de transporte e informação além do alcance e influência que determinadas ações podem exercer em todo o globo como referências para o entendimento de globalização (SCHEUERMAN, 2010). O sociólogo Renato Ortiz (2009) propõe um olhar diferenciado entre o aspecto econômico e o cultural. A globalização tecnológica e econômica ganha uma abrangência e uma perspectiva distinta da globalização da cultura, que ele escolhe tratar de mundialização, o autor afirma que os regionalismos muitas vezes se ampliam e se sobrepõem neste processo.

Foi em contraposição a esta perspectiva que elaborei a distinção entre os conceitos de mundialização da cultura e globalização da economia e da técnica. Eu queria afirmar, por um lado a existência de um processo único, mas também compreender como ele se realizava de maneira diversificada e conflitiva no âmbito dos universos simbólicos. Neste sentido, não haveria uma ‘cultura global’ ou uma ‘identidade global’, a unicidade postulada no plano econômico e tecnológico seria imprópria para se compreender a dimensão cultural. (Ortiz, 2009, p.246).

Na obra Futebol e Globalização Richard Giulianoti e Roland Robertson (2009) também discutem a questão da dualidade envolvendo o global e o local, mas a partir do esporte, mais especificamente aquele considerado o mais popular. Segundo os autores, ao investigarmos a historicidade do futebol notamos como a propagação do mesmo tem sido amparada pelas interrelações entre o universal e o particular, entre a heterogeneização e a homogeneização. Essa dualidade é denominada por eles como “glocalização” ou “globalização local”, pois transitam entre dois polos que aparentemente são antagônicos pelo meio de mecanismos como o marketing de clubes e ligas, que recrutam atletas de determinada nação para tentar cooptar torcedores/consumidores daquela nacionalidade, ou ainda, a utilização de imagens televisivas globais, mas com a narração de um profissional local, que procura aproximar o telespectador do evento, ou o reforço de identidades em um ambiente de

espetacularização³⁹ voltado para um público amplo. (GIULIANOTTI; ROBERTSON, 2009).

A globalização do futebol e no futebol podem ser analisadas por diferentes perspectivas. Utilizando o conceito de fluxo de Joseph Maguire (2003)⁴⁰ identificamos no futebol um cenário de intensa movimentação e deslocamento, seja de pessoas, envolvendo espectadores ou profissionais que passam a atuar fora do seu local de origem, seja de tecnologia englobando equipamentos, metodologias, materiais, sistemas de treinamento e preparação, seja de capital, no que se refere a contratos, patrocínios e premiações (MAGUIRE, 2003). Nesse sentido, o futebol é, decisivamente, influenciado por interesses lucrativos que por consequência redimensionam o jogo e acabam fomentando a elitização do esporte.

O processo de elitização do futebol não é novo, acontece que o ritmo anda cada vez mais acelerado. O encarecimento do preço de ingressos, os contratos televisivos que por vezes forçam o torcedor a fazer três assinaturas e cinco cadastros para conseguir acompanhar o seu time de coração e as disparidades econômicas entre os clubes estão neste pacote que parece incentivar um processo de exclusão. O desafio de tornar o futebol ao mesmo tempo moderno e democrático ainda está longe de ser alcançado no Brasil.

Os elementos destacados como eixos temáticos e as provocações resultantes de suas análises são plausíveis de serem trabalhadas no ensino médio e servirão de fontes que buscam sensibilizar e aproximar os estudantes dos contextos considerados, visando sempre, a utilização do esporte como um objeto de estudo, um mecanismo de inclusão, entendimento, problematização e compreensão da ciência histórica.

3.3 As Caixas Históricas – Passo a Passo

³⁹ O termo faz referência ao processo de mercantilização do esporte.

⁴⁰ O autor enfatiza a questão da movimentação de duplo sentido, entre o local e o global, que ele denominou de fluxos. Para Maguire os fluxos podem ser humanos, tecnológicos, econômicos, midiáticos e ideológicos. Ver MAGUIRE, J. Globalización y creación del deporte moderno. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, ano 9, No. 67 – dez.2003

Os cinco Eixos Temáticos, serão analisados por grupos de trabalho a partir de fontes que o professor disponibilizará aos alunos em duas “Caixas Históricas” que estão relacionadas aos dois grandes eventos esportivos citados anteriormente: a Copa do Mundo de Futebol de 1950 e a Copa do Mundo de Futebol de 2014. Através destas caixas as seleções entram definitivamente em sala de aula! Vale observar aqui, que os alunos não ficarão restritos às fontes disponibilizadas nas caixas, elas servirão para o desenvolvimento da pesquisa, mas também como um estímulo para que de forma autônoma os estudantes busquem outras fontes e principalmente desenvolvam na prática uma consciência investigativa no que se refere ao tratamento das mesmas.

Para tal, serão dados os seguintes passos prévios:

PASSO 1- A elaboração da Caixa Histórica nomeada “A Copa de 1950” que será composta pelas seguintes fontes:

- 1- Fotos da construção do Maracanã e do projeto finalizado em 1950. Dados do custo da obra serão anexados.
- 2- Escalação completa dos atletas brasileiros contendo os clubes que defendiam quando foram convocados para disputa do Mundial.
- 3- Lista com as cidades-sede e os estádios da Copa.
- 4 - Campanha da seleção destacando as cidades que receberam os jogos do Brasil.(fotos da seleção serão anexadas)
- 5- Gráficos e informações contendo o número de aeroportos, frota de veículos e malha ferroviária do país à época do Mundial.
- 6- Reprodução do ingresso da final da Copa. (o preço do ingresso mais barato será anexado)
- 7-Crônicas e (ou) textos esportivos produzidos sobre a derrota do Brasil contra o Uruguai.
- 8- Um pen drive, contendo o curta metragem “Barbosa”.

PASSO 2- A elaboração da caixa histórica “A Copa de 14” que será composta de:

- 1- Fotos das obras do Maracanã e do projeto finalizado para a Copa. Dados do custo da obra serão anexados.
- 2- Escalação completa dos atletas brasileiros contendo os clubes que defendiam quando foram convocados para disputa do Mundial.
- 3- Lista com as cidades-sede e os estádios da Copa.
- 4- Campanha da seleção destacando as cidades que receberam os jogos do Brasil.(fotos da seleção serão anexadas)
- 5- Gráficos e informações contendo o número de aeroportos, frota de veículos e malha ferroviária do país à época do Mundial.
- 6- Reprodução do ingresso da final da Copa. (o preço do ingresso mais barato será anexado)
- 7-Crônicas e (ou) textos esportivos produzidos sobre a derrota do Brasil para a Alemanha por 7x1.
- 8- Manchetes de jornais esportivos e não esportivos, do dia seguinte ao 7x1.
- 9- Pen drive contendo comentários de jornalistas mulheres durante a copa de 2014.

PASSO 3-A turma será dividida em cinco grupos de trabalho, são eles:

Gt1- integração e mobilidade- O Brasil e os “Brasis”

Gt2- cronistas esportivos- o impacto das duas maiores derrotas do esporte nacional

Gt3- escalações – o futebol como símbolo da globalização

Gt4 - futebol é coisa só pra homem? – as mulheres no “mundo do futebol” em 1950 e em 2014.

Gt5- a elitização do futebol – pra sempre o esporte do povo?

PASSO 4- Os alunos analisarão as fontes das caixas históricas e selecionarão aquelas que possuem relação direta com o foco de seu trabalho. A partir das fontes selecionadas cada grupo produzirá um texto que será anexado a um painel comparativo que permitira uma visualização de cinco eixos temáticos que tem por objetivo levantar dados que contribuam para a reflexão sobre as seguintes questões:

1-O que era o Brasil em termos de integração regional e mobilidade em 1950? O que é o Brasil nestes mesmos termos hoje? Quais são as permanências e rupturas?

2-Como as crônicas e textos esportivos retratam as duas maiores derrotas do esporte brasileiro em toda sua história? Quais as semelhanças e diferenças? Que impactos essas derrotas tiveram na memória coletiva e na identidade nacional a partir da análise dos textos e das crônicas?

3-O que um olhar mais atento sobre as convocações das copas de 1950 e 2014 podem nos dizer sobre a globalização e a inserção do Brasil neste processo?

4-O futebol nasceu como esporte elitista virou o mais popular do planeta, ficou elitista de novo?

5-As mulheres e o futebol no Brasil, qual era a participação feminina no cenário futebolístico em 1950 e em 2014?

A ideia inicial era a de desenvolver essa atividade no contra turno, mas percebemos que o grande desafio e o grande objetivo desta proposta é a de encaixar esse tipo de reflexão no currículo, articulada aos conteúdos trabalhados pelos estudantes desta série.

Para o desenvolvimento a contento da proposta serão necessários quatro tempos de aula, dois deles em uma semana de apresentação da proposta aos alunos, disponibilização das caixas históricas e das fontes colocadas dentro delas. Os estudantes terão o prazo de um mês para selecionar as fontes que considerem pertinentes ao seu grupo de trabalho, coletar outros dados e produzir um texto que será entregue ao professor em data estipulada.

Pretendemos adotar esta experiência metodológica quando estivermos trabalhando o conteúdo denominado pela historiografia e presente em materiais didáticos com o título de “República Liberal” ou “Intervalo Democrático” que se estende de 1946 a 1964. No dia da entrega serão necessários mais dois tempos de aula para o recolhimento dos trabalhos, debate sobre o painel comparativo e um parecer dos grupos sobre a atividade realizada.

3.4 Objetivo Final do Trabalho

OBJETIVO FINAL: Depois que os grupos finalizarem seus trabalhos eles serão reunidos e ajudarão a compor um painel comparativo do Brasil em 1950 e 2014 a partir dos eixos temáticos descritos acima. Os alunos analisarão fontes, problematizarão temas e produzirão um material tendo como ponto principal de investigação o esporte, ou seja, eles farão uma história através do esporte, além disso, visamos fomentar e debater a importância do trabalho com fontes, consolidando entre os jovens estudantes experiências palpáveis envolvendo o processo de seleção, análise confrontação e alcance de diversos tipos de fontes a fim de visualizarem de forma mais concreta métodos de produção e difusão do conhecimento histórico e o entendimento do conceito de historicidade nos eventos esportivos.

REFERÊNCIAS:

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ, MAUAD, 2002.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. Introdução, p.15-27 e capítulo 5 da Segunda Parte-“locais” –p.317-361.

BARROS, José d’Assunção. O campo da história. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. História Comparada: um novo modo de ver e fazer a história. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.1-30, jun.2007.

BATALLOSO, Juan Miguel. Didáctica deconstructiva y complejidad: Algunos principios. In: MORAES, Maria Cândida; BATALLOSO, Juan Miguel (org.). Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: teoria e prática docente. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2010.

BITTENCOURT, Circe. “Aprendizagens em História”. IN: BITTENCOURT, C.

Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Ed. Cortez, 2004, p. 183.

BLOCH, Marc. Para uma História Comparada das Sociedades Européias. In: _____. História e Historiadores. Lisboa: Teorema, 1998. p. 47-63.

BURITI, Maria do Socorro Leite. Variáveis que influenciam o comportamento agressivo de adolescentes nos esportes. In BURITI, Marcelo de Almeida (Org.). Psicologia do Esporte. Campinas: Editora Alínea, 2ª Edição, 2001.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? *Anos 90*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.129-150, dez. 2008.

CAINELLI, Marlene Rosa; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004.

CASSIOLATO, J.E.; LASTRES, H.M.M. Tecnoglobalismo e o papel dos esforços de P&D&I das multinacionais no Brasil. *Parcerias Estratégicas*, n. 22, 2005.

CASTELLANI, L. F. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. São Paulo: Papirus, 1991.

_____. Esporte e Mulher. In.: TAMBUCCI, L.P; OLIVEIRA, J. G. M; SOBRINHO, J. C. (Orgs). *Esporte e Jornalismo*. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

CERETO MP. Arquitetura de massas: o caso dos estádios brasileiros. 2004. 113f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

COALTER, F. (2007). *A wider social role for sport: Who's keeping the score?* London, UK: Routledge.

COSTA, M. S. (2008). Um Índice de Mobilidade Urbana Sustentável. Tese (Doutorado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

COUTO, André Alexandre Guimarães. Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). Tese de Doutorado, 347 p. Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2007.

DARBY, Paul. *Africa, football and FIFA: politics, colonialism and resistance*. Londres: Frank Cass, 2002.

Del Priore, Mary. *Uma breve história do Brasil* / Mary del Priore,. Renato Venancio. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DEVIDE et al. Produção de sentidos sobre a visibilidade de mulheres atletas no jornalismo esportivo: interpretações a partir do caderno de esporte do jornal “O Globo”. In: ROMERO, E.; PEREIRA, E. G.B. (Orgs.). *Universo do corpo: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Shape/Faperj, 2008. p. 401-416.

_____. História das mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais. 347 p. Tese de Doutorado - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

DOUGAN, Andy. *Futebol e guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas*. Trad. Maria Inês Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DRUMOND, Maurício. Futebol e política, nações em jogo. Revista IHGB. Rio de Janeiro, v. 439, p. 37-58, 2008.

ELIAS, Norbert Sobre o tempo. Michael Schröter (ed.). Tradução de Vera Ribeiro e revisão de Andréa Daher. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

_____. (1993). O processo civilizador - formação do estado e civilização (vol. 1), Rio de Janeiro: Jorge Zahar.I

FAUSTO, Boris (1995). História do Brasil. São Paulo, EDUSP.

_____. História concisa do Brasil. [S.l: s.n.], 2001.

FLORES, Elio Chaves. Dos feitos e dos ditos: História e Cultura Histórica. In: Saeculum – Revista de História, ano 13, n°. 16. João Pessoa: Departamento de História/ Programa de Pós-Graduação em História/ UFPB, jan./ jun. 2007, p. 83-102.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de história. Campinas, SP: Papirus, 2005.

FONSECA, Vivian Luiz. Capoeira sou eu': memória, identidade, tradição e conflito. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.

FRONZA, Marcelo; RIBEIRO, Renilson. Aulas de História: a formação de alunos-leitores de mundo na contemporaneidade. Espaço pedagógico, v. 21, n. 2, Passo Fundo, p. 304-317, jul./dez. 2014.

GENOVEZ, Patrícia Falco . Os desafios de Clio: o esporte como objeto de estudo da História. Revista Eletrônica de História do Brasil, Juiz de Fora, v. 2, n.1, 1998.

GIULIANOTTI, R.; ROBERTSON, R. Football & Globalization. London: Sage, 2009.

_____. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

_____. (2005) Sport: a critical sociology. Cambridge: Polity Press.

GOMES, Angela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (org.). Cultura política e

leituras do passado: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GOODSON, Ivor F. Ensino, currículo, narrativa e o futuro social. In: as políticas de currículo e de escolarização. Petropolis-RJ: Vozes, 2008. P. 141-157.

GOODSON, Ivor. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A (org.). Vida de Professores. Portugal: Porto Editora, 1995c.

GUMBRECHT, Ulrich. “ Depois de Depois de aprender com a história, o que fazer com o passado agora?” . In Fernando Nicolazzi, helena Miranda Mollo e Valdei Lopes de Araújo. Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p.25-42.

HOBBSAWN, Eric J & RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro, Fund. Biblioteca Nacional, 2005.

HOLMES, Judith. Olimpíada – 1936: glória do Reich de Hitler. História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1974 (série conflito humano, v.3.)

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira; In. Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (orgs). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 191-212).

KOCKA, Jurgen. “Comparison and beyond”. In: History and Theory 42:39-44, feb. 2003. {trad. Maria Elisa Bustamante}

KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014. 352 p.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 97-114.

KOSSOY, Boris. A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo, Museu da Ind. Com. e Tecnologia de São Paulo, 1980.

LAGNY, Michèle. O Cinema como Fonte de História. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian. Cinematógrafo: um olhar sobre a História. Salvador, São Paulo: EDUFBA/Editora UNESP, 2009.

LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. IN: NOVAES, Adauto (org). Tempo e História. São Paulo: Cia. das|. Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MALAIA, João Manuel; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil: reflexões. Revista Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 17, n. 34

MAGUIRE, J. Globalización y creación del deporte moderno. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, ano 9, No. 67 – dez.2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd67/global.htm>. Acesso em 06/11/2020.

MARQUES, José Carlos. Do complexo de vira-latas à “nossa” Taça do Mundo. In: CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim!” leitores, autores, aulas como texto e ensino-aprendizagem em História. Disponível em: [WWW.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v. 11, n. 21](http://WWW.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v.11,n.21), 27/06/2007. Acesso em: 20/11/2018.

MELO, V. A.; FORTES, R. História do esporte: panoramas e perspectivas. Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

_____. et al. Pesquisa histórica e história do esporte. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

_____. O trato do esporte nos simpósios da Associação Nacional de História (ANPUH). Recorde: Revista de História do Esporte, v. 9, p. 1-25, 2016.

Menezes M. A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol.15, n.32, jul./dec, 2009.

MONTEIRO, Ana Maria. Os saberes que ensinam: o saber escolar. In: *Professores de História – entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro. Mauad X, 2002, p. 81 – 111.

MOTA, C. G.; LOPEZ, A. *História do Brasil. Uma interpretação*. Prefácio de Alberto da Costa e Silva. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: Simões. A. C. (Org). *Mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p. 123-154.

MURAD, Maurício. Jogos Olímpicos e política um dia de setembro. In: Victor Andrade de Melo e Fabio de Faria Peres (org.) *O esporte vai ao cinema*. São Paulo: SENAC SP, 2005.

NICOLESCU, Basarab. *Projeto CIRET-UNESCO: evolução transdisciplinar da universidade*. Bangkok: Chulalongkorn University, 1997.

ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008, 10ª. ed.

_____. Globalização: notas sobre um debate. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília. v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr.2009.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. *Revista de História*, São Paulo, n. 153, p. 11-33, dec. 2005.

RIBEIRO, Luiz (Org.). *Futebol e globalização*. Jundiaí: Fontoura, 2007.

ROMERO, E. A (In)Visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p. 213-252.

RÜSEN, Jörn. *História viva. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Trad. Estevão de R. Martins. Brasília: Ed. UnB, 2007.

_____. ¿Qué es la cultura histórica?: reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. In: FÜSSMANN, Klaus; GRÜTTER, Heinrich T.; RÜSEN, Jörn (Ed.) *Historische Faszination: Geschichtskultur heute*. Weimar:Böhlau, 1994. p.3-26 (trad. esp. por F. Sánchez Costa e Ib Schumacher).

Sacks, Oliver . *O Rio da Consciência*, publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2017.

SÁNCHEZ COSTA, Fernando. “La cultura histórica. una aproximación diferente a la memoria colectiva”. In *Pasado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea*, 8, 2009, pp. 267-286

SÁNCHEZ COSTA, F. (2013). "La fragua de la identidad: Memoria, conciencia histórica y cultura histórica". En Sánchez Costa, F. y J-L. Palos, eds. *A vueltas con el pasado. Historia, memoria y vida*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, pp. 185-211.

SÁNCHEZ MARCOS, F. (2012). *Las huellas del futuro. Os traços do futuro Historiografia y cultura histórica en el siglo XX. Historiografia e cultura histórica no século XX*. Barcelona: Edicions i Publicacions de la Universitat de Barcelona. Barcelona: Edições e Publicações da Universitat de Barcelona.

SÁNCHEZ MARCOS, F. (2009). "Cultura Histórica" . "Cultura Histórica" . Culturahistorica.es

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais*. *Sociologia&Antropologia*, Rio de Janeiro, v.04.02: 391 – 431, outubro, 2014.

SECCO, Lincoln (Org.). *História do PT*. Cotia: Ateliê, 2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. (Orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política. A construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

SIMAN, Lana Mara de Castro. *A temporalidade Histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino*. In: *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas, SP: Alínea, 2005.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo:** construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

Souza. JONER, H.; FREITAS, Giovana S. A ECONOMIA BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UM OLHAR ESTENDIDO ATÉ A CRISE DE 2015. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE - Ano XX – V. 2 - N. 40 - Agosto de 2018 - Salvador, BA – p. 10 – 27.

SUANNO, João Henrique. Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras. Tese de Doutorado. Defesa em 09 de maio de 2013. Orientação da Profa. Dra. Maria Cândida Moraes. Brasília/DF: Universidade Católica de Brasília – UCB, 2013.

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira and VOTRE, Sebastião Josué. Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby. Rev. Bras. Ciênc. Esporte [online]. 2015, vol.37, n.3, pp.258-264.

THEML, N.; BUSTAMANTE, R. M. da C. História comparada: olhares plurais. Phoênix, UFRJ, n. 10, p. 9-30, 2004.

VAMPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. Revista Tempo. Niterói, v.19, n.34, p. 5-17, 2013.

ANEXO I – Caixa Histórica 1950 – Exemplos de Fontes Disponibilizadas



Fonte: FIFA. Disponível em : <https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil1950/>. Acesso em 03/11/2020.

ESTÁDIOS E CIDADES-SEDE



Construção do Estádio do Maracanã (1949). Fotografia encontrada no livro Rio de Janeiro- uma viagem no tempo, de Fernando da França Leite.

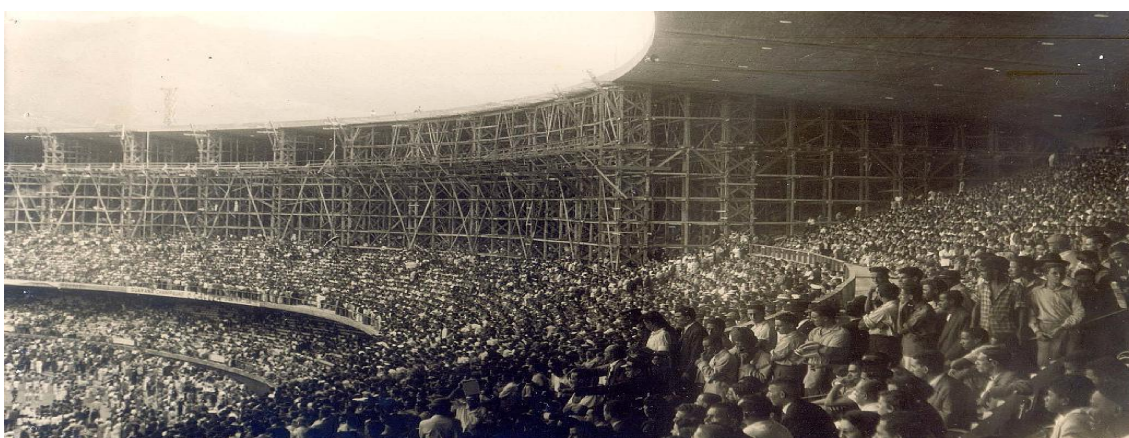


Imagem da arquibancada com muitos andaimes na partida Brasil X México (primeiro jogo da Copa, de 24/06/1950), que teve 81.650 pagantes. Foto: Acervo Herculano Gomes/SUDERJ/VEJA. Fonte: LEPIANI, Giancalo. Maracanã abre as portas ainda em obras. Disponível em : <https://medium.com/museu-do-futebol/70-curiosidades-nos-70-anos-da-copa-de-1950-ef02e7495cc1>. Acesso em 04/06/2020.



MARACANÃ – RIO DE JANEIRO (Reprodução/CBF) – disponível em:
<https://arquivancadasdobrasil.wordpress.com/2015/08/11/estadios-da-primeira-copa-do-mundo-no-brasil/>.
Acesso em 15/10/2020.



PACAEMBU- SÃO PAULO - Divulgação/Prefeitura de São Paulo - disponível em:
<https://arquivancadasdobrasil.wordpress.com/2015/08/11/estadios-da-primeira-copa-do-mundo-no-brasil/>.
Acesso em 15/10/2020.



INDEPENDÊNCIA – BELO HORIZONTE - (Reprodução/CBF)- disponível em:

<https://arquibancadasdobrasil.wordpress.com/2015/08/11/estadios-da-primeira-copa-do-mundo-no-brasil/>.

Acesso em 15/10/2020.



VILA CAPANEMA – CURITIBA - Divulgação/Paraná Clube - disponível em:

<https://arquibancadasdobrasil.wordpress.com/2015/08/11/estadios-da-primeira-copa-do-mundo-no-brasil/>.

Acesso em 15/10/2020.



ILHA DO RETIRO – RECIFE - disponível em :

<https://arquibancadasdobrasil.wordpress.com/2015/08/11/estadios-da-primeira-copa-do-mundo-no-brasil/>.

Acesso em 15/10/2020.



ESTÁDIO DOS EUCALIPTOS – PORTO ALEGRE -Reprodução/Flickr - disponível em:
<https://arquibancadasdobrasil.wordpress.com/2015/08/11/estadios-da-primeira-copa-do-mundo-no-brasil/>.
Acesso em 15/10/2020.

VALOR DAS OBRAS , MÉDIA DE PÚBLICO E INGRESSOS

CUSTO TOTAL DAS OBRAS (EM VALORES ATUALIZADOS) – COPA DE 1950	R\$ 437,5 milhões
---	--------------------------

Para chegar aos valores atualizados, a conta feita pelos autores – os jornalistas Beatriz Farrugia, Diego Salgado, Gustavo Zucchi e Murilo Ximenes – foi a seguinte: pegou-se o valor total das obras e dividiu-se pelo salário mínimo vigente na época. Depois, pegou-se o número resultante e multiplicou-se pelo valor do salário mínimo atual.

Dados disponíveis em: FARRUGIA, Beatriz; SALGADO, Diego; ZUCCHI, Gustavo; XIMENEZ, Murilo. **1950**: o preço de uma Copa. São Paulo: Letras do Brasil, 2014. & RIZZO, M. DE 1950:: Relatório oficial da Copa do Mundo de 1950, arquivado pela FIFA, permite traçar paralelo na organização dos Mundiais no Brasil.. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/71969-de-1950.shtml>>. Acesso em: 15/10/ 2020.

CUSTO DAS OBRAS DO MARACANÃ (EM VALORES DA ÉPOCA) – COPA DE 1950	Orçamento inicial -150 milhões de cruzeiros. Valor final – aproximadamente - 230 milhões de cruzeiros.
--	---

Dados disponíveis em: FARRUGIA, Beatriz; SALGADO, Diego; ZUCCHI, Gustavo; XIMENEZ, Murilo. **1950**: o preço de uma Copa. São Paulo: Letras do Brasil, 2014. & RIZZO, M. DE. 1950: Relatório oficial da Copa do Mundo de 1950, arquivado pela FIFA, permite traçar paralelo na organização dos Mundiais no Brasil.. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/71969-de-1950.shtml>> . Acesso em: 15/10/ 2020.

ESTÁDIO	CIDADE	CAPACIDADE
Maracanã	Rio de Janeiro	155 mil
Pacaembu	São Paulo	60 mil
Ilha do Retiro	Recife	18 mil
Independência	Belo Horizonte	15 mil
Durival de Brito	Curitiba	13 mil
Eucaliptos	Porto Alegre	12 mil

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1950-brasil.html>.
Acesso em 30/10/2020.

JOGOS DOS BRASIL NA COPA DE 1950		
SEDE	MÉDIA DE PÚBLICO	MÉDIA DE PREÇOS DE INGRESSOS
Rio de Janeiro	137.917	CR\$ 35,14 (R\$ 34,98)
São Paulo	43.032	CR\$ 36,51 (R\$ 36,34)

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1950-brasil.html>.
Acesso em 30/10/2020.

JOGOS DE OUTRAS SELEÇÕES NA COPA DE 1950		
SEDE	MÉDIA DE PÚBLICO	MÉDIA DE PREÇOS DE INGRESSOS
Rio de Janeiro	41.318	CR\$ 33,47 (R\$ 33,31)
São Paulo	25.266	CR\$ 36,22 (R\$ 36,05)
Curitiba	8.707	CR\$ 38,60 (R\$ 38,42)
Recife	8.501	CR\$ 33,88 (R\$ 33,72)
Belo Horizonte	7.590	CR\$ 30,92 (R\$ 30,78)
Porto Alegre	7.329	CR\$ 28,34 (R\$ 28,21)

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1950-brasil.html>.
Acesso em 30/10/2020.

OS NÚMEROS DE BRASIL X URUGUAI NA FINAL DE 1950	
SETOR	PESSOAS
Total	173.850
Camarote para 5 pessoas	435
Cadeira coberta	14.643
Cadeira descoberta	0
Arquibancada	123.312
Meia-arquibancada	0
Geral	30.045
Estudante	730
Militar	4.685
RENDA	CR\$ 6.272.959,00 (R\$ 6.243.840,59)

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1950-brasil.html>.
Acesso em 30/10/2020.

INGRESSOS DA FINAL



Disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/ficheiro:ingresso_copa_do_mundo_fifa_1950_-_brasil_x_uruguai.jpg. Acesso em 15/10/2020.

CAMPANHA DA SELEÇÃO, TABELA E CLASSIFICAÇÃO DO MUNDIAL

DATA	FASE	JOGOS
24/06/1950	1ª fase	Brasil  4 x 0  México
28/06/1950	1ª fase	Brasil  2 x 2  Suíça
01/07/1950	1ª fase	Brasil  2 x 0  Iugoslávia
09/07/1950	Fase final	Brasil  7 x 1  Suécia
13/07/1950	Fase final	Brasil  6 x 1  Espanha
16/07/1950	Fase final	Brasil  1 x 2  Uruguai

Fonte FIFA. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil1950/matches/#groupphase>

<https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil1950/matches/#groupphase2>. Acesso em 30/10/2020.

Grupo 1										Grupo 2									
Pos.	Seleção	Pts	J	V	E	D	GP	GC	SG	Time	Pts	J	V	E	D	GF	GS	SG	
1	 Brasil	5	3	2	1	0	8	2	6	 Espanha	6	3	3	0	0	6	1	5	
2	 Iugoslávia	4	3	2	0	1	7	3	4	 Inglaterra	2	3	1	0	2	2	2	0	
3	 Suíça	3	3	1	1	1	4	6	-2	 Chile	2	3	1	0	2	5	6	-1	
4	 México	0	3	0	0	3	2	10	-8	 Estados Unidos	2	3	1	0	2	4	8	-4	

Grupo 3										Grupo 4									
Time	Pts	J	V	E	D	GF	GS	SG		Time	Pts	J	V	E	D	GF	GS	SG	
 Suécia	3	2	1	1	0	5	4	1		 Uruguai	2	1	1	0	0	8	0	8	
 Itália	2	2	1	0	1	4	3	1		 Bolívia	0	1	0	0	1	0	8	-8	
 Paraguai	1	2	0	1	1	2	4	-2											

Quadrangular final									
Time	Pts	J	V	E	D	GF	GS	SG	
 Uruguai	5	3	2	1	0	7	5	2	
 Brasil	4	3	2	0	1	14	4	10	
 Suécia	2	3	1	0	2	6	11	-5	
 Espanha	1	3	0	1	2	4	11	-7	



Fonte FIFA. Tabela do mundial de 1950. Disponível em:
<https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil1950/groups/>

ATLETAS CONVOCADOS E CLUBES ONDE ATUAVAM

Goleiros

Barbosa:Clube - Vasco da Gama – Rio de Janeiro.

Castilho:Clube - Fluminense – Rio de Janeiro.

Zagueiros

Augusto:Clube - Vasco da Gama – Rio de Janeiro.

Ely:Clube - Vasco da Gama- Rio de Janeiro.

Juvenal:Clube - Flamengo- Rio de Janeiro.

Nena:Clube - Internacional- Rio Grande do Sul.

Nílton Santos:Clube - Botafogo – Rio de Janeiro.

Meio-campistas

Bauer:Clube - São Paulo – São Paulo.

Bigode:Clube - Flamengo – Rio de Janeiro.

Danilo:Clube - Vasco da Gama- Rio de Janeiro.

Noronha:Clube - São Paulo- São Paulo.

Rui:Clube - São Paulo – São Paulo.

Atacantes

Adãozinho:Clube - Internacional – Rio Grande do Sul.

Ademir de Menezes:Clube - Vasco da Gama – Rio de Janeiro.

Alfredo:Clube - Vasco da Gama – Rio de Janeiro.

Baltazar:Clube - Corinthians – São Paulo.

Chico:Clube - Vasco da Gama – Rio de Janeiro.

Friaça:Clube - São Paulo – São Paulo .

Jair:Clube - Palmeiras – São Paulo.

Maneca:Clube - Vasco da Gama – Rio de Janeiro.

Rodrigues:Clube - Palmeiras – São Paulo.

Zizinho:Clube - Bangu – Rio de Janeiro.

Técnico – Flavio Costa

Fonte FIFA. Dados disponíveis em: MOURA, Gisella de Araujo. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.



O Uruguai, campeão mundial de 1950. Da esquerda para a direita, em pé: Obdulio Varela, Juan López (técnico), Tejera, Romeo Vásquez (preparador físico), Carlos Alate (massagista), Gambetta, Matías González, Máspoli, Rodríguez Andrade e um dirigente uruguaio. Agachados: Juan Kischberg (massagista), Ghiggia, Júlio Perez, Míguez, Schiaffino, Morán e o massagista Ernesto Fígoli. Fonte: LANCELOTTI, Silvio. Espanha 82: o Brasil e as Copas do Mundo. São Paulo: Caminho Editorial; Isto É, 1982. p. 35. Dados da legenda obtidos de MOURA, Gisella A. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Caderno de fotos, p. 10.



16 de julho de 1950. O Brasil enfrenta o Uruguai diante da maior torcida já registrada em um evento esportivo, com a mesma equipe que havia goleado a Espanha, três dias antes. Da esquerda para a direita, em pé: Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer, Danilo e Bigode; sentado e cortado na foto: Johnson (massagista); agachados: Friaça, Zizinho, Ademir, Jair, Chico e o massagista Mário Américo. À frente de Ademir, está o menino Orlando Loureiro, filho do barbeiro do Vasco. Foto: Direitos Reservados. Fonte: MORAES NETO, Geneton. Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 18. Informação sobre o nome do menino que aparece na foto: PERDIGÃO, Paulo. Anatomia de uma derrota. Porto Alegre: L&PM, 2000. p. 262.

TEXTOS, CRÔNICAS E MANCHETES DE JORNAIS E PERIÓDICOS

BRASIL, CAMPEÃO DO MUNDO DE 1950

O "PROGNOSTICO" QUE IMPÕEM OS FATOS APESAR DO VALOR DOS OUTROS CANDIDATOS AO TÍTULO

O mundo esportivo inteiro está olhando para o Brasil onde, como escrevemos na semana próxima passada, os footballers desta nação estão com o dever (e com uma excelente probabilidade) de coroar-se campeões do mundo do esporte verdadeiramente nacional deste grande país.

Tínhamos chegado a esta conclusão normal e tranquila que a Taça Jules Rimet 1950 permitia classificar seus competidores sob os rótulos seguintes: favorito — Brasil; outros candidatos "serios" à vitória: — Inglaterra — Itália e Uruguai; outsiders: — Espanha — Iugoslávia e talvez Paraguai ou Suécia; "sacrificados": — México — Chile — Estados Unidos — Suíça e Bolívia.

No momento que estamos escrevendo estas linhas, só conhecemos os resultados da primeira rodada, cujos vencedores foram os que deviam ser com a única exceção tradicional num certame desta envergadura. Exceção, con-

De Albert LAURENCE

O Brasil, depois como antes da sua vitória fácil sobre o México, fica o grande favorito dos peritos que julgam com o cérebro e não com o coração.

A Inglaterra está se preparando com o cuidado e a seriedade legendários ao prelo difícil contra a Espanha. Tornei a ver jogar o scratch britânico neste continente (frente ao Chile) exatamente como esperava. Exatamente como o tinha visto tantas vezes no Velho Mundo nestes últimos trinta anos. Uma máquina perfeita na qual o entusiasmo de um Wright e de um Mannion ou o brilho de um Flacey e de um Mortensen não conseguem plenamente desafiar o sentido humano.

sleiros no Rio quanto foi nos últimos jogos da Taça Rio Branco, apesar do grande valor dos veteranos Odúlio Varela e Maspoli.

E tomamos deste modo a conclusão prevista que Brasil e Inglaterra (ou Espanha) devem decidir o título mundial. Vamos abandonar a hipótese de uma vitória dos espanhóis sobre os ingleses, pois se trata hoje de prognósticos razoáveis, tanto quanto for possível, e não de palpites sentimentais.

Então, Brasil e Inglaterra...

Não vamos hesitar muito... Se o Brasil recuperar todas as suas forças, quero dizer, se vários jogadores atualmente contundidos ficarem bons em tempo (e estou pensando sobretudo em Zizinho, mais dois ponteiros aceitáveis e talvez a solução seja a de Baltazar center-forward com Ademar deslocado para a ponta esquerda), e se o Brasil

Globo Sportivo, 30 de junho de 1950 | Acervo jornal O Globo.

Manchete publicada no Globo Sportivo em 30 de junho de 1950, fazendo um prognóstico do título brasileiro no mundial de futebol. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/globo/104710>. Acesso em 15/10/ 2020.

<https://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/no-templo-do-futebol-brasil-perde-copa-do-mundo-de-1950-para-uruguai-8891317>. Acesso em 17/10/ 2020.

**"A DERROTA NÃO É SÓ MINHA -
DECLARA FLAVIO - É DE TODO O BRASIL"**

UMA REVELAÇÃO SENSACIONAL: O TÍTULO FOI PERDIDO NA VESPERA

[illegible][illegible]

NOVAMENTE COM OS OLÍMPICOS



Jornal o globo em 17 de julho de 1950 página 12. Disponível em : <https://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/no-temple-do-futebol-brasil-perde-copa-do-mundo-de-1950-para-uruguai-8891317>. Acesso em 17/10/ 2020.

“Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado (...) E, de repente, chegou-me a decepção maior, a ideia fixa que se grudou de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino”. (José Lins do Rego, publicado no *Jornal dos Sports* - JS, 18/07/1950).

Fonte: *Jornal dos Sports*. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-vilao-de-sete-vidas-da-tragedia-de-1950-a-vergonha-de-2014/>. Acesso em 27/10/2020.

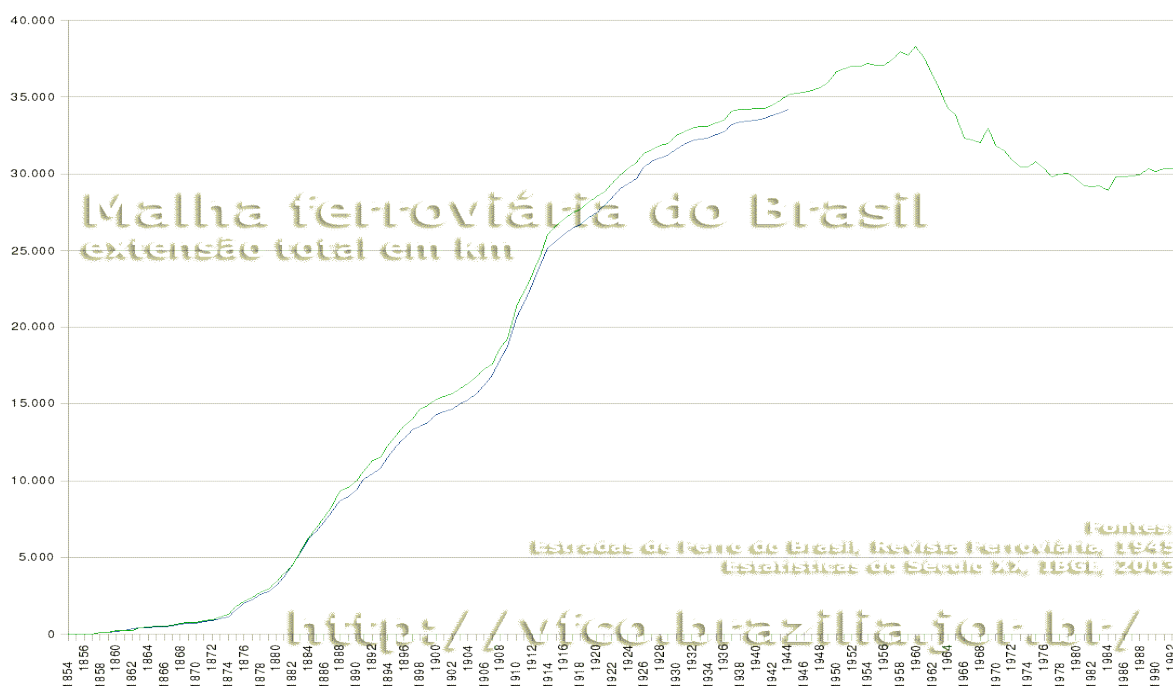
“Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaio, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1[...] E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. [...] A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma:

— temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico. Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Por que, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a

pontapés, como se vira latas fôssemos. Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

(COMPLEXO DE VIRA-LATAS (Texto editado na revista Manchete Esportiva, a 31 de maio de 1958, e republicado em À sombra das chuteiras imortais - crônicas de futebol (organização de Ruy Castro para a Cia. das Letras, São Paulo, 1993). Trata-se da última crônica antes da estreia do Brasil na Copa de 1958, que, como se sabe, foi a primeira vencida pela Seleção brasileira.)

MALHA FERROVIÁRIA, AEROVIÁRIA E RODOVIÁRIA



Evolução da malha ferroviária brasileira, segundo o suplemento Estradas de Ferro do Brasil, da Revista Ferroviária, 1945 (em escuro); e as Estatísticas do Século XX, do IBGE (verde). Disponível em: <http://vfco.vfco.com.br/Planos-Ferrovios/evolucao-quilometrica-das-ferrovias-no-Brasil.shtml>. Acesso em 30/10/2020.



Fonte: Centenário das ferrovias brasileiras IBGE / CNG, Rio de Janeiro, 1954. Disponível em: <http://vfco.vfco.com.br/Planos-Ferrovios/evolucao-quilometrica-das-ferrovias-no-Brasil.shtml>. Acesso em 30/10/2020

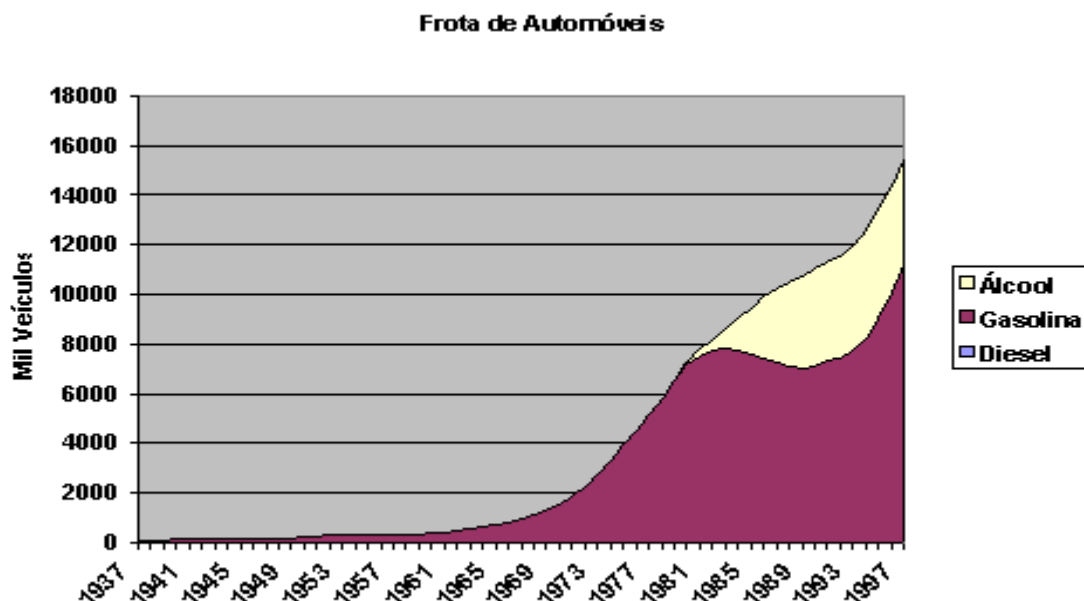
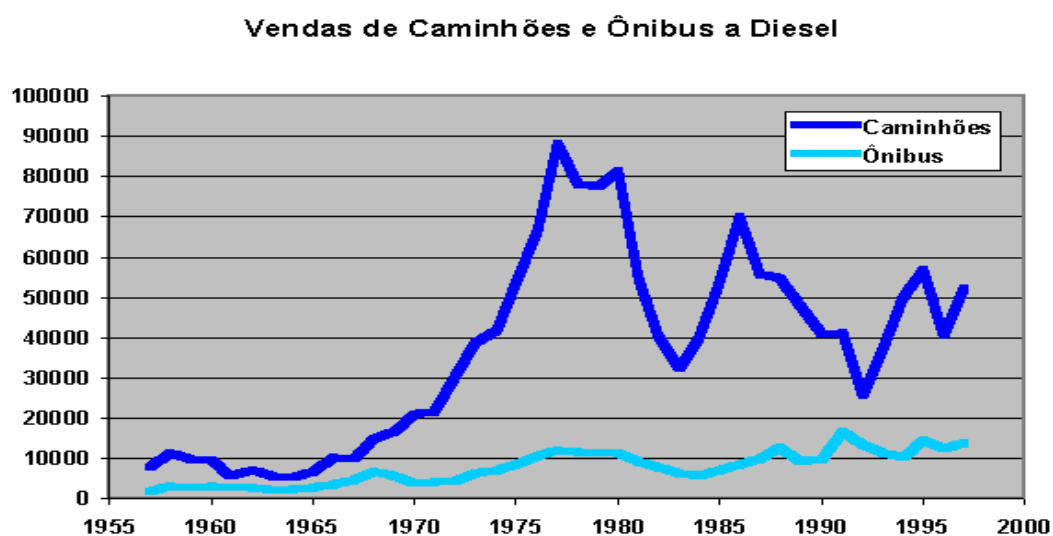


Gráfico da Composição da Frota de Automóveis por Combustível ate 1997 - Fonte: Geipot Anuários Estatísticos diversos anos, os valores para o tráfego rodoviário são estimados e houve mudança de metodologia em 1997 - Até 1980 os dados aparecem em Estatísticas Históricas do Brasil IBGE 1987. Disponível em: <https://ecen.com/eee16/frotabr.htm>. Acesso em 03/11/2020.



Vendas de fabricantes nacionais no mercado interno. Fonte: ANFAVEA, Disponível em: <https://ecen.com/eee16/frotabr.htm>. Acesso em 03/11/2020.



Aeroporto de terra em Maringá, Paraná, 1950 – Disponível em:

<https://www.portalbrasilempresarial.com.br/os-aeroportos-dos-anos-1950-no-brasil/>. Acesso em 20/10/2020

O país possuía em 1949: 23 empresas aéreas, 148 aeronaves em tráfego e 947 em serviço, além disso, o total de passageiros daquele ano foi 1.317.265.

Segundo o *anuário estatístico do Brasil em 1950*, disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1950.pdf.

AUDIOVISUAL

REDAÇÃO
M. PAULO FILHO
Redação e Oficinas — Av. Gomes Freire, 471 (ant. 81/82)
BOLSA-POR-CHIPS
COSTA RIGO

Correio da Manhã

2º CADEIRÃO RIO DE JANEIRO, SÁBADO, 17 DE JUNHO DE 1950

DIRETOR-GERENTE
MARIO ALVES
Administração — Av. Gomes Freire, 471 (ant. 81/82)
N. 1750
ANO 1.

Cariocas e Paulistas hoje, à tarde, na inauguração do Estádio Municipal

Aguardado com interesse pelo público o encontro entre os tradicionais adversários do futebol brasileiro — Os quadros escalados e o juiz.




Duas fases do exercício dos jogadores efetuado, ontem, no Fluminense

DURANTE QUARENTA MINUTOS, EXERCITARAM-SE EM CONJUNTO OS IUGOSLAVOS

2 x 1, vantagem dos titulares — Treino de 8 x 11 jogadores — Pela manhã, já no Fluminense haviam praticado rigorosos individuais

Os jogadores iugoslavos, empenhados de corpo inteiro, exercitaram-se durante 40 minutos, em conjunto, no Estádio Municipal, sob a direção do técnico brasileiro, o Sr. Paulo de Faria. Os jogadores iugoslavos, empenhados de corpo inteiro, exercitaram-se durante 40 minutos, em conjunto, no Estádio Municipal, sob a direção do técnico brasileiro, o Sr. Paulo de Faria. Os jogadores iugoslavos, empenhados de corpo inteiro, exercitaram-se durante 40 minutos, em conjunto, no Estádio Municipal, sob a direção do técnico brasileiro, o Sr. Paulo de Faria.

O GRANDE DO ESTÁDIO MUNICIPAL
O grande do Estádio Municipal, hoje à tarde, com o tradicional encontro entre os tradicionais adversários do futebol brasileiro.

O INÍCIO DO VÍDEO
A partida entre cariocas e paulistas será com o início previsto para as 13 horas e 15 minutos.

DE PORTES ABERTOS
Para que a abertura do jogo seja a grandeza que se espera, o presidente da República, general Eurico Dutra, percorrendo as dependências do Estádio, teve ocasião o numeroso público de tomar contato com o estádio então oficialmente inaugurado.

INAUGURADO OFICIALMENTE O ESTÁDIO MUNICIPAL

Presentes ao ato, o presidente da República, autoridades públicas e desportistas — Saudação do prefeito do Distrito Federal — Bênção do anfitrião pelo cardeal D. Jayme Câmara — Prosseguem os trabalhos visando os grossos retoques da construção

O jogo de futebol, hoje à tarde, sob a direção do técnico brasileiro, o Sr. Paulo de Faria, os jogadores iugoslavos, empenhados de corpo inteiro, exercitaram-se durante 40 minutos, em conjunto, no Estádio Municipal, sob a direção do técnico brasileiro, o Sr. Paulo de Faria.



O presidente da República, general Eurico Dutra, percorrendo as dependências do Estádio, teve ocasião o numeroso público de tomar contato com o estádio então oficialmente inaugurado.

AMANHÃ CHEGARÃO OS ESPANHÓIS

Madrid, 16 (U.P.) — Os jogadores espanhóis que representarão este país no Campeonato Mundial de Futebol.

UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE

A primeira visita ao estádio. Após a cerimônia inicial das autoridades, teve ocasião o numeroso público de tomar contato com o estádio então oficialmente inaugurado.

Jornal Correio da Manhã — 17 de julho de 1950.

Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do>

maracana/#:~:text=A%20inaugura%C3%A7%C3%A3o%20do%20Maracan%C3%A3%20aconteceu,Fluminense%20e%20na%20Sele%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira. Acesso e, 03/10/2020.

LINK PARA TRANSMISSÃO DA RÁDIO PAN-AMERICANA DE SÃO PAULO DO JOGO DE INAUGURAÇÃO DO MARACANÃ EM 1950 : SELEÇÃO CARIOCA X SELEÇÃO PAULISTA . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eXgDUF-jas4> . Acesso em 30/10/2020.



URL da imagem: http://www.netvasco.com.br/mauoprais/images/vasco45_barbosa.jpg. Acesso em 06/06/2019.

LINK DO FILME BARBOSA- Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=V7S9YZ2EPPk>. Acesso em 06/06/2019.

ANEXO II – Caixa Histórica 2014 – Exemplos de Fontes Disponibilizadas



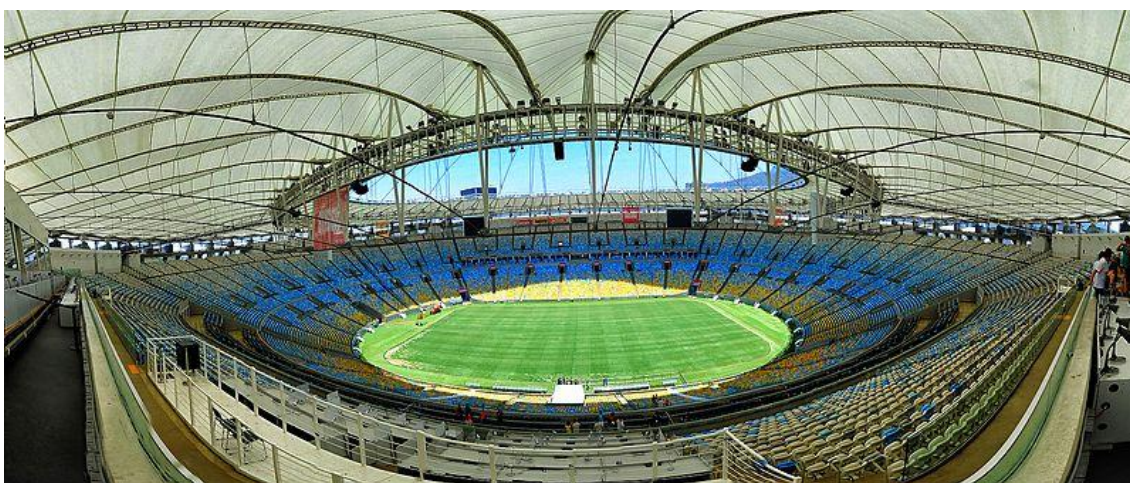
Fonte: FIFA. <https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil2014/>. Acesso em 03/11/2020.

CIDADES – SEDE E ESTÁDIOS



O estádio do Maracanã em reformas (2013). Foto: Ricardo Moraes / Reuters

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/maracana-ja-consumiu-12-bilhao-em-tres-reformas-7659643>. Acesso em 03/11/2020.



Panorama do interior do estádio – reforma concluída. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Jornalista_M%C3%A1rio_Filho. Acesso em 30/10/2020.



Fonte: FIFA. <https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil2014/>. Acesso em 12/10/2019.

Belo Horizonte - Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão)

Brasília - Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha

Cuiabá - Arena Pantanal

Curitiba - Estádio Joaquim Américo Guimarães (Arena da Baixada)

Fortaleza - Estádio Governador Plácido Castelo (Castelão)

Manaus - Arena da Amazônia

Natal - Arena das Dunas

Porto Alegre - Estádio José Pinheiro Borda (Beira-Rio)

Recife - Arena Pernambuco (Arena Pernambuco)

Rio de Janeiro - Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã)

Salvador - Arena Fonte Nova (Fonte Nova)

São Paulo - Arena Corinthians (Itaquerão)

Fonte: FIFA. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil2014/>. Acesso em 12/10/2019.

VALOR DAS OBRAS , MÉDIA DE PÚBLICO E INGRESSOS

Custo dos Estádios da Copa do Mundo de 2014

Cidade	Previsão Jan/2010 (R\$ mi)	Corrigido pelo IPCA (R\$ mi) (A)*	Valor final Dez/2014 (R\$ mi) (B)	Diferença (B-A) (R\$ mi)	Modelo de Construção
Belo Horizonte	426,10	568,84	695,00	126,16	PPP
Brasília	745,30	994,97	1.403,30	408,33	Público
Cuiabá	454,20	606,35	596,40	– 9,95	Público
Curitiba	184,60	246,44	391,50	145,06	Privado
Fortaleza	623,00	831,70	518,60	-313,10	PPP
Manaus	515,00	687,52	660,50	– 27,02	Público
Natal	350,00	467,25	400,00	– 67,25	PPP
Porto	130,00	173,55	366,30	192,75	Privado

Alegre					
Recife	529,50	706,88	532,60	– 174,28	PPP
Rio de Janeiro	600,00	800,99	1.050,00	249,01	Público
Salvador	591,70	789,91	689,40	– 100,51	PPP
São Paulo**	555,00	740,92	1.080,00	339,08	Privado
Total	5.704,40	7.615,32	8.383,60	768,28	

Fonte: Ministério do Esporte.

*Os valores foram corrigidos pelo IPCA, usando ferramenta do site do Banco Central.

** A previsão de valor para São Paulo em janeiro de 2010 foi feita com as informações disponíveis para o estádio do Morumbi (reforma do estádio e adequação do entorno), e comparada com o Itaquerão, que foi escolhido para ser a sede dos jogos em São Paulo só em novembro de 2011. Alguns valores foram corrigidos após dezembro de 2014.

JOGOS	Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3	Categoria 4	Categoria 4 (meia)	Deficiência
Abertura (jogo 1)	R\$ 990	R\$ 660	R\$ 440	R\$ 160	R\$ 80	R\$ 440
Grupo (2 a 48)	R\$ 350	R\$ 270	R\$ 180	R\$ 60	R\$ 30	R\$ 180
Oitavas (49 a 56)	R\$ 440	R\$ 330	R\$ 220	R\$ 110	R\$ 55	R\$ 220
Quartas (57 a 60)	R\$ 660	R\$ 440	R\$ 330	R\$ 170	R\$ 85	R\$ 330
Semi (61 e 62)	R\$ 1320	R\$ 880	R\$ 550	R\$ 220	R\$ 110	R\$ 550
3º/4º (jogo 63)	R\$ 660	R\$ 440	R\$ 330	R\$ 170	R\$ 85	R\$ 330
Final (jogo 64)	R\$ 1980	R\$ 1320	R\$ 880	R\$ 330	R\$ 165	R\$ 880

Fonte: FIFA. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/03/em-valor-medio-de-ingressos-ver-brasil-em-50-equivalia-77-de-2014.html>. Acesso em 12/10/2019.

Ao todo, 3.429.873 torcedores foram aos 64 jogos, média de 53.591 por partida.

Fonte: FIFA. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/07/copa-de-2014-recebe-o-segundo-maior-publico-da-historia-do-torneio.html>. Acesso em 03/11/2020.

CAMPANHA DA SELEÇÃO , TABELA E CLASSIFICAÇÃO DO MUNDIAL

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
 BRASIL	 Espanha	 Colômbia	 Uruguai
 Croácia	 Holanda	 Grécia	 Costa Rica
 México	 Chile	 Costa do Marfim	 Inglaterra
 Camarões	 Austrália	 Japão	 Itália
Grupo E	Grupo F	Grupo G	Grupo H
 Suíça	 Argentina	 Alemanha	 Bélgica
 Equador	 Bósnia-Herzegovina	 Portugal	 Argélia
 França	 Irã	 Gana	 Rússia
 Honduras	 Nigéria	 Estados Unidos	 Coreia do Sul

Fonte: FIFA. Tabela dos grupos do Mundial de 2014 – Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil2014/groups/>

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
1ª Rodada	1ª Rodada	1ª Rodada	1ª Rodada
Brasil 3 x 1 Croácia Qui 12/06/2014 17h Arena Corinthians	Espanha 1 x 5 Holanda Sex 13/06/2014 16h Fonte Nova	Colômbia 3 x Grécia 0 Sab 14/06/2014 13h Mineirão	Uruguaí 1 x 3 Costa Rica Sab 14/06/2014 16h Castelhão (CE)
México 1 x 0 Camarões Sex 13/06/2014 13h Arena das Dunas	Chile 3 x 1 Austrália Sex 13/06/2014 19h Arena Pantanal	Costa do Marfim 2 x 1 Japão Sab 14/06/2014 22h Arena Pernambuco	Inglaterra 1 x 2 Itália Sab 14/06/2014 18h Arena da Amazônia
2ª Rodada	2ª Rodada	2ª Rodada	2ª Rodada
Brasil 0 x 0 México Ter 17/06/2014 16h Castelhão (CE)	Austrália 2 x 3 Holanda Qua 18/06/2014 13h Beira Rio	Colômbia 2 x 1 Costa Marfim Qui 19/06/2014 13h Mané Garrincha	Uruguaí 2 x 1 Inglaterra Qui 19/06/2014 16h Arena Corinthians
Camarões 0 x 4 Croácia Qua 18/06/2014 18h Arena Amazônia (Manaus)	Espanha 0 x 2 Chile Qua 18/06/2014 16h Maracanã	Grécia 0 x 0 Japão Qui 19/06/2014 19h Arena das Dunas	Costa Rica 1 x 0 Itália Sex 20/06/2014 13h Arena Pernambuco
3ª Rodada	3ª Rodada	3ª Rodada	3ª Rodada
Camarões 1 x 4 Brasil Seg 23/06/2014 17h Mané Garrincha Brasília	Austrália 0 x 3 Espanha Seg 23/06/2014 13h Arena da Baixada	Japão 1 x 4 Colômbia Ter 24/06/2014 17h Arena Pantanal	Itália 0 x 1 Uruguaí Ter 24/06/2014 13h Arena das Dunas
Croácia 1 x 3 México Seg 23/06/2014 17h Arena Pernambuco	Holanda 2 x 0 Chile Seg 23/06/2014 13h Arena Corinthians	Grécia 2 x 1 Costa do Marfim Ter 24/06/2014 17h Castelhão (CE)	Costa Rica 0 x 0 Inglaterra Ter 24/06/2014 13h Mineirão
Grupo E	Grupo F	Grupo G	Grupo H
1ª Rodada	1ª Rodada	1ª Rodada	1ª Rodada
Suíça 2 x 1 Equador Dom 15/06/2014 13h Mané Garrincha	Argentina 2 x 1 Bósnia Dom 15/06/2014 19h Maracanã	Alemanha 4 x 0 Portugal Seg 16/06/2014 13h Fonte Nova	Bélgica 2 x 1 Argélia Ter 17/06/2014 13h Mineirão
França 3 x 0 Honduras Dom 15/06/2014 16h Beira Rio	Irã 0 x 0 Nigéria Seg 16/06/2014 16h Arena da Baixada	Gana 1 x 2 Estados Unidos Seg 16/06/2014 19h Arena das Dunas	Rússia 1 x 1 Coreia do Sul Ter 17/06/2014 19h Arena Pantanal
2ª Rodada	2ª Rodada	2ª Rodada	2ª Rodada
Suíça 2 x 5 França Sex 20/06/2014 16h Fonte Nova	Argentina 1 x 0 Irã Sab 21/06/2014 13h Mineirão	Alemanha 2 x 2 Gana Sab 21/06/2014 16h Castelhão (CE)	Coreia do Sul 2 x 4 Argélia Dom 22/06/2014 16h Beira Rio
Honduras 1 x 2 Equador Sex 20/06/2014 19h Arena da Baixada	Nigéria 1 x 0 Bósnia Sab 21/06/2014 19h Arena Pantanal	Estados Unidos 1 x 1 Portugal Dom 22/06/2014 18h Arena da Amazônia	Bélgica 1 x 0 Rússia Dom 22/06/2014 13h Maracanã
3ª Rodada	3ª Rodada	3ª Rodada	3ª Rodada
Honduras 0 x 3 Suíça Qua 25/06/2014 17h Arena da Amazônia	Nigéria 2 x 3 Argentina Qua 25/06/2014 13h Beira Rio	EUA 0 x 1 Alemanha Qui 26/06/2014 13h Arena Pernambuco	Coreia do Sul 0 x 1 Bélgica Qui 26/06/2014 17h Arena Corinthians
Equador 0 x 0 França Qua 25/06/2014 17h Maracanã	Bósnia 3 x 1 Irã Qua 25/06/2014 13h Fonte Nova	Portugal 2 x 1 Gana Qui 26/06/2014 13h Mané Garrincha	Argélia 1 x 1 Rússia Qui 26/06/2014 17h Arena da Baixada

Jogo	Data	Hora	Mandante	Placar	Visitante	Local	Cidade
1	28/06	13:00	Brazil 1º Grupo A	1 x 1 Penaltes (3x2)	Chile 2º Grupo B	Mineirão	Belo Horizonte
2	28/06	17:00	Colômbia 1º Grupo C	2 x 0	Uruguai 2º Grupo D	Maracanã	Rio de Janeiro
3	29/06	13:00	Holanda 1º Grupo B	2 x 1	México 2º Grupo A	Castelão	Fortaleza
4	29/06	17:00	Costa Rica 1º Grupo D	1 x 1 Penaltes (5x3)	Grécia 2º Grupo C	Arena Pernambuco	Recife
5	30/06	13:00	França 1º Grupo E	2 x 0	Nigéria 2º Grupo F	Mané Garrincha	Brasília
6	30/06	17:00	Alemanha 1º Grupo G	2 x 1	Argélia 2º Grupo H	Beira Rio	Porto Alegre
7	01/07	13:00	Argentina 1º Grupo F	1 x 0	Suiça 2º Grupo E	Arena de São Paulo	São Paulo
8	01/07	17:00	Bélgica 1º Grupo H	2 x 1	Estados Unidos 2º Grupo G	Arena Fonte Nova	Salvador

Jogo	Data	Hora	Mandante	Placar	Visitante	Local	Cidade
Q1	04/07	13:00	França Vencedor 5	0 x 1	Alemanha Vencedor 6	Maracanã	Rio de Janeiro
Q2	04/07	17:00	Brasil Vencedor 1	2 x 1	Colômbia Vencedor 2	Castelão	Fortaleza
Q3	05/07	13:00	Argentina Vencedor 7	1 x 0	Bélgica Vencedor 8	Maná Garrincha	Brasília
Q4	05/07	17:00	Holanda Vencedor 3	0 x 0 Penaltes (4x3)	Costa Rica Vencedor 4	Arena Fonte Nova	Salvador

Jogo	Data	Hora	Mandante	Placar	Visitante	Local	Cidade
S1	08/07	17:00	Alemanha Vencedor Q1	7 x 1	Brasil Vencedor Q2	Mineirão	Belo Horizonte
S1	09/07	17:00	Argentina Vencedor Q3	0 x 0 Penaltes 4x2	Holanda Vencedor Q4	Arena de São Paulo	São Paulo

Data	Hora	Mandante	Placar	Visitante	Local	Cidade
12/07	17:00	Brasil Perdedor S1	0 x 3	Holanda Perdedor S2	Mané Garrincha	Brasília

Data	Hora	Mandante	Placar	Visitante	Local	Cidade
13/07	16:00	Alemanha Vencedor S1	1 x 0	Argentina Vencedor S2	Maracanã	Rio de Janeiro

Fonte: FIFA. Disponível em : <https://www.riodejaneiroaqui.com/copa2014/tabela-resultados-copa-2014.html>. Acesso em 20/11/2019.

ATLETAS CONVOCADOS E CLUBES ONDE ATUAVAM

Goleiros

Jefferson (Botafogo- RJ)
Julio Cesar (Toronto-CAN)
Victor (Atlético-MG)

Laterais

Daniel Alves (Barcelona-ESP)
Maicon (Roma-ITA)
Marcelo (Real Madrid-ESP)
Maxwell (Paris Saint-Germain-FRA)

Zagueiros

Dante (Bayern de Munique-ALE)
David Luiz (Chelsea-ING)
Henrique (Napoli-ITA)
Thiago Silva (Paris Saint-Germain-FRA)

Meio-campistas

Fernandinho (Manchester City-ING)
Hernanes (Inter de Milão-ITA)
Luiz Gustavo (Wolfsburg-ALE)
Oscar (Chelsea-ING)
Paulinho (Tottenham-ING)
Ramires (Chelsea-ING)
Willian (Chelsea-ING)

Atacantes

Bernard (Shakhtar Donetsk-UCR)
Fred (Fluminense- RJ)
Hulk (Zenit-RUS)

Jô (Atlético-MG)
Neymar (Barcelona-ESP)

Técnico – Luiz Felipe Scolari

Fonte: CBF. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/felipao-convoca-os-23-da-copa-do-mundo-brasil-2014>. Acesso em 30/10/2020.



Seleção que começou o jogo contra a Alemanha. Em pé (da esquerda para direita); Dante, Maicon, Júlio Cesar, Fred, David Luiz, Luiz Gustavo. Agachados (da esquerda para direita) : Oscar, Fernandinho, Bernard, Marcelo e Hulk. Fonte: CBF. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/brasil-escalado-para-enfrentar-alemanha>. Acesso em 30/10/2020.

TEXTOS, CRÔNICAS E MANCHETES DE JORNAIS E PERIÓDICOS



Jornal Extra, Rio de Janeiro, 09 jul. 2014. Disponível em: <https://www.b9.com.br/50229/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>. Acesso em: 04 jun. 2020.

★ O JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA LATINA - 188 ANOS DE CREDIBILIDADE

EXEMPLAR ASSINANTE

DIÁRIO de PERNAMBUCO

FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS ASSIS CHATEAUBRIAND

QUARTA-FEIRA Recife, 9 de julho de 2014 N° 190

>> diariodepernambuco.com.br

Barbosa, descanse em paz

Moacir Barbosa Nascimento, goleiro do Brasil na Copa de 1950, morreu no dia 7 de abril de 2000 carregando para seu túmulo uma injusta culpa pela derrota contra o Uruguai no Maracanã. Uma decepção que, pensava-se, jamais seria repetida. Infelizmente, aconteceu. E foi pior. A goleada de ontem envergonhou a nação, mas redimiu Barbosa.



O PIOR DIA DO FUTEBOL BRASILEIRO



Não foi a derrota para a Alemanha que chamou atenção, mas sim a forma chocante como ela aconteceu. Uma goleada de 7 a 1 com o time brasileiro totalmente perdido em campo, abatido, dominado por uma equipe disciplinada taticamente e psicologicamente equilibrada. De quebra, Klöse marcou um e quebrou recorde de gols de Ronaldo em Copas do Mundo.

SUPERESPORTES Cl a C6 e EM POCO A3



Fotografe o QR code ao lado e acesse a página do site para fazer a sua assinatura do Diário

assinaturas:
3320.2020 (capita)
0800 2818822 (interior)

comercial:
(81) 2122 7888

classi/ider 3419 9000
classi/ider@diariodepernambuco.com.br

por uma prática sustentável,
recicle o seu



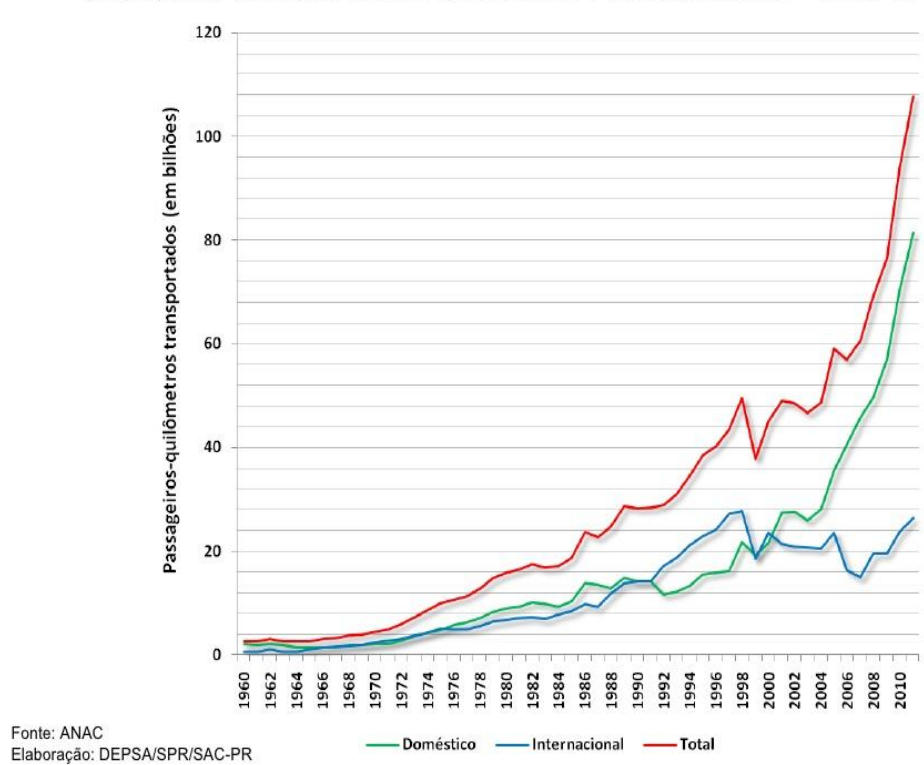
Diário de Pernambuco, Recife, 09 jul. 2014. Disponível em: <https://www.b9.com.br/50229/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>. Acesso em: 04 jun. 2020.



Jornal Meia Hora, Rio de Janeiro, 09 jul. 2014. Disponível em: <https://www.b9.com.br/50229/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>. Acesso em: 04 jun. 2020.

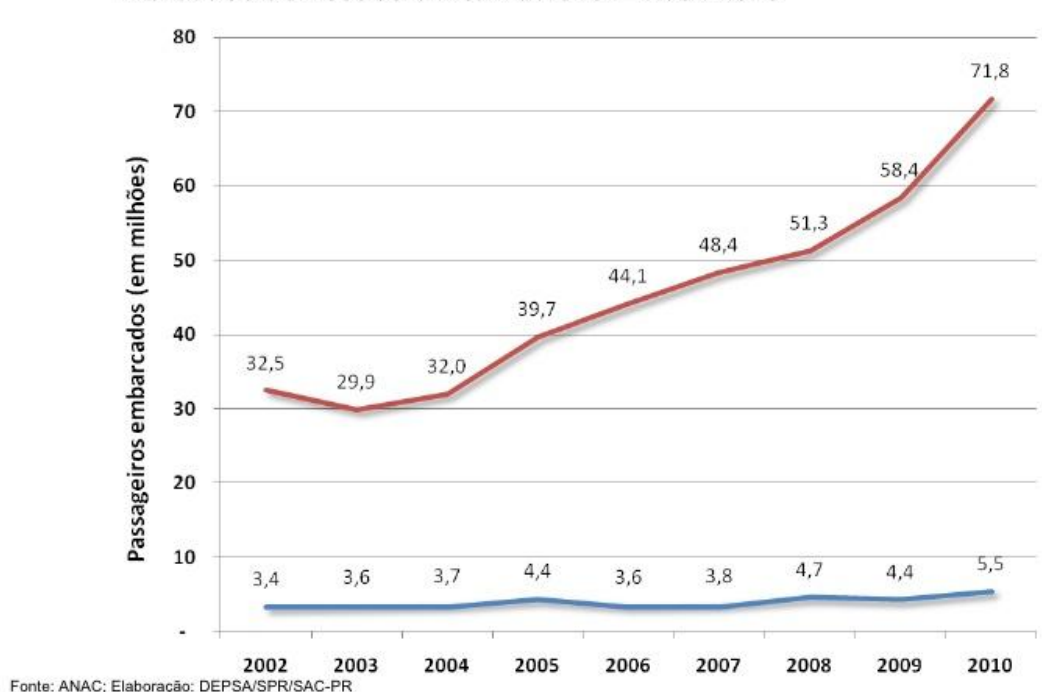
MALHA AEROVIÁRIA, FERROVIÁRIA E RODOVIÁRIA

Quantidade de passageiros-quilômetros transportados por empresas brasileiras nos mercados doméstico e internacional – 1960-2011



Fonte ANAC – disponível em: <https://pt.slideshare.net/gustavofleury/crescimento-do-mercado-brasileiro-de-aviaomaio16>. Acesso em 02/11/2020.

Quantidade de passageiros embarcados por empresas brasileiras nos mercados doméstico e internacional – 2002-2010



Fonte: ANAC – Disponível em: <https://pt.slideshare.net/gustavofleury/crescimento-do-mercado-brasileiro-de-aviaomaio16>. Acesso em 02/11/2020.

ANAC divulga malha aérea da Copa

Mais de 103 mil voos domésticos e internacionais aprovados

Mais de 103 mil voos domésticos e internacionais aprovados

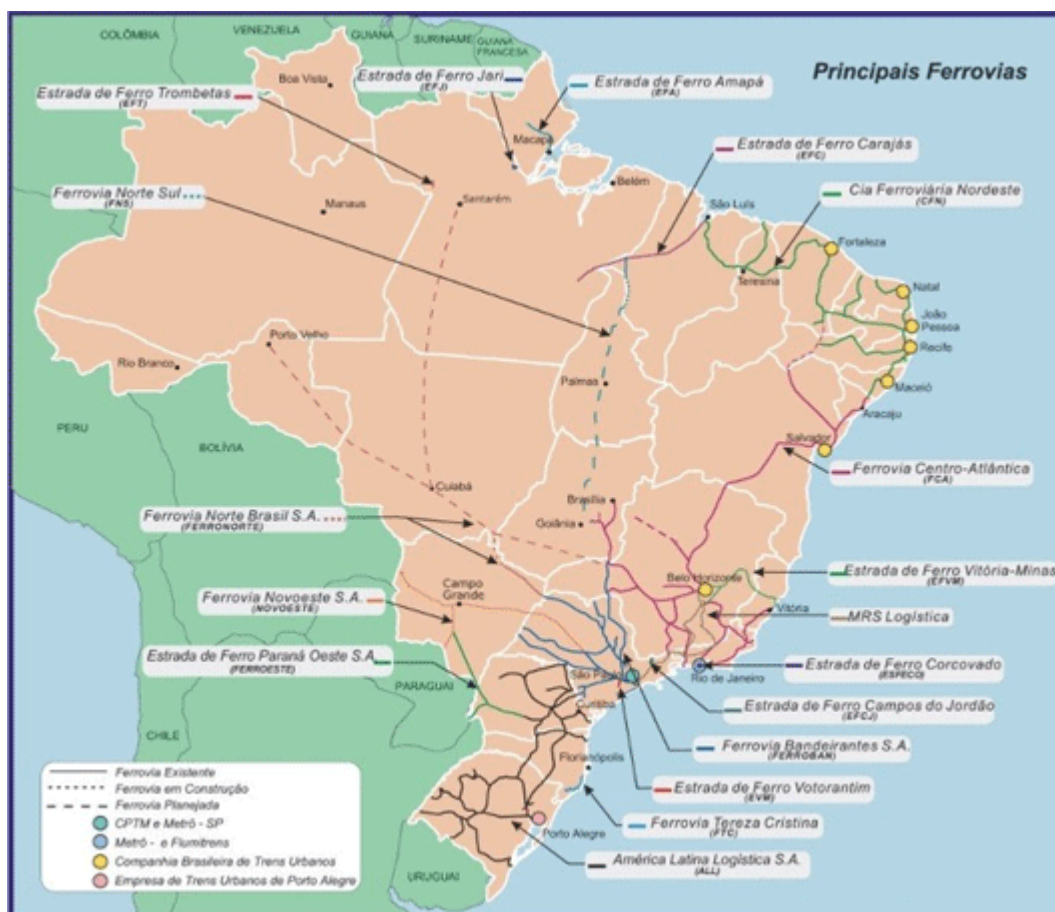
Brasília, 11 de junho de 2014 – A Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) aprovou, até o dia 09 de junho, 103.847 mil voos domésticos e internacionais em todo o país para o período da Copa do Mundo, do dia 06 de junho a 20 de julho. São mais de 14,5 milhões de assentos ofertados para o período, também em todo o país, incluindo voos internacionais.

Os pedidos de novos voos, de alterações e de cancelamentos ainda estão sendo realizados pelas companhias aéreas junto à ANAC 24h por dia, fazendo com que os dados do arquivo com a nova malha aérea se alterem diariamente. Até o momento,

existem cerca de 32 mil pedidos de voos em análise para o período. A expectativa é que, no total, cerca de 136 mil voos e 18 milhões de assentos sejam aprovados durante o mundial, volume 3,8% maior que a malha aérea habitual de 131 mil voos, ou seja, 5 mil voos a mais.

Fonte: ANAC. Disponível em: <https://www.anac.gov.br/noticias/2014/anac-divulga-malha-aerea-da-copa/>. Acesso em 06/08/2020.

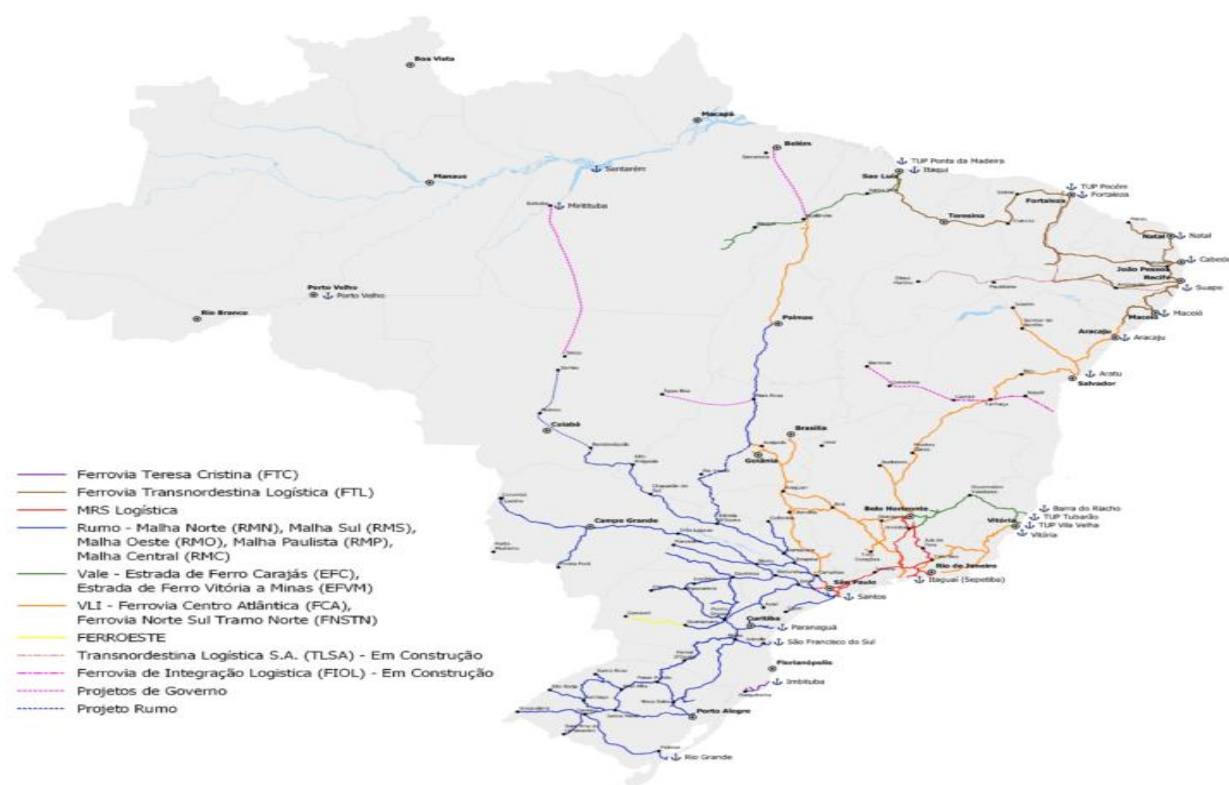
MAPA FERROVIÁRIO



O sistema ferroviário brasileiro totaliza 29.706 quilômetros, concentrando-se nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, atendendo parte do Centro-Oeste e Norte do país. Foram concedidos aproximadamente, 28.840 quilômetros das malhas.

Os dados operacionais e econômico-financeiros encontram-se disponíveis no SIAD - Sistema de Acompanhamento do Desempenho das Concessionárias de Serviços Públicos de Transporte Ferroviário.

Disponível em: <http://appweb2.antf.gov.br/carga/ferroviario/ferroviario.asp>. Acesso em 06/08/2020.



Fonte: Concessionária Associadas a ANTF. Fonte: <https://www.antf.org.br/mapa-ferroviario/>. Disponível em: <https://www.antf.org.br/mapa-ferroviario/> atualizado em 2018. Acesso em 15/10/2020.

Relatório da Frota Circulante 2017



I – Frota circulante total

O Relatório da Frota Circulante, elaborado pelo Sindipeças com dados até 2016, apontou aumento de 0,7% na frota de autoveículos brasileira, em comparação com 2015, registrando 42,9 milhões de unidades circulantes, entre automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus.

Foram registradas também 13,5 milhões de motocicletas nas ruas em 2016, valor 1,25% menor que o apurado no ano anterior.

Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores – Sindipeças
e
Associação Brasileira da Indústria de Autopeças – Abipeças

Equipe técnica
Assessoria de Economia
Mais informações

www.sindipecas.org.br/ ld-economia@sindipecas.org.br
Telefone: [55 11] 3848-4804

Frota circulante (em unidades)

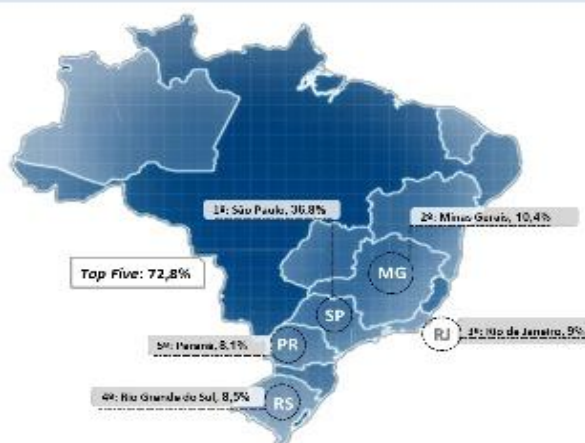
Segmento	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Var. (%) 16/15
Automóveis	24.779.932	26.868.461	28.902.101	31.124.353	33.203.162	34.389.278	35.261.145	35.601.099	1,0%
Comerciais Leves	3.492.339	3.798.382	4.106.433	4.389.290	4.700.848	4.899.701	5.055.046	5.001.828	-1,1%
Caminhões	1.377.736	1.456.649	1.577.072	1.664.778	1.769.624	1.859.642	1.881.936	1.883.864	0,1%
Ônibus	313.412	321.839	342.992	357.645	374.983	387.656	389.123	385.623	-0,9%
Total	29.963.419	32.445.331	34.928.598	37.536.086	40.048.617	41.536.277	42.587.250	42.872.414	0,7%
Motocicletas	9.451.514	10.442.473	11.659.041	12.403.574	13.055.818	13.468.113	13.638.643	13.469.778	-1,2%

Nota: as totais foram ajustadas conforme as informações agregadas de emplacamentos vindas do Denatran.

II – Ranking de frota por Estado

A frota circulante brasileira está predominantemente concentrada em cinco Estados: São Paulo, com 36,8% do total; Minas Gerais, 10,4%; Rio de Janeiro, 9%; Rio Grande do Sul, 8,5%; e Paraná, com 8,1%. Essa distribuição manteve-se inalterada entre os anos de 2015 e 2016.

Juntos, esses cinco Estados somam 72,8% de todos os autoveículos que transitam no País. Confira a seguir a distribuição da frota nas demais localidades.



Fonte: SINDIPEÇAS. Dados da frota circulante de veículos. Disponível em:
https://www.sindipecas.org.br/sindinews/Economia/2017/RelatorioFrotaCirculante_Maio_2017.pdf.
Acesso em 02/11/2020.

AUDIOVISUAL

LINK HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=aSHZIN1fRRE>. Acesso 20/06/2019

LINK PARA VÍDEOS, IMAGENS E TEXTOS CONTANDO A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL. Disponível em:
<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>. Acesso em 03/11/2020.